



Departamento de Sociologia

A Sociologia enquanto Campo de Profissionalização

Sara Franco da Silva

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de

Mestre em Ciências do Trabalho e Relações Laborais

Orientadora:

Doutora Rosário Mauritti, Professora Auxiliar,
Escola de Sociologia e Políticas Públicas
ISCTE-Instituto Universitário de Lisboa

Outubro, 2019



Departamento de Sociologia

A Sociologia enquanto Campo de Profissionalização

Sara Franco da Silva

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de
Mestre em Ciências do Trabalho e Relações Laborais

Orientadora:
Doutora Rosário Mauritti, Professora Auxiliar,
Escola de Sociologia e Políticas Públicas
ISCTE-Instituto Universitário de Lisboa

Outubro, 2019

AGRADECIMENTOS

À Professora Rosário Mauritti, minha Orientadora, com quem tive o privilégio de realizar todo este trabalho, pela dedicação incondicional que colocou neste projeto e que o tornaram possível, mas também pela disponibilidade, pelos esclarecimentos e ideias, pelas suas palavras de motivação e entusiasmo. Obrigada pela amizade, por todos os desafios, com os quais cresci e aprendi muito, e por toda a confiança em relação a mim e ao meu trabalho. Vou fazer por estar sempre à altura das expectativas. Um agradecimento muito sincero.

À minha família, à minha mãe Fátima, ao meu pai Luís, ao meu irmão Diogo e à minha irmã Marta, os meus pilares, por terem sempre acreditado em mim, por todas as palavras de preocupação e incentivo, e também pela paciência que muitas vezes tiveram. Todo o seu apoio em muito contribuiu para a concretização deste desafio. Sem vocês, nada teria sido possível. Obrigada por tudo.

Ao João, por acreditar que era possível, pelas longas horas de desabafos e partilhas, por todos os incentivos, pela sua paciência, compreensão e animação.

O meu agradecimento aos entrevistados que partilharam, de boa vontade, as suas experiências e significados, e aos alunos de Sociologia que dirigiram todas estas entrevistas.

Aos professores António Firmino da Costa, Rosário Mauritti, Sandra Palma Saleiro e Luísa Veloso, professores da Unidade Curricular Laboratório de Ética e Profissão em Sociologia da Licenciatura em Sociologia do ISCTE-IUL, pela oportunidade que me foi oferecida de analisar estes dados.

Ao professor Alan Stoleroff, pelas orientações e informações dadas durante o Mestrado.

À minha amiga e colega Telma, que me acompanha desde o primeiro dia da Licenciatura em Sociologia, por termos feito este caminho e por todas as partilhas. Chegamos agora, juntas, ao fim deste capítulo e doutra forma não faria sentido.

À Sara, amiga e colega que esteve sempre disponível para ouvir, para oferecer as suas palavras e os conselhos certos.

À Filipa, colega e amiga, que conheci na experiência de estágio deste Mestrado e que desde então tem sido uma companheira e ajuda em todo o caminho percorrido.

À Joana, amiga e colega que me acompanhou neste longo percurso do Mestrado, muitas foram as horas de conversa, os desesperos partilhados, mas também os risos e a motivação que demos sempre uma à outra.

RESUMO

Partindo dos trabalhos de Costa (1988, 1993, 2004 e 2018), e assumindo a Sociologia nas suas três componentes – formação, ciência e profissão – procurou-se compreender como se configuram os campos de profissionalização da Sociologia, refletindo acerca da institucionalização e reconhecimento dos papéis e práticas profissionais dos sociólogos e analisando em que medida os mesmos estão enquadrados por um enunciado de princípios éticos e deontológicos que devem guiar a sua conduta profissional, cuja monitorização é regulada pela associação profissional (APS, 1992).

Os principais objetivos deste trabalho assentaram, num primeiro eixo, na caracterização de papéis, práticas e contextos de profissionalização dos diplomados em Sociologia, atendendo às relações entre formação e atividade profissional; e, num segundo eixo, na caracterização da cultura profissional dos sociólogos, configurada pelas relações que os mesmos estabelecem entre a Sociologia-ciência e a Sociologia-profissão. Enquanto corpo empírico deste estudo utilizaram-se 19 entrevistas semiestruturadas dirigidas a sociólogos detentores de experiências e situações profissionais diversas e exteriores ao mundo da academia.

Passaram já cerca de 45 anos desde a institucionalização da primeira oferta formativa em Sociologia. Como é demonstrado neste estudo, desde então o campo de oferta formativa alargou-se ao todo nacional, concluíram a sua formação e integram o mercado de trabalho alguns milhares de diplomados na área. Ora, nestas condições, porque persistem hesitações quanto à possibilidade de profissionalização da ciência sociológica em contextos fora da academia? Em que medida a Sociologia enquanto formação produz um corpo de especialistas com competências e capacidades específicas? Podemos falar num campo de profissionalização dos sociólogos?

Palavras-chave: Profissionalização da Sociologia, Ferramentas Sociológicas, Cultura Profissional dos Sociólogos, Análise Qualitativa

ABSTRACT

Based on Costa's scientific approaches (1988, 1993, 2004 and 2018) and assuming Sociology in its three components – training, science, and profession – our purpose is to understand the configuration of the fields of professionalisation of Sociology. We aim to reflect on the institutionalisation and recognition of sociologists' professional roles and practices; and analyse to what extent they are framed by a statement of ethical and deontological principles that should guide their professional conduct, which is monitored by the professional association (APS, 1992).

The main objectives of this paper are, in a first dimension, the characterisation of roles, practices, and contexts of professionalisation of graduates in Sociology, understanding the relationship between training and professional activity; and, as the second dimension, the characterisation of the professional culture of sociologists, which is shaped by the relations between Sociology-science and Sociology-profession. Nineteen semi-structured interviews were used as the empirical body of this study, carried out to sociologists with diverse professional experiences outside the world of academia

About 45 years have passed since the institutionalisation of the first training offer in Sociology. As is shown in this study, since then, the field of training provision has been extended to the national level and a few thousand graduates in the area have completed their education. Under these conditions, why do hesitations persist about the possibility of professionalising the sociological science in contexts outside the academic world? To what extent does Sociology produce a group of experts with specific skills and abilities? Can we understand Sociology as a profession?

Keywords: Professionalisation of Sociology, Sociological Tools, Professional Culture of Sociologists, Qualitative Analysis

ÍNDICE

INTRODUÇÃO	1
CAPÍTULO 1 – PROFISSÕES E IDENTIDADES PROFISSIONAIS	3
1.1. O Conceito de Profissão e as suas Principais Correntes Teóricas	3
1.2. Identidades Profissionais	6
CAPÍTULO 2 – A PROFISSÃO “SOCIÓLOGO”	9
2.1. Contextos de Institucionalização da Sociologia em Portugal.....	9
2.2. Associativismo Profissional e Código Deontológico dos Sociólogos	12
2.3. Identidades, Práticas e Cultura Profissional dos Sociólogos	14
2.4. Modelo de Análise e Questões de Investigação	15
CAPÍTULO 3 – METODOLOGIA	19
CAPÍTULO 4 – APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	25
4.1. Papéis, Práticas e Contextos de Profissionalização dos Diplomados em Sociologia	25
4.1.1. Experiências de Profissionalização de uma Ciência.....	26
4.1.2. Conhecimentos e Competências dos Sociólogos no Mercado de Trabalho	29
4.2. Cultura Profissional dos Sociólogos.....	35
4.2.1. Adesão ao Código Deontológico	38
4.2.2. Representação Coletiva	39
4.3. Sensibilidade Sociológica e Modelos de Cultura Profissional	40
CONCLUSÃO	49
BIBLIOGRAFIA	55
ANEXOS	I
Anexo A – Dados Estatísticos: Diplomados em Sociologia em Portugal	I
Anexo B – Guião Modelo das Entrevistas	IV
Anexo C – Modelos de Cultura Profissional (Costa, 1988)	VI
Anexo D – Grelhas de Leitura.....	VII
Grelha de Leitura 1 – Formação em Sociologia.....	VII
Grelha de Leitura 2 – Trajetórias e Práticas Profissionais.....	XI
Grelha de Leitura 3 – Cultura Profissional Identitária com a Sociologia.....	XV
Anexo E – Grelha de Análise (Modelos de Cultura Profissional).....	XXVI
ÍNDICE DE QUADROS	
Quadro 3.1 – Caracterização da Amostra.....	22
Quadro C.1 – Modelos de Cultura Profissional (Costa, 1988).....	VI

Quadro D.1 – Formação em Sociologia	VII
Quadro D.2 – Trajetórias e Práticas Profissionais.....	XI
Quadro D.3 – Cultura Profissional Identitária com a Sociologia	XV
Quadro E.1 – Grelha de Análise: Modelos de Cultura Profissional.....	XXVI

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 2.1 – Modelo de Análise	17
Figura A.1 – Nº de Diplomados em Sociologia (todos os níveis de formação, 1997/98 a 2017/18)	I
Figura A.2 – Nº de Diplomados em Sociologia por Ciclo de Estudos (1997/98 a 2017/18)	II
Figura A.3 – Evolução do Nº de Diplomados no Ensino Superior por Sexo (1996/97 a 2016/17).....	III

GLOSSÁRIO DE SIGLAS

APS – Associação Portuguesa de Sociologia

APSIOT – Associação Portuguesa de Profissionais em Sociologia Industrial, das Organizações e do Trabalho

CML – Câmara Municipal de Lisboa

CNQF – Centro Nacional de Qualificação de Formadores

DGEEC – Direção-Geral de Estatísticas da Educação e Ciência

ESA – European Sociological Association

FCSH – Faculdade de Ciências Sociais e Humanas

IEFP – Instituto do Emprego e Formação Profissional

ISA – International Sociological Association

INE – Instituto Nacional de Estatística

IPSS – Instituições Particulares de Solidariedade Social

ISCSP – Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas

ISCTE-IUL – ISCTE-Instituto Universitário de Lisboa

LEPS – Laboratório de Ética e Profissão em Sociologia

UAL – Universidade Autónoma de Lisboa

UC – Unidade Curricular

UE – União Europeia

INTRODUÇÃO

Na sociedade atual vários são os debates que se estabelecem acerca das profissões, bem como das questões relacionadas com as competências profissionais que melhor capacitam os indivíduos a um mercado de trabalho em constante mudança. Quando nos questionamos acerca do que é uma profissão, ou quais as características que definem uma profissão, surge uma multiplicidade de correntes teóricas da Sociologia das Profissões que se preocupam em, para além de definir este conceito, entender os processos segundo os quais as profissões se constroem e instituem na sociedade.

Na presente investigação centramo-nos na profissão “sociólogo”. Quando nos debruçamos sobre a Sociologia e, sobre os sociólogos, deparamo-nos com um conjunto de particularidades que moldam a cultura e identidade profissional destes indivíduos. Segundo Firmino da Costa (2004), tende a acontecer que a Sociologia seja mais reconhecida, ou quase exclusivamente reconhecida, enquanto ciência e formação, e menos enquanto profissão. Acrescenta-se, ainda, que muitas das vezes são os próprios sociólogos que tendem a levar a cabo este tipo de representações de ocultação de um campo de profissionalização da Sociologia, caracterizado pela mobilização de saberes e por procedimentos de pericialidade técnica e científica que são especificamente sociológicos. Além disso, e questão que resulta da anterior, é ainda frequente acontecer que o reconhecimento da profissão do sociólogo esteja enclausurado no mundo académico e da investigação científica, isto é, associado unicamente aos típicos papéis profissionais de “investigador científico” ou “professor universitário”.

Na presente pesquisa pretendemos, então, entender o que é a profissão do sociólogo, em todos os seus sentidos. Isto é, apreender o que fazem os sociólogos e de que modo se “faz Sociologia” para além do mundo académico, quais os profissionais com que se relacionam nas suas relações laborais e nos papéis e atividades profissionais que desempenham. Por outro lado, e não menos importante, pretendemos focar-nos na cultura e identidade profissional deste grupo, entender de que modo esta cultura profissional é moldada e como se configura. Neste sentido, temos como objeto de estudo os profissionais diplomados em Sociologia, sociólogos, no desempenho de papéis profissionais variados.

Definiram-se os quatro objetivos específicos deste estudo: 1) *Caracterizar a profissão “sociólogo” (papéis e cargos profissionais adotados, contextos profissionais em que se inserem); 2) Entender as influências do portfólio de formação académica em Sociologia no desempenho de atividades e papéis profissionais múltiplos, isto é, entender as competências próprias que detêm, que os distinguem, no mercado de trabalho enquanto profissionais especializados; 3) Caracterizar trajetórias de profissionalização dos diplomados em Sociologia; 4) Caracterizar a identidade e cultura profissional dos sociólogos (princípios éticos e deontológicos, responsabilidades cívicas ou sociais, associativismo, identificação e associação profissional com a Sociologia).*

Colocaram-se, então, as seguintes questões de partida: 1) *O que é ser sociólogo?; 2) Quais as experiências de profissionalização da ciência Sociologia?; 3) Quais as competências sociológicas que estes profissionais mobilizam para o desempenho de múltiplos papéis e atividades profissionais?; 4) Como se configura a cultura e identidade profissional dos sociólogos?.*

A escolha pelo presente tema prendeu-se com uma necessidade de estudar e explorar o que é a Sociologia, para além das suas componentes científica e formativa, e como se constitui enquanto profissão, ultrapassando os preconceitos e pré-noções da sociedade de que a Sociologia só será profissionalizável, quando o for, no meio académico. Dada a existência de cada vez mais diplomados em Sociologia, a esmagadora maioria dos quais exercem atividades profissionais no mercado de trabalho, em funções e cargos múltiplos, distintos e variados, a presente investigação apresenta a maior relevância. Importa entender, face a estas condições, porque persistem hesitações relativamente à profissionalização da Sociologia em contextos que extravasam o mundo da academia; hesitações, por vezes, partilhadas pelos próprios diplomados na área.

Numa primeira etapa deste estudo, realiza-se o enquadramento teórico, onde é efetuada a revisão da literatura. A partir de uma perspetiva sociológica, no primeiro capítulo, debruçamo-nos sobre o amplo conceito de profissão e procuramos concretizar, através da enunciação de um conjunto de correntes teóricas, a sua caracterização. Ainda neste capítulo, exploramos, brevemente, o conceito de identidade profissional. No segundo capítulo, por sua vez, centramo-nos na profissão “sociólogo”, a qual procuramos analisar segundo as principais fontes bibliográficas sobre o tema. Neste capítulo, pretendemos dar conta, através de uma revisão bibliográfica, de questões que dizem respeito à instituição da Sociologia em Portugal, ao exercício da profissão sociólogo, a qual implica a mobilização de conhecimentos científicos adquiridos num longo período de formação académica, assim como de questões relacionadas com a identidade/cultura profissional dos sociólogos. Ainda neste capítulo, expomos o modelo de análise utilizado e enunciamos as questões de investigação que orientaram o estudo.

A segunda etapa da dissertação diz respeito à análise empírica. O terceiro capítulo centra-se na referência à metodologia utilizada e na caracterização da amostra. A estratégia metodológica seguida é de carácter qualitativo, sendo utilizada como técnica de recolha de dados entrevistas semiestruturadas. As entrevistas utilizadas, dirigidas a sociólogos no exercício de papéis profissionais diversos e exteriores ao mundo da academia, foram realizadas pelos alunos do 2º ano da Licenciatura em Sociologia do ISCTE-IUL no âmbito da disciplina de Laboratório de Ética e Profissão em Sociologia. Tendo sido possível o acesso a um número alargado de entrevistas realizadas pelos alunos, foram selecionadas 19 entrevistas para análise. Recorremos à análise de conteúdo como técnica de tratamento dos dados obtidos. No quarto capítulo, apresentam-se e discutem-se os principais dados obtidos, a partir dos testemunhos dos entrevistados, no que diz respeito às condições de profissionalização destes sociólogos e às configurações da sua cultura profissional identitária com a Sociologia, aprofundando-se o conceito de sensibilidade sociológica. Por outras palavras, identifica-se e caracteriza-se o que é ser sociólogo e como se configura a sua identidade profissional na contemporaneidade.

CAPÍTULO 1 – PROFISSÕES E IDENTIDADES PROFISSIONAIS

1.1. O CONCEITO DE PROFISSÃO E AS SUAS PRINCIPAIS CORRENTES TEÓRICAS

O uso corrente do conceito “profissão” reflete uma aparente familiaridade na sua apreensão. Contudo, quando nos debruçamos de forma mais profunda sobre este deparamo-nos com dificuldades conceptuais e ambiguidades na sua definição. Para Santos (2011), o conceito de profissão entende-se como um processo e produto social historicamente construído. Rodrigues (2012), por sua vez, considera que as profissões, nas sociedades atuais, se tratam de uma forma de organização do trabalho, presente em todos os domínios de atividade, e que assenta em quatro princípios:

- 1) A certificação formal do conhecimento científico e das competências específicas;
- 2) A existência de autonomia de decisão sobre a forma de realização do trabalho;
- 3) A existência de autorregulação e fechamento no acesso ao mercado de trabalho;
- 4) A orientação da atividade para a resolução de problemas.

Embora as profissões remontem ao século XVII, os primeiros estudos sobre estas vieram a iniciar-se no século XX com os trabalhos de Carr-Saunders e Wilson (1933). A Sociologia das Profissões é então uma área de especialização institucionalizada desde 1930. Até 1970, a disciplina desenvolveu-se principalmente nos países de língua anglo-saxónica, e em Portugal veio a surgir no final dos anos 90, à semelhança dos restantes países da Europa continental. Em 1998, marcou-se o encontro definitivo entre a Sociologia anglo-saxónica e a Sociologia europeia em torno dos grupos profissionais ou ocupacionais.

No presente capítulo, partindo de uma perspetiva sociológica, e de acordo com os trabalhos de Rodrigues (2012), pretendemos enunciar as principais correntes teóricas que se debruçam sobre os conceitos de profissão e profissionalização. Relativamente à questão “O que é uma profissão?” surge então uma pluralidade de modelos teóricos e abordagens empíricas, nem sempre concordantes entre si, que têm como objetivo definir um tipo-ideal de profissão.

Segundo a autora, são reconhecidos historicamente dois grandes períodos relativamente à definição do conceito de profissão. No primeiro período histórico da análise das profissões, que terá decorrido até meados dos anos 70 do século XX, os estudos foram dominados por duas abordagens: funcionalista e interacionista. Já o segundo período foi marcado pela emergência de uma multiplicidade de teorias.

A abordagem funcionalista nasce com a preocupação de entender os processos segundo os quais uma «ocupação» alcança um reconhecimento social de estatuto superior, apresentando como questão central saber o que é uma profissão, qual a sua função social e quais os seus traços distintivos relativamente às ocupações¹.

¹ Rodrigues (2012) alerta para a oposição, nos países de língua inglesa, entre os termos “ocupação” e “profissão”, estando o último associado a categorias profissionais de elevado poder, prestígio e estatuto na sociedade; questão que vem a fundamentar as análises funcionalistas sobre as profissões. Nos países europeus, apesar de existirem ocupações com elevadas regalias, estas correspondem a atividades heterogéneas e o termo “profissão” pode referir-se a uma ocupação, atividade profissional, emprego.

Segundo Santos (2011), a corrente funcionalista, partindo da noção de “função social” e equacionando a sociedade como um todo, onde cada elemento executa uma certa função no sentido de se atingir um bem comum, tem como principal objetivo na análise das profissões apreender a profissão enquanto um conjunto de atores sociais específicos (grupo profissional) que deverá responder às necessidades da organização económica e social das sociedades modernas. As profissões são assim analisadas pelos primeiros sociólogos, Durkheim, Weber e Parsons, como característica distintiva das sociedades modernas, isto é, enquanto fenómeno social moderno, informa Rodrigues (2012).

Segundo a autora, a abordagem funcionalista das profissões, tendo como base os trabalhos de Parsons (1968), procura enunciar um conjunto de traços/atributos que caracterizam as profissões. Assim, Parsons define o conceito de profissão com base nas seguintes dimensões: a existência de um saber prático, fundado na experiência, articulado com um saber teórico, adquirido durante um período longo de formação; a existência de autoridade profissional, limitada a um domínio de atividade e legitimada com base nas competências técnicas especializadas dos profissionais; a existência de uma dupla atitude do profissional que liga valores de altruísmo e de orientação para os outros com o princípio da neutralidade de ação. Wilensky (1964) define o conceito de profissionalização com base numa sequência de etapas que conduzem as ocupações ao estatuto de profissão, particularmente: a passagem de uma atividade amadora a ocupação a tempo inteiro; o estabelecimento de mecanismos de controlo sobre a formação; a criação de uma associação profissional; a proteção legal do Estado do exercício das atividades; e, finalmente, a definição de um código de ética.

Conclui-se que no modelo funcionalista um dos principais traços que caracterizam as profissões² são as competências e os conhecimentos técnicos e científicos especializados mobilizados para o desempenho profissional, adquiridos durante um processo longo de formação. Nesta conceptualização está ainda presente a ideia de que a formação tende a incorporar valores altruístas nos princípios orientadores da prática profissional. Como tal, dois atores institucionais assumem um papel central nesta abordagem. Por um lado, as universidades, responsáveis pela formalização e atribuição de um carácter científico à especialidade profissional, através do estabelecimento de normas cognitivas e padrões de comportamento e da criação de espaços de socialização. Por outro, as associações profissionais que, através da definição de códigos de conduta e de ética, regulam as práticas e as condições do exercício profissional. Por sua vez, Goode (1957), discípulo de Parsons, considera que as profissões se constituem como “comunidades profissionais”, isto é, comunidades homogéneas nas quais os membros partilham identidades, valores, experiências, objetivos, interesses e definição de papéis.

Relativamente à abordagem interacionista das profissões, esta tem como referência os trabalhos de Hughes (1971) e centra a sua análise no estudo das condições e dos processos sociais através dos quais certas ocupações adquirem o estatuto de profissão. Dois conceitos são centrais na análise de Hughes (1988), alerta Santos (2011). A licença que se define como a autorização exclusiva para exercer uma

² E, conseqüentemente, ausentes nas ocupações.

atividade; e o mandato, que se define como a missão do grupo profissional. São também aqui centrais as associações profissionais e as instituições de Ensino Superior, dada a sua função de proteção dos diplomas, licenças e mandatos, assim como pelo seu papel de instituições intermediárias entre o Estado, os profissionais e o público. De sublinhar que no processo de edificação, regulação e fechamento do campo de profissionalização, ambas as instituições participam na construção de retóricas que visam o reconhecimento público e a proteção legal. Por fim, queremos acrescentar o contributo de Bucher e Strauss (1961) que, contrariamente à corrente funcionalista, entendem as profissões enquanto grupos heterogéneos onde coexiste uma diversidade de funções, conhecimentos e segmentos profissionais constituídos a partir da multiplicidade de instituições de formação, contextos de profissionalização, atividades desenvolvidas, técnicas e metodologias utilizadas nas situações específicas.

Segundo Rodrigues (2012), a partir do final da década de 1960, surge um movimento crítico às abordagens funcionalistas e interacionistas das profissões, dominantes até então. Johnson (1979) é o primeiro autor a centrar a análise das profissões na questão do poder, isto é, nas condições que permitem a certas profissões ou grupos ocupacionais desenvolverem e manterem situações de privilégio, elevado estatuto, grau de controlo, organização e influência. Também a corrente neweberiana das profissões, fundamentada essencialmente pelos trabalhos de Larson (1977), equaciona as profissões como instituições que atuam no mercado com o intuito de reforçar o seu poder, prestígio e privilégio económico. Para o autor, os grupos profissionais levam a cabo estratégias competitivas, cujo objetivo é a criação de mercados de trabalho protegidos, requerendo do Estado a garantia de monopólios sobre uma área do saber. Os sistemas de licenças e certificação da atividade, assim como as associações profissionais, surgem como instrumentos centrais nestes processos de fechamento dos mercados profissionais, sendo as últimas perspetivadas enquanto grupos que se organizam com o objetivo de adquirir estatuto social e económico para os seus membros e, conseqüentemente, a criação de monopólios profissionais.

Após o período crítico, durante os anos 80, assistiu-se à terceira fase do desenvolvimento da análise sociológica das profissões, na qual a relação entre o Estado e as profissões começa a ser equacionada. Afirma-se uma perspetiva sistémica das profissões, sustentada pelos trabalhos de Abbott (1988) e aprofundam-se as teses do poder e dos monopólios profissionais. Para o autor, o estudo das profissões deve focar os processos e mecanismos através dos quais elas se constituem em áreas de atividade (jurisdições) fechadas ou de monopólio, regulando as condições e as práticas de ingresso e exercício profissional. Nesta perspetiva, o conhecimento académico é um elemento fundamental na competição entre as profissões, dada a sua função de legitimação do trabalho dos profissionais. Segundo Santos (2011), um dos contributos mais relevantes de Abbott (1988), prende-se com a sua assunção da profissionalização enquanto um processo dinâmico, resultante das estratégias de negociação e conflito entre segmentos profissionais, no qual as questões históricas são imprescindíveis para a descrição dos vários processos de profissionalização.

De acordo com Rodrigues (2012), Torstendahl e Burrage (1990) identificam, em jeito de síntese, os elementos comuns a todos os processos de formação das profissões: um sistema de conhecimento que se traduz na resolução de problemas; a existência de projetos de profissionalização, ou seja, de estratégias desenvolvidas pelos grupos profissionais com vista a fortalecer a sua posição no mercado de trabalho; a autonomia enquanto uma das características mais importantes do estatuto profissional; a existência de variáveis (forma de transmissão de conhecimentos, produtos/serviços prestados, tipo de clientes e/ou utilizadores/beneficiários dos serviços, etc.) que determinem a concretização dos projetos profissionais; e, por último, a intervenção do Estado como uma das variáveis mais importantes que reconhece e certifica a posição dos grupos ocupacionais na sociedade, que valida o grau de fechamento dos respetivos coletivos organizados e que define e organiza o sistema de educação.

Conclui-se que não existe um modelo universal que caracterize uma profissão. A diversidade de pontos de vista teóricos reflete uma pluralidade de análises da conceptualização da profissão. Assumimos, contudo, que o conceito de profissão, apesar da sua multidimensionalidade, apresenta evidências operatórias como a necessidade de se atender ao contexto histórico, cultural e económico em que o grupo profissional se insere, ou a necessidade de entender o grupo profissional de acordo com os seus elementos comuns que o distinguem de outro grupo profissional e que demarcam o seu “território”.

1.2. IDENTIDADES PROFISSIONAIS

Relativamente ao conceito de identidade profissional, que nos interessa aqui explorar, seguimos o trabalho de Santos (2011), no qual a autora procurou, primeiramente, enunciar algumas das perspetivas teóricas acerca da construção identitária e da identidade coletiva e, num segundo momento, refletir sobre a identidade profissional.

De acordo com a autora, foi a partir do pensamento de Cooley (1902) e Mead (1934) que se iniciaram os estudos acerca do “auto-conceito”, os quais procuravam resposta à questão fundamental “Quem sou eu?”. Os trabalhos dos autores, relativamente à noção de construção identitária, têm a noção geral de que o indivíduo constrói o seu “auto-conceito” através das suas perceções sobre a forma como os outros significativos o veem, ou seja, são as opiniões, comunicadas pelos outros significativos aos indivíduos (acerca da sua aparência, ações, carácter), que alteram a forma como nos encaramos.

Santos (2011), partilhando a sua assunção com Dubar (1997), considera que é no mundo social que a nossa identidade se configura, que o indivíduo se socializa na sua trajetória pelo mundo, incorporando normas e valores, princípios e comportamentos. Para a autora, a identidade assume-se como um processo socialmente construído e inacabado. Berger e Lukmann (1966) evidenciam a importância da socialização secundária no processo de construção identitária e definem-na como “a interiorização dos submundos institucionais especializados, bem como a aquisição de saberes específicos e de papéis diretos ou indiretos enraizados na divisão do trabalho” (Berger e Lukmann, 1966, *citados por Santos*, 2011:51). Nesta perspetiva, a construção da identidade social não pode ser analisada fora do mundo organizacional, onde as competências e as configurações profissionais ocupam um lugar central.

Segundo a autora, Habermas (1981) considera que a raiz da identidade nas sociedades modernas assenta na esfera do trabalho e, como tal, para o autor, a construção da identidade associa-se a dois sistemas: a “atividade instrumental”, isto é, os processos de trabalho e as finalidades económicas, e a “atividade comunicacional”, isto é, a interação entre os indivíduos.

As profissões seriam caracterizadas, essencialmente, por competências provenientes de saberes específicos, necessárias ao desempenho profissional, a partir das quais os indivíduos se reconheciam. Blin (1997, *citado por* Santos, 2011) considera a existência de um referencial comum no campo profissional, partilhado pelos elementos que pertencem ao mesmo contexto profissional, a partir do qual o trabalhador orienta a sua atividade, comunica, troca informações. Um dos traços característicos deste referencial é a existência de uma linguagem específica a situações concretas do campo profissional. Este referencial, constituído a partir do conjunto de regras relativas aos conhecimentos e procedimentos coletivos adquiridos ao longo da experiência, serve de modelo de conduta profissional e determina a conduta individual.

A cultura profissional assenta, neste sentido, num código interno, criado através da interação social entre os atores do campo profissional e que lhes permite criar uma identidade própria ao grupo profissional. Conclui-se que parte integrante da identidade profissional se constrói pela experiência, isto é, no exercício da prática profissional em interação com outros profissionais, afirma Santos (2011).

Blin (1997) considera que a existência de um saber específico a um grupo de atores no quadro profissional constitui um recurso indispensável à profissionalização do grupo profissional e é a base do processo de legitimação. O autor acrescenta que o grupo profissional, para além de ser legitimado pelos seus saberes e competências teóricas específicas, é legitimado pela sua prática. Isto é, o grupo profissional é portador de uma verdadeira identidade coletiva quando a sua prática pretende resolver uma determinada situação social. No contexto do mundo do trabalho, o autor define a prática como “sistemas complexos de ação e de comunicação (...) próprios de interações entre os indivíduos que participam num mesmo contexto (organização e instituição) profissional” (Blin, 1997, *citado por* Santos, 2011:64). Assim, também as práticas profissionais desempenham uma função identitária, no sentido em que produzem novas configurações identitárias de acordo com as tarefas, responsabilidades e exigências respeitantes à prática profissional. A partilha de valores pelo grupo de atores e a interação entre estes neste contexto pode ter, para Blin (1997), uma relação direta na construção desta identidade.

Para Santos (2011), esta perspetiva esquece a tensão, o conflito, as relações de poder e outros aspetos macro, como a precariedade do emprego ou o papel do Estado, que têm também um papel importante no referencial profissional comum partilhado pelos elementos do mesmo contexto profissional. Para a autora, apesar de os saberes e as práticas assumirem um papel importante na construção das identidades profissionais, estes não podem ser tomados como exclusivos na análise dos processos de construção identitária, revelando a importância da relação entre os processos biográficos e os contextos relacionais e sociais vivenciados pelos sujeitos, preponderantes na construção de configurações identitárias profissionais e nos processos de legitimação da identidade profissional assumida e atribuída ao sujeito.

CAPÍTULO 2 – A PROFISSÃO “SOCIÓLOGO”

2.1. CONTEXTOS DE INSTITUCIONALIZAÇÃO DA SOCIOLOGIA EM PORTUGAL

A primeira noção fundamental que pretendemos aqui enunciar prende-se com as considerações de António Firmino da Costa (2004) respeitantes à Sociologia. Apesar de ser um campo disciplinar que se instituiu primeiro enquanto ciência, de forma consistente, o seu processo de consolidação e crescente visibilização e reconhecimento é indissociável de protagonismos observados quer no plano da oferta formativa, quer propriamente nas experiências de profissionalização dos diplomados na área. Desde a transição para a democracia, quando a área disciplinar se institui como campo de oferta formativa autónoma, já se diplomaram, em Portugal, milhares de diplomados em cursos de primeiro ciclo e formação pós-graduada que, entretanto, concluindo a formação, foram integrando uma multiplicidade de organismos públicos e privados, aí exercendo uma diversidade de papéis profissionais, com reconhecida pericialidade técnica e científica. Neste sentido, importa reforçar: para além da ciência, a Sociologia engloba ainda duas componentes – formação e profissão. Desta forma, quando analisamos e refletimos sobre as condições e modalidades do exercício da Sociologia, objeto de estudo do presente projeto, entendemo-la nas suas três componentes que se interligam entre si. Segundo Costa (2004), a Sociologia enquanto ciência refere-se ao conjunto de instrumentos cognitivos, conhecimentos e práticas de investigação; a Sociologia enquanto formação diz respeito aos processos de transmissão e aprendizagem dos conceitos, teorias, metodologias e procedimentos técnicos e relacionais que acompanham a construção de perspetivas especificamente sociológicas sobre a realidade social; a Sociologia enquanto profissão remete para a diversidade de papéis e práticas profissionais dos seus diplomados, bem como para os processos de constituição dos sociólogos enquanto agrupamento profissional. A Sociologia insere-se, assim, no que Firmino da Costa (2004) designa por “processos de profissionalização divergentes”³ (Costa, 2004:50), nos quais certas áreas do conhecimento científico se fundamentam. Significa tal que a partir da mobilização das “ferramentas” especificamente sociológicas, os diplomados na área geram práticas profissionais de carácter mais técnico e interventivo, em múltiplos domínios de atividade e no desempenho de papéis profissionais diversificados.

O objetivo deste capítulo prende-se, então, com a realização de uma análise sociológica que permita, por um lado, compreender as modalidades e o campo de atividade do exercício profissional dos sociólogos, assim como os papéis e práticas profissionais adotados. Adicionalmente, através de protagonismos dos sociólogos em referência neste estudo, procuraremos analisar a sua constituição enquanto grupo profissional, incluindo os aspetos relativos à sua cultura e identidade profissional e formas de organização e associação coletiva.

Os processos de profissionalização são, como vimos anteriormente, e como reiteram Costa (2004) e Machado (1996), processos sociais em que certos domínios de atividade e grupos profissionais de

³ Em oposição aos “processos de profissionalização convergentes” nos quais certas áreas começam por se instituir em torno de um domínio de práticas específicas tendendo, depois, a reforçar os conhecimentos científicos dessas práticas profissionais.

elevadas qualificações se vão constituindo progressivamente. Os papéis profissionais vão também sendo gradualmente construídos com a prática específica da atividade profissional. Em Portugal, o processo de profissionalização da Sociologia resulta do encontro de vários fatores: por um lado, do aumento da procura da ação profissional dos sociólogos (associada também à crescente complexidade e reflexividade contemporâneas); por outro, do crescimento da oferta, associada ao aumento do número de diplomados na área. À partida, são distinguidas por Costa (1988:118) três etapas no processo de profissionalização dos sociólogos portugueses. A primeira, até 1974, o “período dos pioneiros”; até meados dos anos 80, o “período de institucionalização universitária do ensino e da investigação científica”; e a partir de meados da mesma década de 80 um “período de constituição dos sociólogos enquanto grupo profissional”.

Pretendemos aqui, primeiramente, abordar a situação da Sociologia em Portugal segundo um ponto de vista contextual que permita entender os mecanismos e aspetos conjunturais que estiveram subjacentes à sua institucionalização, e consequente profissionalização. Por outro lado, focar-nos-emos na análise da constituição específica do campo científico-profissional dos sociólogos.

Segundo Ramos *et al.* (2018), apesar de a Sociologia ser uma ciência antiga, remetendo para meados do século XIX, a sua presença é relativamente recente em Portugal. Foi apenas após o término do regime ditatorial no país, depois do 25 de abril de 1974, que se veio a observar a inauguração da primeira licenciatura em Sociologia no então Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa, atual ISCTE-Instituto Universitário de Lisboa. A oferta universitária em Sociologia veio a crescer gradualmente, com as primeiras licenciaturas a surgirem nos anos 70, e nos anos 80 a diversificar-se pelas regiões do país. A partir dos anos 90, o ensino da Sociologia alargou o seu âmbito e multiplicaram-se os cursos de mestrado e de doutoramento. Atualmente, existem cursos de Sociologia em 10 universidades públicas portuguesas e numa universidade privada, estando cobertas todas as regiões do país.

De acordo com os dados do INE, relativos aos Censos de 2011, 12.491 indivíduos indicaram ter um curso superior em Sociologia (Mauritti e Costa, 2014). Se a estes juntarmos os que se diplomaram entre 2011/2012 e 2017/2018, de acordo com os dados referentes aos Diplomados em Estabelecimentos de Ensino Superior da Direção-Geral de Estatísticas e Educação e Ciência (DGEEC/MEC), que se contabilizam em 3.750 diplomados, encontramos um universo superior a cerca de 16.000 diplomados em Sociologia em 2017/2018 (16.241 diplomados). No universo destes diplomados existe uma elevada predominância de indivíduos do sexo feminino, registando-se uma taxa de feminização na ordem dos 72% em 2017/2018 (Ver Anexo A – Fig.A.1). Relativamente à distribuição dos diplomados por ciclo de estudos, a Licenciatura é o grau prevalecente, seguindo-se do Mestrado e, por último, o Doutoramento (Ver Anexo A – Fig.A.2).

Consideramos, tal como Machado (1996), que a constituição de espaços institucionais destinados à transmissão de saberes especializados, específicos da disciplina que lhe está na base, foi a primeira condição fundamental que veio a permitir a consolidação da Sociologia em Portugal e, progressivamente, a sua profissionalização.

Refletindo acerca das condições de emergência da Sociologia em Portugal, Fernando Luís Machado (1996) destaca ainda o alargamento e diversificação geral do conjunto das profissões intelectuais e científicas, acompanhando a institucionalização de diferentes valências do Estado-Providência e consequente expansão nacional dos serviços públicos na administração central e autarquias e também nas áreas especificamente sociais, de maior intervenção pública, como a educação, a segurança social e emprego. Segundo o autor, Reich (1993) concebe a existência de três categorias profissionais nas sociedades modernas: “trabalhadores de rotina”, “fornecedores de serviços interpessoais” e “analistas simbólicos”. Estes últimos, detentores de níveis de escolaridade mais elevados, distinguem-se pela sua capacidade de identificação e resolução de problemas e de intervenção estratégica. Os “analistas simbólicos” vieram a aumentar a sua proporção nas sociedades desenvolvidas e entre várias profissões. Em Portugal, as reconfigurações da estrutura socioprofissional e socioeducacional impulsionadas com a intensificação da integração do país no espaço económico europeu (1986), acompanham igualmente, ainda que com algum atraso, este aumento dos profissionais intelectuais, científicos e técnicos (Almeida *et al.* 2007; Mauritti e Nunes, 2013). De acordo com Costa (1988), numa “sociedade do conhecimento”, os sociólogos têm um nível de formação que os coloca, claramente, no âmbito dos “analistas simbólicos”.

À medida que proliferou, significativamente, o número de diplomados em Sociologia, foram-se construindo relações entre formação e profissão. Segundo Costa (2004), em oposição às relações formação/profissão unívocas⁴, a Sociologia insere-se nas relações formação/profissão múltívocas, nas quais a formação tende a ter uma articulação menos nítida com um pré-determinado setor de atividade ou papel profissional. Esta orientação múltívoca, sustentada numa formação capacitadora de grande transversalidade, explica em boa medida que os diplomados na área desenvolvam estratégias de profissionalização dirigidas a uma pluralidade de atividades profissionais qualificadas, nas quais, em contrapartida, mobilizam saberes e competências específicos. De acordo com Firmino da Costa (2004), a profissionalização diversificada que caracteriza a Sociologia faz-se através da mobilização de saberes e competências de base, ligados à formação universitária; de saberes e competências contextuais, decorrentes da experiência profissional adquirida nos vários contextos; de saberes e competências complementares, obtidos em cursos complementares à formação inicial.

Para o autor, as competências sociológicas constituem quer conhecimentos adquiridos durante a formação universitária em Sociologia, quer conhecimentos obtidos através da prática profissional. A incorporação de tais competências não decorre meramente num processo de ensino/aprendizagem formal, implicando a capacidade de, perante cada situação ou desafio relacional, selecionar, mobilizar e acionar ferramentas próprias, adequadas à realidade social específica. Esta capacidade, de seleção e acionamento de recursos cognitivos e operatórios de forma tão ajustada quanto possível aos problemas

⁴ Em que a um curso corresponde uma profissão ou uma área de atividade bastante bem delimitada e (pré-definida), tem como exemplos áreas como a Medicina ou a Advocacia

concretos, desenvolve-se e adquire-se através do exercício continuado em situação, ou seja, através da própria prática profissional. Neste sentido, o valor acrescentado pelas práticas profissionais dos sociólogos reside, justamente, na sua capacidade de acionamento de competências específicas da Sociologia, a par de outras partilhadas.

Mas quais são afinal as competências sociológicas? Segundo Costa (2004), estas desdobram-se em competências teóricas, metodológicas, relacionais e operatórias. As competências teóricas dizem respeito à capacidade de mobilização dos quadros teórico-conceptuais da Sociologia; as competências metodológicas dizem respeito à capacidade de utilização de métodos e técnicas de recolha e análise de informação empírica; as competências relacionais dizem respeito à capacidade para agir, com perícia, nas interações sociais de maneira informada pelos conhecimentos sociológicos acumulados a este respeito; e as competências operatórias prendem-se com a capacidade de selecionar, acionar e construir um conjunto diversificado de procedimentos de ação técnica, estratégica, organizacional ou comunicacional desenvolvidos pelos sociólogos em vários domínios.

2.2. ASSOCIATIVISMO PROFISSIONAL E CÓDIGO DEONTOLÓGICO DOS SOCIÓLOGOS

À medida que a profissionalização dos sociólogos se foi diversificando e aumentou o número de diplomados na área, surgiram também questões relacionadas com as dimensões relativas à representação coletiva, às competências, à conduta e às responsabilidades científicas, profissionais e deontológicas dos que exercem atividades e papéis profissionais sob o desígnio da Sociologia. Assim, um dos momentos fundamentais que contribuiu para a consolidação da profissionalização da Sociologia em Portugal foi, em 1985, 10 anos depois da criação das primeiras licenciaturas, a constituição da Associação Portuguesa de Sociologia (APS) e da Associação Portuguesa dos Profissionais em Sociologia Industrial das Organizações e do Trabalho (APSIOT). Este movimento associativo foi, a nosso ver, um dos mais importantes fatores do fortalecimento institucional da Sociologia. A APS cresceu e afirma-se, hoje, como uma associação representativa de todos os sociólogos, académicos e não académicos, inseridos nos vários setores profissionais. Entre as atividades assumidas por esta associação, destaca-se a articulação com outras estruturas internacionais representativas dos sociólogos, como a Associação Internacional de Sociologia (*International Sociological Association – ISA*) e a Associação Europeia de Sociologia (*European Sociological Association – ESA*); a organização dos Congressos Portugueses de Sociologia (também eles cada vez mais internacionais), organizados atualmente de dois em dois anos; as tomadas de posição pública pela defesa da Sociologia, entre muitas outras iniciativas que têm constituído prova do dinamismo e da afirmação crescente dos sociólogos enquanto grupo profissional.

Relativamente ao modo de organização dos sociólogos portugueses, vários têm sido os debates em torno da opção entre “associação” e “ordem”, ou, entre associativismo inclusivo e fechamento corporativo. À luz dos trabalhos de Costa (2018), vários são os motivos pelos quais faz sentido a organização dos sociólogos em torno de uma associação inclusiva e aberta (como a APS). Por um lado, e tal como demonstrado anteriormente neste projeto, os sociólogos são os principais responsáveis pela

análise, identificação e crítica da utilização de estratégias de fechamento profissional corporativo por determinados grupos profissionais, que têm em vista a monopolização e exclusão profissional. E, neste sentido, seria pouco ético que abordassem os processos de profissionalização do seu grupo científico-profissional sem esta conceção, ou que adotassem tais estratégias. Por outro, o autor identifica um fator de carácter estratégico que justifica a organização dos sociólogos numa associação, que se prende com o facto de exercerem uma variedade de papéis profissionais, não existindo um ato profissional único e tipificado para os sociólogos. Além disso, muitos dos papéis profissionais desempenhados por diplomados em Sociologia são igualmente exercidos por profissionais com formações diversas no quadro das ciências sociais. Acresce ainda que na maioria das atividades desenvolvidas por sociólogos, estes apresentam-se sob outras designações profissionais ou estatutárias, frequentemente específicas do contexto organizacional onde se inserem, como “técnico superior”, “gestor”, “analista de informação”, entre muitas outras, sem visibilização da Sociologia. Argumenta-se, desta forma, que uma associação inclusiva permite a participação e o acolhimento de todos os diplomados na área, independentemente do contexto organizacional e das práticas e papéis profissionais desempenhados por cada um.

Neste processo de crescimento, diversificação da Sociologia enquanto campo científico, formativo e profissional, outro importante momento na afirmação e consolidação do grupo científico-profissional dos sociólogos foi a concretização, em 1992, do Código Deontológico dos Sociólogos (Costa, 2004; Mineiro, 2012). Um código deontológico define-se como:

Um conjunto de princípios normativos de ética profissional, destinado a proporcionar a financiadores e clientes, a indivíduos e grupos-alvo de pesquisa ou intervenção e, em geral, à sociedade, garantias de uma prática profissional competente e responsável por parte dos sociólogos. (Costa, 1993:787)

O código deontológico apresenta uma formulação suficientemente aberta para permitir abranger a diversidade de contextos relacionais e papéis científicos e profissionais dos sociólogos. Neste sentido, foram várias as orientações que estiveram subjacentes na sua conceção, defende Costa (1993). Entre estas, a preocupação de *incorporar os princípios cognitivos fundamentais da Sociologia* tendo em conta que em qualquer relação profissional estão implicados interesses e valores; a preocupação de *ter em conta a diversidade de papéis profissionais e setores de atividade* nos quais os sociólogos exercem a sua atividade profissional e perante os quais detêm responsabilidades enquanto profissionais especializados, bem como a *pluralidade de quadros teóricos e metodológicos* que caracterizam a Sociologia; a preocupação de enunciar, particularmente, o conjunto de *responsabilidades, deveres e obrigações* dos sociólogos; e, finalmente, a preocupação de enunciar não uma regulamentação minuciosa da prática profissional, mas sim um conjunto *de princípios normativos que permitem o desempenho responsável e competente da profissão de sociólogo*.

Deste código resultam então quatro princípios fundamentais: 1) a *responsabilidade*, isto é, o reconhecimento de que do exercício da prática profissional do sociólogo, a qual é também uma prática social geradora de efeitos sociais, resultam responsabilidades quer para com a Sociologia, quer para com a sociedade; 2) a *competência*, fundada num conjunto de saberes teóricos, metodológicos, relacionais e

operatórios, especificamente sociológicos, adquiridos num longo período de formação académica especializada; 3) a *autonomia* na seleção de critérios e procedimentos no desempenho profissional competente e responsável; 4) a *adesão ao código*, o qual implica que estes se guiem, na sua prática profissional, pelos princípios e responsabilidades enunciados, e que reflitam e debatam acerca do mesmo (Costa, 1993).

O código deontológico reporta assim às mais variadas situações, acautelando que no decorrer da prática profissional poderão existir situações de maior dificuldade de compatibilização dos princípios éticos e deontológicos com as exigências ou circunstâncias do contexto profissional, por exemplo, conflitos relacionados com questões de sigilo e confidencialidade de dados, informações e resultados (princípios éticos científicos), entre outros.

2.3. IDENTIDADES, PRÁTICAS E CULTURA PROFISSIONAL DOS SOCIÓLOGOS

Segundo António Firmino da Costa (1988), tal como os outros grupos profissionais, os sociólogos enquadram a sua prática num sistema disposicional de valores, normas e representações, designado de “cultura profissional dos sociólogos”, cujas configurações resultam de processos e condições interiores e exteriores ao campo da Sociologia. A cultura profissional dos sociólogos medeia a forma como aqueles se inserem no mercado de trabalho, como definem os seus papéis profissionais e assumem e mobilizam as suas competências sociológicas nos contextos onde interatuam, dessa forma contribuindo também para a imagem pública que se constrói da Sociologia e dos sociólogos. À semelhança de qualquer outra, a cultura profissional dos sociólogos organiza-se em torno de padrões cognitivos e deontológicos, adquiridos através de processos de socialização realizados pelas escolas universitárias, associações profissionais e pela prática da atividade profissional.

Firmino da Costa (1988) refere a existência de dois modelos de cultura profissional: a “cultura de dissociação entre ciência e profissão”, que dissocia, a vários níveis, a ciência e a prática sociológica, e a “cultura de associação entre ciência e profissão”, a qual na sua perspetiva apresenta tendências de crescimento e proliferação. A existência destes dois modelos resulta, no caso da cultura de dissociação, da ideia generalizada de que quem faz Sociologia não exerce uma profissão e de quem exerce uma profissão não faz Sociologia, e a esta acresce a noção de que aos sociólogos compete exclusivamente o ensino e a investigação no meio universitário (Costa, 1988:110). Estas representações são configuradas por um conjunto de normas do *ethos* da Sociologia, que incluem elementos relacionados com a sua história em Portugal⁵, contribuindo para o seu enclausuramento no contexto da academia.

A atividade profissional adequada ao sociólogo, e que não compromete a sua imparcialidade científica, implica um procedimento central: o de reformular problemas sociais em problemas sociológicos, operação que requer e, acima de tudo, fundamenta uma margem de autonomia profissional.

⁵ As primeiras etapas do processo de profissionalização dos sociólogos portugueses, marcadas pela sua constituição enquanto campo científico e institucionalização universitária.

Também a autorreflexividade sociológica é uma das questões centrais da formação da cultura profissional, dado que a forma como os sociólogos se pensam nas profissões que exercem e como representam o trabalho que realizam é um fator determinante para perceber como a Sociologia se auto-reflete, alerta Mineiro (2012). Quando confrontados com pedidos sociais que requerem o uso de procedimentos metodológicos diferentes dos associados ao campo da Sociologia, deve existir um deslocamento lateral dos focos de interesse, objetos de análise e paradigmas predominantes, que não implique o decréscimo dos graus de cientificidade da Sociologia, defende Costa (1988).

Sendo a Sociologia um campo disciplinar que se instituiu e consolidou primeiro enquanto ciência e depois enquanto profissão, são várias as relações que se estabelecem entre ciência e profissão. Neste sentido, Costa (2004) enuncia quatro tipos de perfis sociológicos. O *perfil sociológico integrador* caracteriza-se pela seleção e mobilização de instrumentos de base científica, de forma criteriosa e ajustada aos problemas, contextos e objetivos, conduzindo a resultados de ação profissional efetivos, de qualidade e inovadores e, por isso, constituem-se enquanto vetor poderoso de operatividade profissional. O *perfil sociológico rotinizado* consiste no uso de técnicas de observação despido de reflexividade, assumindo que aquelas são resposta suficiente para qualquer questão, sem atender às características da situação, o que se revela, geralmente, de utilidade limitada para terceiros e pouco gratificante para os próprios. O *perfil sociológico desistente* caracteriza-se pela renúncia ou rejeição da matriz científica da formação de base, não se reconhecendo a eficácia dos instrumentos e produtos cognitivos da Sociologia para a ação profissional. O quarto é o *perfil sociológico academicista*, caracterizado pela rejeição da profissionalização da Sociologia fora do contexto institucional específico da investigação e do ensino.

A Sociologia revela-se hoje, perante a complexidade das sociedades contemporâneas, detentora de um enorme conjunto de potencialidades ao nível da análise e intervenção sobre a realidade social. Este potencial é intensificado, de forma cumulativa, pelo número de estudantes e diplomados na área, todos eles contribuindo com a sua competência para o alargamento e diversificação dos campos de profissionalização em variados setores de atividade. A sua representação coletiva protagonizada pela APS é igualmente um fator de consolidação destas dinâmicas. Hoje, a Sociologia, em Portugal, configura-se assim, como uma ciência, um campo de transferências e aprendizagem de conhecimentos e também, como uma profissão, que implica a operacionalização de formas sociológicas de ver, de pensar, de comunicar e de fazer.

2.4. MODELO DE ANÁLISE E QUESTÕES DE INVESTIGAÇÃO

Com base na revisão da literatura efetuada, apresentamos aqui o modelo de análise (Fig. 2.1.) que estrutura a nossa pesquisa e a partir do qual se identificam as dimensões que serão objeto de estudo.

Nos capítulos anteriores, evidenciou-se que as profissões se constituem com base nas seguintes características (as quais, estão, inerentemente, presentes na profissão “sociólogo”): i. conhecimento teórico e competências técnicas especializadas obtidos num longo período de formação e com base num conhecimento científico específico, formalmente acreditado; ii. representação coletiva através de

associações que intervêm publicamente na afirmação da competência e autonomia dos sociólogos, contribuindo para dar visibilidade à sua intervenção no todo social e reforçar a cultura e identidade profissional; iii. presença de um código deontológico que regula a conduta e as práticas profissionais dos sociólogos, tendo em conta várias componentes de responsabilidade e compromisso para com a ciência e a sociedade; iv. existência de reconhecimento e procura social dos conhecimentos e pericialidade técnica e científica da Sociologia.

No presente projeto temos como objeto de estudo os campos de profissionalização da Sociologia. Estes podem ser entendidos com base em duas dimensões centrais. Por um lado, os papéis, práticas e contextos de profissionalização dos sociólogos, que dizem respeito às seguintes questões: onde estão, o que fazem, como interpretam e como utilizam as ferramentas sociológicas, como se interrelacionam com outras áreas. Por outro, uma dimensão central dos campos de profissionalização é a cultura profissional dos sociólogos, isto é, o seu auto e hétero reconhecimento enquanto “sociólogos”, e que diz respeito às atitudes e orientações de adesão aos princípios da Sociologia, quer no que concerne ao uso das teorias, conceitos, metodologias e instrumentos de observação e análise da realidade social, quer em relação ao enquadramento da sua prática nos princípios deontológicos inscritos no código.

Para explicarmos e caracterizarmos estas duas dimensões centrais dos campos de profissionalização da Sociologia, focamos o nosso estudo na análise de quatro variáveis independentes. A *formação* incluindo quer a aquisição inicial de conhecimentos e competências especificamente sociológicos, quer também as práticas de atualização com eventuais incursões em áreas disciplinares afins. A *procura social de sociólogos*, no que diz respeito às suas funções profissionais, organizações onde trabalham e setores de atividade em que se inserem no mercado de trabalho. A *representação coletiva dos sociólogos*, isto é, adesão ao associativismo profissional. E, o *código deontológico dos sociólogos*, o qual integra os quatro princípios centrais que moldam a conduta profissional deste grupo: adesão, autonomia, competência e responsabilidade.

A partir da análise de questões relacionadas com a formação, a procura social de sociólogos, a representatividade coletiva deste grupo e os princípios éticos e deontológicos que orientam o seu exercício profissional, procuramos explicar e entender as práticas, os papéis e os contextos de profissionalização da Sociologia e, também, a cultura profissional dos sociólogos e as questões respeitantes ao seu auto e hétero reconhecimento enquanto “sociólogos”.

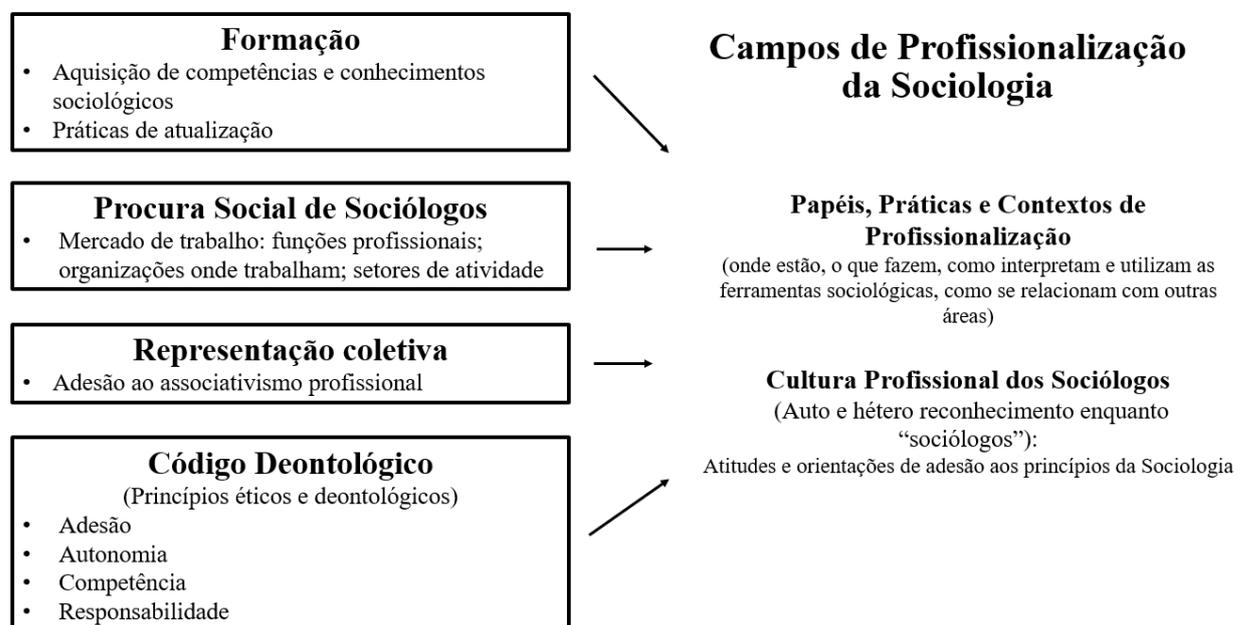
Partindo da assunção de Costa (2004) de que a Sociologia se constitui com base em três componentes – ciência, formação e profissão – e através da análise e caracterização das dimensões apresentadas, pretendemos, então, identificar as várias configurações do campo de profissionalização da Sociologia, por outras palavras, caracterizar o que é ser sociólogo no exercício de atividades profissionais que extravasam o mundo da academia, contribuindo também para a superação das hesitações que se estabelecem relativamente à profissionalização da ciência sociológica.

Como tal, definiram-se duas questões de investigação centrais: “*Quais as condições de profissionalização da Sociologia?*” e “*Como se configuram os perfis de cultura profissional identitária*”

dos sociólogos?”. A partir destas surgem outras questões pertinentes, e que auxiliam a resposta às anteriores, as quais procuramos responder: *“Quais os papéis, práticas e contextos profissionais dos sociólogos?”*, *“De que forma estes transportam para o exercício de atividades profissionais diversas os conhecimentos, as perspectivas e as formas de fazer especificamente sociológicas adquiridas na formação em Sociologia?”*, *“Em que medida estes profissionais se reconhecem mutuamente enquanto coletividade, isto é, enquanto grupo profissional”*, *“Quais os princípios éticos e deontológicos que guiam a sua conduta profissional?”*.

Na seguinte figura podemos observar o modelo de análise que estruturou a nossa pesquisa.

Figura 2.1 – Modelo de Análise



CAPÍTULO 3 – METODOLOGIA

No presente estudo, e de forma a responder às questões de investigação colocadas, foi operacionalizada uma metodologia de orientação qualitativa. A utilização desta estratégia metodológica permitiu decifrar e caracterizar os sentidos e representações acerca do que significa ser sociólogo, partindo das narrativas de experiências intersubjetivas dos sociólogos entrevistados.

Segundo Quivy e Campenhoudt (2005), as principais vantagens da entrevista decorrem do grau de profundidade que podemos obter relativamente aos elementos de análise recolhidos. Neste caso, testemunhos na primeira pessoa sobre trajetórias de profissionalização de diplomados em Sociologia, com os quais procuraremos analisar o sentido que conferem às suas práticas, assim como as suas representações acerca do que significa ser sociólogo, bem como os sistemas de valores, referências normativas e deontológicas que orientam as suas próprias experiências.

As entrevistas utilizadas para a presente análise foram realizadas pelos alunos do 2º ano da licenciatura em Sociologia do ISCTE-IUL no ano letivo 2017/18 e 2018/19, no âmbito da disciplina de Laboratório de Ética e Profissão em Sociologia, a profissionais formados em Sociologia no exercício de papéis profissionais diversificados⁶.

Tal envolveu a conceção de guiões de entrevistas semiestruturadas, compostos maioritariamente por perguntas abertas, centrados na abordagem das seguintes questões: a) Trajetória Formativa (Formações em Sociologia; instituição de ensino; ano de conclusão do curso; outras formações complementares); b) Trajetória Profissional (transição para o mercado de trabalho/1ª profissão; situação na profissão cinco anos depois da conclusão do curso em Sociologia; descritivo de funções e papéis profissionais; situação profissional atual); c) Atividade e Prática Profissional (designação profissional; descritivo de funções e papéis profissionais; contexto organizacional; setor de atividade; relações interprofissionais; grau de autonomia sobre funções; competências profissionais); d) Relações Formação-Profissão (vantagens da Sociologia no acesso à profissão; competências sociológicas mobilizadas para a prática profissional); e) Cultura e Deontologia Profissional (princípios éticos e deontológicos; responsabilidades cívicas e sociais); f) Identidade Profissional com a Sociologia (representação profissional com a Sociologia; noções acerca de como a sociedade vê a Sociologia); g) Associativismo Profissional (envolvimento em associações profissionais; participação em eventos ou congressos). Os guiões utilizados apresentam entre si uma elevada homogeneidade, sendo que todos incluem os pontos de análise acima referidos.

O corpus empírico do estudo, e a partir do qual se obtiveram as nossas principais conclusões, envolve 19 entrevistas, de um total de 42, a onze mulheres e oito homens, com idades compreendidas entre os 28 e os 60 anos, todos residentes na Região de Lisboa e Vale do Tejo. Os critérios utilizados na constituição deste corpus pautaram-se pela dupla preocupação de garantir a maior *diversidade*, tendo como eixos de variabilidade alguns contextos socializadores produtores de diferenças, como o ano de

⁶ Os trabalhos dos estudantes foram orientados cientificamente pelos professores António Firmino da Costa, Rosário Mauritti, Sandra Palma Saleiro e Luísa Veloso, a quem reitero o meu profundo agradecimento pela oportunidade que me foi oferecida de analisar estes dados.

conclusão do grau superior em Sociologia, a instituição onde desenvolveram a sua formação e as atividades profissionais exercidas; adicionalmente, a *saturação* foi o segundo critério operacionalizado, não considerando os testemunhos sem elementos novos, com repetição de conteúdos, numa apreciação que sugere, pois, que a informação substantiva, entretanto analisada, incorpora a heterogeneidade que caracteriza as experiências que demarcam o campo de profissionalização em Sociologia na atualidade.

O facto de as entrevistas utilizadas como corpo empírico do estudo terem sido efetuadas pelos alunos da Licenciatura em Sociologia, representam, por um lado, vantagens, no que diz respeito ao tempo que foi possível economizar na obtenção dos dados, dados estes que provavelmente não viriam a ser fonte de uma análise mais aprofundada, mas representam também, por outro lado, desvantagens. Dado que as entrevistas foram realizadas noutra contexto, não tendo como finalidade a realização desta dissertação, foram notáveis algumas lacunas relativamente à obtenção de alguma informação, ideias dos entrevistados que ficaram pouco claras ou que não foram exploradas como desejado. Neste sentido, e para ultrapassar tais barreiras, um dos critérios de seleção das entrevistas foi precisamente a qualidade substantiva dos materiais a utilizar.

Os contactos efetuados pelos estudantes tendo em vista a angariação de entrevistados foram realizados através de conhecimentos interpessoais, também com a colaboração de estruturas representativas dos sociólogos, como a APS ou APSIOT, ou através de redes sociais profissionais. Nestes contactos os estudantes tinham como orientação geral localizar sociólogos com pelos menos cinco anos de experiência após a obtenção do diploma de estudos em Sociologia, a exercer atividade profissional fora da «academia» (não podiam ser docentes, nem investigadores). Esta delimitação do objeto de estudo prende-se com a necessidade de observar trajetórias diversificadas e suficientemente prolongadas em termos de relação com o mercado de trabalho. O facto de terem lugar fora da academia confere-lhes maior relevância na análise de questões relativas à identidade profissional e práticas de mobilização de competências sociológicas, tendo em conta o problema de pesquisa que nos orienta. Todas as entrevistas foram realizadas presencialmente e gravadas em suporte digital com a permissão de cada entrevistado. Algumas entrevistas foram realizadas no local de trabalho dos próprios entrevistados, outras no ISCTE-IUL, e outras ainda em espaços informais adequados.

Complementarmente, ao método das entrevistas está associado um método de análise de conteúdo, aqui operacionalizado tendo como foco analítico a necessidade de construção de um quadro interpretativo e comparativo dos testemunhos fornecidos pelos sociólogos, que confira significado para o problema em estudo. Tal numa orientação de decifração sistemática do sentido que os sujeitos atribuem às suas ações e práticas profissionais, nos contextos onde têm lugar, de forma a captar padrões de comportamentos e atitudes sociais, e a permitir identificar e caracterizar os fatores que determinaram essas características (Bardin, 2013). Em termos operatórios, foram selecionados os excertos mais relevantes dos testemunhos dos próprios entrevistados (frases, discursos), os quais foram transcritos para grelhas de leitura (Anexo D). Esta arrumação permitiu a comparação de experiências dos diferentes entrevistados e facilitou a análise das mesmas.

No seguinte quadro síntese apresentamos a caracterização dos entrevistados no que diz respeito aos seguintes elementos: sexo; grupos etários; grau de ensino em Sociologia; Instituição onde obtiveram essa formação e ano de conclusão da mesma; outras formações; designação profissional e setor de atividade onde exercem a sua profissão atual⁷.

⁷ Todos os sociólogos entrevistados estão referenciados com nomes fictícios para preservar o seu anonimato, qualquer semelhança com a realidade será coincidência. Todos autorizaram, mediante declaração, a utilização dos seus dados e das entrevistas para fins de investigação académica.

Quadro 3.1 – Caracterização da Amostra

Entrevistados	Sexo	Idade	Grau académico em Sociologia	Instituição, ano	Outras formações	Designação Profissional	Contextos Profissionais
E1. Rui	Masculino	47 (1972)	Licenciatura	Universidade Autónoma de Lisboa, 1996	Mestrado em Comunicação e Jornalismo, Universidade de Coimbra (por concluir)	Jornalista	- Empresa (Jornal Regional) - Comunicação Social
E2. Rute	Feminino	29 (1990)	Licenciatura	ISCTE-IUL, 2011	Mestrado em Políticas de Desenvolvimento de Recursos Humanos, ISCTE-IUL, 2017	Consultora de Recursos Humanos (IT)	- Empresa Privada - Consultoria de Recursos Humanos
E3. Maria	Feminino	31 (1988)	Licenciatura	ISCTE-IUL, 2012	Formações em contexto profissional (Comunicação em Público; Gestão de Reuniões; Inglês)	Técnica de Recursos Humanos	- Empresa Privada - Recursos Humanos
E4. Luís	Masculino	44 (1975)	Licenciatura	FCSH, 1997	Pós-Graduação em Análise de Dados, ISCTE-IUL, 2008	Técnico Superior	- Administração Pública - Ministério da Defesa Nacional
E5. David	Masculino	37 (1982)	Licenciatura	Universidade Autónoma de Lisboa, 2001	--	Técnico Superior - Coordenador e Gestor do Centro Nacional de Qualificação de Formadores	- Administração Pública - Direção de Serviços da Qualificação do IEFP
E6. André	Masculino	34 (1985)	Licenciatura	FCSH, 2013	Curso de Técnico de Gestão Ambiental, 2011 Formações profissionais: Excel, Word	Técnico de Gestão Ambiental	- Administração Pública - Câmara Municipal da Amadora
E7. Marta		61 (1958)	Licenciatura	ISCTE-IUL, 1981	Curso de Formação de Formadores	Professora do Ensino Secundário	- Administração Pública - Escola Secundária
E8. Diogo		54 (1965)	Licenciatura	FCSH, 2012	Formações profissionais: Espírito de Liderança, Gestão de Conflitos, Gestão de Património, Informática	Técnico Superior	- Administração Pública - Ministério da Educação
E9. Sara	Feminino	35 (1984)	Licenciatura	ISCSP, 2007	Formações profissionais: Proteção de Dados, Recursos Humanos	Técnica de Recursos Humanos	- Empresa Privada - Recursos Humanos
E10. Telma	Feminino	47 (1972)	Licenciatura	Universidade Moderna do Porto, 2006	Outras formações: Gestão de Conflitos, Contabilidade, Avaliação de Projetos	Diretora Técnica	- IPSS - Associação de Assistência a Idosos e Deficientes de Oeiras

E11. João	Masculino	55 (1964)	Licenciatura	Universidade Autónoma de Lisboa, 1998	--	Técnico Superior de Sociologia (Sociólogo)	- Administração Pública - Câmara Municipal de Lisboa
E12. Ana	Feminino	35 (1984)	Licenciatura (Sociologia e Planeamento) Pós-Graduação (Sociologia)	ISCTE-IUL, 2006 ISCTE-IUL, 2008	Formações complementares: Inglês, Processamento Salarial, Legislação Laboral	Consultora de Recrutamento e Seleção	- Empresa - Consultoria de Recursos Humanos
E13. Joana	Feminino	34 (1985)	Licenciatura Mestrado (Sociologia)	ISCTE-IUL, 2008 ISCTE-IUL, 2013	Pós-graduação (Família e Sociedade), 2010	Técnica gestora de processos/ Socióloga	- IPSS - “NOS” Barreiro
E14. Sofia	Feminino	58 (1961)	Licenciatura	ISCTE-IUL, 1980	Pós-graduação em Economia e Política Social, ISCTE-IUL, 1991 Outras formações: Formação de Formadores, Cursos de Gestão	Vogal Executivo do Conselho de Administração	- Administração Pública (Empresa Municipal) - Gebalis (CML)
E15. José	Masculino	53 (1966)	Licenciatura	ISCTE-IUL, 2011	Mestrado em Serviço Social, ISCTE-IUL, 2013 Parte curricular do doutoramento em Serviço Social	Técnico Superior de Sociologia	- Administração Pública - Câmara Municipal de Lisboa
E16. Eva	Feminino	28 (1991)	Licenciatura	ISCTE-IUL, 2012	Mestrado em Marketing, 2014	Brand Manager	- Empresa - Marketing
E17. Miguel	Masculino	41 (1978)	Licenciatura	ISCTE-IUL, 2003	Pós-graduação em Comunicação, Cultura e Tecnologias da Informação, ISCTE-IUL, 2005 Mestrado em Economia e Gestão de Ciência e Inovação, ISEG, 2013	Gestor de Ciência	- Unidade de investigação científica - ISEG (SOCIUS)
E18. Sónia	Feminino	45 (1974)	Licenciatura Doutoramento (Sociologia)	ISCTE-IUL, 1997 ISCTE-IUL, a concluir	Mestrado em Socioeconómico das Organizações, ISEG, 2003	Técnica Superior (Socióloga)	- Agência Erasmus+ - Agência de Fundos Europeus
E19. Fátima	Feminino	45 (1974)	Licenciatura Mestrado (Sociologia)	Universidade Autónoma de Lisboa, 1994 ISCTE-IUL, 1994	--	Socióloga	- Programa Operacional Capital Humano (POCH) - Agência de Fundos Europeus

A “diversidade” da presente amostra garantiu-se com base na seleção dos seguintes indicadores: instituição de ensino onde realizaram a formação em Sociologia; ano de conclusão do grau superior em Sociologia⁸; contexto profissional onde se inserem e atividades profissionais exercidas. Na seleção destes indicadores assumimos, pois, que os mesmos constituem elementos socializadores capazes de produzir diferenças na forma como os sociólogos se representam profissionalmente e como desempenham o seu exercício profissional. Foi então possível a obtenção de uma amostra bastante heterogénea, tendo em conta a enorme riqueza dos dados conseguidos.

Relativamente aos entrevistados, todos possuem pelo menos o 1.º ciclo de estudos superiores em Sociologia. A maioria concluiu a licenciatura em instituições de ensino superior públicas (14) e os restantes em universidades privadas (cinco). Em relação ao ensino público, 10 concluíram a sua formação no ISCTE-IUL, três na FCSH e um no ISCSP. No ensino privado, quatro concluíram a Licenciatura na UAL e um na Universidade Moderna do Porto.

Dos 19 entrevistados, 13 (pouco mais de 2/3) concluíram a sua formação no período pré-Bolonha. Neste segmento, dois dos testemunhos (duas sociólogas) iniciaram a sua licenciatura em Sociologia em 1976, inserindo-se, assim, na primeira geração de sociólogos em Portugal, designado por Costa (1988), como o “período dos pioneiros”. Dos restantes 11, cinco concluíram a sua formação académica nos finais da década de 80 e na década de 90, e seis nos anos entre 2000-2008. No todo, apenas seis concluíram a sua formação superior no período pós-Bolonha (entre 2009 e 2013). Por último, relativamente à distribuição territorial das universidades onde concluíram o curso, a maioria realizou a sua formação em Lisboa, apenas dois realizaram a sua formação no Porto e um nas Caldas da Rainha (Leiria). Observa-se uma enorme variabilidade ao nível do tipo da instituição frequentada, ao nível do período em que concluíram a sua formação e estão cobertas várias regiões do país.

⁸ O período temporal de conclusão da formação em Sociologia aparece também como variável capaz de garantir heterogeneidade na nossa amostra, sendo que os vários períodos escolares são marcados por diferentes planos curriculares e formativos. O Processo de Bolonha, por exemplo, introduziu reestruturações centrais na oferta formativa dos vários cursos superiores, implicando alterações nos planos curriculares das unidades curriculares de cada curso.

CAPÍTULO 4 – APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

4.1. PAPÉIS, PRÁTICAS E CONTEXTOS DE PROFISSIONALIZAÇÃO DOS DIPLOMADOS EM SOCIOLOGIA

De forma a caracterizar os papéis, práticas e contextos de profissionalização dos sociólogos entrevistados, isto é, entender onde estão, o que fazem, como interpretam e utilizam as ferramentas sociológicas e como se relacionam com outros profissionais, centrámos a nossa análise nas seguintes variáveis. Em primeiro lugar, a formação (quer no que diz respeito à aquisição de conhecimentos e competências especificamente sociológicos, bem como às práticas de atualização com eventuais incursões em áreas disciplinares afins); em segundo, a procura social de sociólogos (no que diz respeito ao mercado de trabalho, isto é, funções e cargos profissionais que exercem, em que organizações trabalham e em que setores de atividade se inserem).

Começamos por nos centrar nas expectativas e ambições destes entrevistados acerca de uma formação superior em Sociologia. Treze entrevistados em 19 (mais de 2/3) escolheram Sociologia como 1ª opção de acesso e cinco elegeram a Sociologia em 2ª opção de acesso⁹. O principal motivo para esta escolha decorre do contacto anterior com a disciplina no Ensino Secundário.

“Foi a minha primeira e única opção. Sempre soube. Eu via anúncios nos intervalos, e perguntava-me: porque é que nos anúncios de detergentes da loiça só aparecem mulheres? (...) eu não sabia o que era a Sociologia, e isto é Sociologia, analisar a sociedade. E depois foi aí que eu tive no secundário, no 11º ano comecei a ter Sociologia, e percebi que realmente gostava daquilo” (E2 – Rute, 29 anos, Licenciatura ISCTE-IUL em 2013, trabalha em Empresa de Recursos Humanos)

Outras razões assinaladas para a escolha do curso em 1ª opção envolvem a curiosidade e interesse acerca de questões sociológicas, como a interação entre os indivíduos e as organizações ou sobre a sociedade em geral, bem como a vontade de vir a trabalhar em áreas relacionadas, quer no âmbito universitário, quer noutros contextos profissionais. No segmento que não frequentou a Sociologia no Ensino Secundário, é assinalado que o conhecimento acerca da disciplina teve lugar através de conversas informais com amigos ou familiares.

Em relação aos entrevistados que escolheram a Sociologia como 2ª/outra opção de acesso, reconhecem que a escolha de um curso superior não foi uma decisão totalmente informada. Os principais motivos que os levaram a concluir o curso prendem-se com o interesse que a disciplina acabou por lhes suscitar, destacando a sua transversalidade e versatilidade no que diz respeito às matérias lecionadas e a diversidade de contextos de trabalho em que se poderiam vir a inserir:

“Um bocado por acaso fui para Sociologia no ensino superior. Primeiro tinha estado em Direito, demorei três meses a perceber que não gostava, depois desisti. Pensei que não ia estudar mais, mas depois fui experimentar e tive sorte, na primeira aula que tive Sociologia o professor era uma pessoa interessante e falava, falou de forma que eu fiquei cativado e eu continuei a ir às aulas e depois decidi acabar” (E1 – Rui, 47 anos, Licenciatura na UAL em 1996, trabalha em Jornal Regional)

⁹ Uma das entrevistadas foi diretamente encaminhada para o curso de Sociologia, depois de o curso de Ciências Sociais e Políticas ter sido extinto.

4.1.1. EXPERIÊNCIAS DE PROFISSIONALIZAÇÃO DE UMA CIÊNCIA

Quando nos debruçamos sobre a atividade profissional dos sociólogos, constatamos que os entrevistados se inserem numa multiplicidade de contextos organizacionais e setores de atividade nos quais exercem um conjunto de atividades profissionais qualificadas. Relativamente aos contextos organizacionais onde exercem a sua atividade, destacam-se os organismos da administração pública (Câmaras Municipais, Ministérios e outras estruturas, como agências que gerem fundos e programas europeus, escolas, etc.), Instituições Particulares de Solidariedade Social (IPSS) prestadoras de serviços em diferentes setores e as empresas privadas (pequenas e médias empresas, multinacionais). No que diz respeito aos setores de atividade nos quais se inserem, também estes variados, destacam-se a comunicação social, a consultoria/gestão de recursos humanos, o apoio ou assistência social a indivíduos carenciados, a educação, o ambiente, o marketing, a programação cultural, o planeamento urbano, a ciência. Nestes, adotam diferentes cargos e designações profissionais (muitas vezes, sem referências à Sociologia): “técnico superior”, “jornalista”, “consultor/técnico de recursos humanos”, “professor do ensino secundário”, “diretor técnico”, “vogal executivo”, “coordenador”, “*brand manager*”, “gestor de ciência”, “técnico de gestão ambiental” e, “sociólogo”.

A larga maioria dos entrevistados trabalha então em organismos da administração pública central e local, ocupando a categoria de “técnico superior”. É o caso do Luís (E4) que trabalha no Ministério da Defesa Nacional onde monitoriza e gere estudos estatísticos; do Diogo (E8) que trabalha na Editorial do Ministério da Educação e é encarregue pelo processo de controlo de qualidade, no serviço de higiene e segurança no trabalho e manutenção do património. O David (E5) que é “coordenador e gestor do CNQF¹⁰” no IEF, onde gere o portal *NetForce*, as suas funções incluem a atribuição de certificados/autorizações a entidades diversas, bem como promover ações de formação e seminários. Outros ainda estão presentes em Câmaras Municipais, como o André (E6) que trabalha na Câmara Municipal da Amadora, como “técnico de gestão ambiental” e organiza atividades de educação ambiental para os alunos das escolas do concelho; o João (E11), na área do planeamento urbano, que realiza estudos urbanos e demográficos relacionados com a segurança urbana; e, o José (E15), na área da habitação municipal, emite relatórios de caracterização sociodemográfica e gere o orçamento participativo. A Sofia (E14), por sua vez, trabalha enquanto “vogal executivo” do Conselho de Administração da Gebalis (empresa municipal) e é responsável pela gestão social e patrimonial dos bairros municipais e frações da propriedade da CML, acompanhamento dos realojamentos, definição de planos estratégicos e sensibilização das famílias. Por último, a Marta (E7) trabalha numa Escola Secundária, enquanto “professora de Sociologia” e dá aulas de Sociologia e outras disciplinas (Economia, Direito, Geografia).

Dois dos sociólogos entrevistados desenvolvem a sua atividade profissional em IPSS. A Telma (E10) é “diretora técnica” numa IPSS prestadora de serviços a pessoas idosas e com deficiência. As suas funções incluem nomeadamente responsabilidades de administração financeira, gestão de equipas e o

¹⁰ Centro Nacional de Qualificação de Formadores

planeamento das atividades para os utentes; a Joana (E13) trabalha na área da intervenção social, enquanto “técnica gestora de processos”, numa IPSS prestadora de serviços a indivíduos em risco de exclusão social, sendo responsável pelo diagnóstico social (identificação das problemáticas que levam os indivíduos a estar numa situação de exclusão social), definição de um plano de reinserção social que autonomize os indivíduos, acompanhamento do processo, avaliação da motivação da família e articulação com outros parceiros sociais.

Já o Miguel (E17)¹¹ ocupa o cargo de “gestor de ciência” e trabalha numa unidade de investigação científica, no ISEG, onde gere a componente administrativa e financeira de projetos de investigação, incluindo nomeadamente a preparação de candidaturas, o acompanhamento dos projetos e a submissão de relatórios financeiros. A Fátima (E19) é “socióloga” no Programa Operacional do Capital Humano (POCH) e é responsável pelo apuramento do financiamento dos fundos europeus e do seu impacto (monitorização e apuramento estatístico de indicadores). A Sónia (E18) também envolvida no acompanhamento de programas europeus, exerce a sua atividade na Agência Erasmus+, enquanto “socióloga”, aí integrando a equipa de monitorização e avaliação do programa (verificação de dados, criação de padrões de qualidade, gestão do orçamento).

Por último, alguns exercem a sua atividade na área da gestão e consultoria de recursos humanos, inserindo-se em empresas privadas, como é o caso da Rute (E2), da Maria (E3), da Sara (E9) e da Ana (E12). Todas se designam profissionalmente como “consultoras/técnicas de recursos humanos” e, apesar de desenvolverem as suas atividades em áreas semelhantes, desempenham diferentes funções: a Rute (E2) realiza propostas comerciais, estuda as necessidades de contratação e gere o processo de recrutamento (entrevistas, seleção de candidatos, celebração de contratos); a Ana (E12) desenvolve funções similares às da Rute (E2), como a triagem curricular adaptada ao perfil que o cliente procura, realização de entrevistas a candidatos e alocação do candidato no cliente; a Maria (E3) acompanha e gere as carreiras dos colaboradores da empresa, faz triagem curricular e sessões de integração de colaboradores; a Sara (E9) trabalha no departamento de recursos humanos de uma seguradora multinacional e as suas tarefas passam pelo processamento salarial, contratação e formalização de acordos de entrada/saída de um trabalhador e análise de dados de inquéritos. Já o Rui (E1), que também trabalha no setor privado, desenvolve a sua atividade profissional como “jornalista” no âmbito do setor da comunicação social, na redação de um jornal regional. Também a Eva (E16) trabalha na área de marketing de uma empresa privada, na gestão financeira e comercial de produtos da entidade, ocupa o cargo de “gestora de marketing”.

Todos trabalham com o auxílio do computador e os principais programas/software utilizados por estes são o Office (Word, Excel, PowerPoint), o Outlook, e o SPSS.

¹¹ O Miguel (E17) apesar de trabalhar no mundo da academia, não exerce os típicos cargos de “investigador” ou “professor universitário”, mas sim de “gestor” ao qual se associam, essencialmente, tarefas de gestão (que em muito divergem das funções de investigador ou professor universitário).

Constata-se que os sociólogos se envolvem no desempenho de atividades altamente qualificadas, essencialmente, tarefas de gestão (gestão de equipas, gestão de conflitos, gestão financeira, gestão de projetos), de coordenação (definição de diretrizes de trabalho), de planeamento estratégico ou de avaliação de problemáticas específicas e emissão de pareceres (realização de diagnósticos sociais, implementação de projetos). Outros envolvem-se na realização de estudos e relatórios, de carácter estatístico e avaliativo, os quais implicam a monitorização, sistematização e interpretação de dados (monitorização e análise de informação estatística, relatórios de caracterização sociodemográfica, apuramento de dados e indicadores). E, ainda, a estas acrescem tarefas de intervenção social. A atividade destes sociólogos é também de orientação para o outro, quer no que diz respeito à intervenção social propriamente dita, quer no que diz respeito à gestão social e patrimonial de bairros municipais, ou à assistência a idosos, ou à segurança urbana, ou à educação ambiental. Consideramos ainda que do total dos entrevistados, aqueles que se inserem na área de consultoria de recursos humanos (ocupando o cargo de técnicas/consultoras de recursos humanos), no âmbito de empresas privadas, são os que realizam tarefas de carácter mais administrativo como o agendamento de entrevistas, processamento salarial, formalização ou contratação de acordos de entrada e saída de colaboradores da empresa, triagem curricular, e, a nosso ver, são também os que são dotados de menor autonomia na tomada de decisão.

Indo de encontro ao que foi referido por Costa (2004), conclui-se que a Sociologia se insere nas relações formação/profissão multívocas, isto é, à Sociologia não corresponde um único e pré-determinado setor de atividade ou papel profissional, dado que os sociólogos desenvolvem estratégias de profissionalização direccionadas para uma enorme pluralidade de atividades e papéis profissionais qualificados. A enorme multiplicidade de contextos e setores nos quais os entrevistados desenvolvem a sua atividade, permite-nos concluir que o objeto profissional dos sociólogos é, indubitavelmente, a realidade social, ou, por outras palavras, as relações e os fenómenos sociais.

Relativamente às trajetórias profissionais dos entrevistados procurámos caracterizar o momento de transição para o mercado de trabalho depois da conclusão da licenciatura em Sociologia; a situação profissional cinco anos depois da conclusão da licenciatura; e a prática profissional atual (já descrita anteriormente). Todos os sociólogos entrevistados estavam empregados passados cinco anos da conclusão da licenciatura, assim como no momento da realização da entrevista, isto é, na situação atual. Todos são detentores de contratos de trabalho e pertencem aos quadros das organizações, mantendo, por isso, uma situação profissional estável.

As principais estratégias de profissionalização e de inserção no mercado de trabalho apontadas pelos entrevistados prendem-se com a realização de estágios, extracurriculares ou profissionais (Rute-E2, Maria-E3, Ana-E12, Eva-E16, Sofia-E14), chegando, algumas das entrevistadas, inclusivamente, a permanecer, ainda hoje, nas mesmas organizações onde ingressaram enquanto estagiárias. Localizámos também situações em que a transição para o mercado profissional ficou marcada por experiências enquanto assistentes ou bolsiros em projetos de investigação científica (Miguel-E17, Sónia-E18, Fátima-E19). Ainda, dois entrevistados iniciaram a sua atividade profissional enquanto sociólogos no Exército e realizaram Sociologia aplicada num órgão de investigação, tendo vindo mais tarde, a exercer,

no âmbito da administração pública (Câmaras Municipais/Ministérios), a monitorização de estudos estatísticos e funções de coordenação e gestão (Luís-E4, David-E5).

Para alguns, cuja primeira experiência profissional decorreu antes da conclusão da licenciatura, a qual foi concluída num período “mais tardio”, a formação em Sociologia revelou-se um instrumento potenciador da melhoria das condições profissionais, isto é, da progressão profissional. Passaram do exercício de tarefas administrativas de base, marcadas por pouca autonomia ou elevada dependência hierárquica, para após a conclusão da licenciatura, o exercício de funções de coordenação, direção, gestão de equipas, gestão financeira, avaliação e gestão de necessidades, apuramento de dados sociodemográficos, emissão de pareceres, entre outros. O seu reconhecimento enquanto especialistas, permitiu assim que passassem a posições hierárquicas de direção e enquadramento intermédio, enquanto técnicos superiores (Telma-E10, José-E15, Diogo-E8, Sara-E9). Esta transição, nem sempre, porém, é imediata, como podemos observar na experiência de um dos entrevistados, que concluiu a licenciatura recentemente e mantém funções similares às que desempenhava anteriormente, as quais envolvem o planeamento e a organização de atividades de educação ambiental para alunos jovens das crianças das escolas do Concelho da Amadora.

Alguns dos sociólogos que tiveram um percurso profissional mais estável, permanecendo na mesma organização/contexto profissional onde iniciaram funções depois da conclusão da licenciatura (Marta-E7, Rui-E1, Joana-E13), nos testemunhos que partilharam enfatizam a diversidade de papéis que desempenharam ao longo da vida profissional, em diferentes cargos e departamentos.

Nas entrevistas realizadas procurou-se apurar estratégias de adaptação e reconversão profissional que ocorrem em situações de desemprego. Relativamente a períodos de desemprego, nenhum dos sociólogos entrevistados esteve desempregado mais de seis meses e a maioria não vivenciou sequer um período de desemprego desde que concluiu a sua licenciatura em Sociologia. Os percursos profissionais destes sociólogos são caracterizados pela estabilidade dos vínculos profissionais e pelo exercício de profissões altamente qualificadas. Para os que ingressaram no quadro de estratégias de melhoria das condições de trabalho e progressão de carreira, como referido anteriormente, a licenciatura teve um peso relevante na materialização dessas orientações, permitindo que viessem a ocupar posições de maior autonomia, responsabilidade técnica e científica e prestígio profissional.

4.1.2. CONHECIMENTOS E COMPETÊNCIAS DOS SOCIÓLOGOS NO MERCADO DE TRABALHO

Quando nos debruçamos sobre o conjunto de conhecimentos e competências de base que os sociólogos são portadores, esta questão ganha maior relevância quando as atividades profissionais exercidas extravasam o mundo da academia, e não se circunscrevem aos típicos papéis de “investigador” ou “professor universitário”. Como observámos, os sociólogos entrevistados exercem uma multiplicidade de papéis e atividades profissionais.

Neste sentido, procuramos aqui analisar em que medida nas suas práticas, enquanto especialistas, fazem uso da “caixa de ferramentas” teóricas, metodológicas, operatórias e relacionais adquiridas no processo formativo e também na sua experiência profissional. Concretamente, interessa-nos perceber se

reconhecem ser portadores dessas competências e se as mobilizam efetivamente no quotidiano de trabalho, com isso configurando traços fundamentais que os caracterizam enquanto profissionais especializados. Adicionalmente, questiona-se se as práticas de investigação adquiridas e o universo científico que caracteriza a Sociologia tendem a permanecer enquanto referência forte ou prática profissional dos entrevistados.

Alguns testemunhos evidenciam a *capacidade de abordagem diferenciada* que detêm como uma característica que os diferencia nas perspetivas que constroem face aos fenómenos e às situações com que se deparam no meio profissional. Na nomeação de tais características, referem o “olhar imparcial e objetivo”, que “rejeita os preconceitos e evidências de senso comum” ou “a resposta imediata”. Estes princípios científicos são não apenas uma referência forte destes entrevistados, que integra a sua identidade sociológica, mas, efetivamente, traduzem-se numa ação profissional diferenciada e especializada:

“Uma das questões mais importantes nesta profissão é a questão do método, conseguir ser objetivo (...) ter uma leitura da realidade o quanto possível longe dos preconceitos que se tem ou do senso comum (...) A minha profissão implica uma leitura da realidade, e transmiti-la a outras pessoas. Acho que a Sociologia me atribuiu algumas ferramentas úteis na leitura da realidade de uma forma mais objetiva e, lá está, imparcial” (E1 – Rui, 47 anos, Licenciatura na UAL em 1996, trabalha em Jornal Regional)

“A Sociologia, o que me traz é, e que foi isso que eu gostei muito, foi uma visão muito mais aberta da sociedade, e da génese desses mesmos problemas sociológicos (...) tive um professor que dizia que o preconceito social é uma coisa que os sociólogos não podem ter, ou não devem ter.” [e acrescenta] “A questão da rutura epistemológica, do senso comum... quando nós temos essa formação e quando nos dão essa capacidade de análise, de postura social (...) acabamos por ter essa capacidade de lidar com causas, com pessoas, com coisas de âmbito social” (E12 – Ana, 35 anos, Licenciatura no ISCTE-IUL em 2006, trabalha em Empresa de Recursos Humanos)

Outra das características da formação científica em Sociologia também destacada pelos entrevistados implica *uma capacidade de leitura reflexiva e de raciocínio científico* acerca dos fenómenos sociais e das situações do dia-a-dia profissional, isto é, a capacidade de reflexão distanciada, para a análise e interpretação dos comportamentos sociais e dos fenómenos relacionais com que se deparam:

“A Sociologia é muito importante porque nos permite esta interpretação da realidade social de uma forma muito integradora, muito completa (...) permite fazer uma leitura dos problemas sociais (...) perceber quais são os contextos, enquadrar, perceber quais são as realidades territoriais. (E13-Joana, 34 anos, Licenciatura no ISCTE-IUL em 2008, trabalha em IPSS)

“A Sociologia é uma área que olha para os fenómenos na sociedade e que disponibiliza ferramentas para ter um olhar mais treinado sobre os fenómenos sociais” (E9 – Sara, 35 anos, Licenciatura no ISCSP em 2007, trabalha em Empresa na área de Recursos Humanos)

“Olhar para um fenómeno, por exemplo a toxicodependência ou a prostituição, e olhar para esse fenómeno com olhos de cientista social (...) E perceber ok, esta pessoa está a passar por este processo, mas temos uma génese, temos aqui um percurso que é explicado socialmente” (E12 – Ana, 35 anos, Licenciatura no ISCTE-IUL em 2006, trabalha em Empresa na Consultoria de Recursos Humanos)

Ainda, outra competência enunciada radica nos recursos de que são detentores que lhes permitem uma *elevada reflexividade*. Na caracterização desta competência destacam a sua capacidade de

observação e de crítica face aos fenómenos, adquirida ao longo do seu percurso académico, e que se traduz numa capacidade de intervenção estratégica em diferentes contextos profissionais:

“É um curso que te ensina muito a observar e a interpretar várias coisas. Não só observar o comportamento das pessoas na rua, como a observar [a fazer] análise de dados, ou seja, dados que a estatística te dá e que conclusões é que podemos tirar (E16 – Eva, 28 anos, Licenciatura no ISCTE-IUL em 2012, trabalha em Marketing)

“É o olhar crítico. É sobretudo a curiosidade de não nos satisfazermos. Olharmos para determinados dados e determinada informação e termos curiosidade sobre ela” [e acrescenta] “Tem que haver um sentido crítico quando olhamos para os dados, perceber se uma taxa que apuramos faz sentido ou não faz sentido (...)” (E19 – Fátima, 45 anos, Licenciatura na UAL em 1994, trabalha em Agência de Fundos Europeus)

Vimos até agora que os entrevistados integram na prática profissional alguns dos princípios científicos que os capacitam para análise dos fenómenos num processo distanciado de reelaboração crítica e distanciada, especificamente sociológica. Mas serão igualmente capazes de mobilizar os conhecimentos teóricos, metodológicos, operacionais e relacionais da sua formação de base?

Quando mobilizados pelos sociólogos, os quadros teórico-conceptuais da Sociologia configuram-se em *competências teóricas*, específicas de uma formação de base sociológica, traduzindo-se em formas diferenciadas de interpretar as situações e os fenómenos. Isto é, constituem-se em recursos específicos, de natureza técnica e científica, que permitem não apenas moldar e adaptar os seus comportamentos e interações com os outros, mas também captar os sentidos subjacentes à ação social:

“Estar no terreno, perceber os fregueses, perceber como é que as coisas funcionam, é claro que a Sociologia é a melhor das formações para perceber o comportamento das massas” (E10-Telma, 47 anos, Licenciatura na Universidade Moderna do Porto em 2006, trabalha em IPSS)

“Para tomarmos decisões é importante reconhecer que dinâmicas existem, e isso o sociólogo tem essa capacidade porque consegue fazer instrumentos de recolha para tipificar as pessoas, com base nos conhecimentos aprendidos e criar determinadas tipologias, saber que há todo um trabalho a montante de outros trabalhos já realizados... no fundo dar ideias alternativas para trabalhar com os impactos sociais” (E18-Sónia, 45 anos, Licenciatura no ISCTE-IUL em 1997, trabalha na Agência Erasmus+)

“As teorias sociológicas que nos ajudam a interpretar a realidade social, recorro todos os dias às noções teóricas da Sociologia para poder analisar as relações sociais” (E13-Joana, 34 anos, Licenciatura no ISCTE-IUL em 2008, trabalha em IPSS)

São também destacadas pelos entrevistados, o que se designam por *competências metodológicas*. Incluem-se nesta categoria os conhecimentos de desenho ou planeamento em função dos desafios colocados e também as oportunidades de recolha e análise de dados substantivos. Através das metodologias científicas mobilizadas alguns evidenciam nos seus testemunhos a preocupação de produzir resultados fiáveis e rigorosos:

“Fazemos estudos de Sociologia pura (...) “Em termos de metodologias usadas para estes estudos mais massificados são o inquérito por questionário (...) estar no terreno (...) depois a análise que é feita. A grande maioria são de natureza quantitativa, todas estruturas em escala para nos permitir uma análise robusta do ponto de vista académico” (E4-Luís, 44 anos, Licenciatura na FCSH em 1997, trabalha no Ministério da Defesa Nacional)

“Quais são as tendências da sociedade, o que é que o consumidor está a fazer agora (...) portanto, todos os dias, é raro eu não olhar para dados do consumidor, ou seja, para eu conhecer a sociedade, e, portanto, aí tenho sempre um bocadinho de Sociologia. Então análise de dados está todos os dias no meu dia-a-dia profissional” (E16-Eva, 28 anos, Licenciatura no ISCTE-IUL em 2012, trabalha em Marketing)

“Nós fazemos inquéritos aos alunos, no final de cada atividade e depois avaliamos esses inquéritos e isso está um pouco relacionado com a Sociologia. Fazemos em Excel e depois analisamos os resultados. Fazemos uma avaliação quantitativa e qualitativa desses resultados” (E6-André, 31 anos, Licenciatura na FCSH em 2013, trabalha na Câmara Municipal da Amadora)

“(…) a parte da metodologia, de olhar para uma realidade e tentar perceber o método a aplicar para retirar informação…Um exemplo: nós temos que fazer uma estratégia de inclusão (…) e sou eu, porque eles querem logo sociólogos nestas coisas…querem lançar um inquérito ao total das organizações e depois temos que discutir, porque não só aquelas…temos que balizar para criar o nosso universo para depois criar a nossa base de amostra” (E18-Sónia, 45 anos, Licenciatura no ISCTE-IUL em 1997, trabalha na Agência Erasmus+)

“Quando desenhamos o objeto de investigação temos de ter em conta o modelo teórico, mas também as necessidades da organização em termos de informação” (E4-Luís, 44 anos, Licenciatura na FCSH em 1997, trabalha no Ministério da Defesa Nacional)

Quanto às referências relativas às *competências relacionais* adquiridas durante a sua formação, nos testemunhos destes sociólogos são descritas como capacidades específicas de interação estratégica, que os dotam de uma sensibilidade própria para a contextualização dos comportamentos para lá das aparências momentâneas:

“Noto diferença na forma de abordar as pessoas, na forma de abordar as crianças, na forma de compreendê-las, também. Nós estamos a ver as crianças ali, mas sabemos que elas para trás têm uma história e, muitas vezes, essa história, sobretudo ali na Amadora, não é fácil e os comportamentos que eles têm ali, são reflexo da vida que eles têm. E eu se calhar antes de ter a licenciatura em Sociologia, encarava um mau comportamento só porque os miúdos queriam embirrar, mas agora sei que não, sei que eles estão ali e a forma de eles se manifestarem é assim (…) e a Sociologia ajudou-me muito sim. Até com os próprios colegas a forma de interagir é diferente, sim” (E6 – André, 31 anos, Licenciatura na FCSH em 2013, trabalha na Câmara Municipal da Amadora)

“Eu lido com pessoas todos os dias, e são pessoas muito diferentes, formações muito diferentes, percursos pessoais e sociais muito diferentes, portanto a Sociologia acaba por me ajudar nesse aspeto (…) acho que a Sociologia me ajuda nesta adaptação ao discurso, à pessoa, ao contexto” (E12 – Ana, 35 anos, Licenciatura no ISCTE-IUL em 2006, trabalha em Empresa na Consultoria de Recursos Humanos)

“Obviamente que a Sociologia me preparou e me deu as bases, as ferramentas para poder fazer o meu trabalho da melhor forma possível. Como vos disse estamos a lidar com pessoas carentes (…) pessoas que têm dificuldades, que têm carências e que não podemos lidar com as pessoas da mesma maneira, temos de estar ali, olhar para elas, analisar o contexto histórico e social e saber como é que se vai intervir junto desta pessoa” (E15 – José, 53 anos, Licenciatura no ISCTE-IUL em 2011, trabalha na CML)

Nas intervenções que desenvolvem no terreno através da mobilização das ferramentas enunciadas atrás, utilizam ainda, segundo os seus testemunhos, o que designamos de *competências operacionais*. Isto é, métodos e técnicas de trabalho, assentes em conhecimentos previamente adquiridos, que lhes permitem um desempenho profissional ajustado e adequado. Se destacam, por um lado, as capacidades de pesquisa e recolha bibliográfica que detêm, destacam também a capacidade em trabalhar com o SPSS, ou a capacidade de trabalho em equipa (nestas componentes, fazendo referência às suas especificidades, enquanto sociólogos, que os distinguem dos demais profissionais no âmbito de equipas multidisciplinares):

“os sociólogos possuem maior aptidão para os números, cálculos estatísticos, etc…” (E5-David, 37 anos, Licenciatura na UAL em 2001, trabalha no IIEFP)

“A elaboração de relatórios, lá está, ainda hoje utilizo o SPSS e se não fosse a Sociologia... Não foi em Serviço Social que eu aprendi o SPSS nem Análise de Dados (...) são essas as funções que eu acho que a Sociologia me ajudou muito, e que eu utilizo no dia-a-dia porque tem que ser, se não as tivesse era impossível, podia fazer outras coisas se calhar, mas estas não podia de certeza” (E15-José, 53 anos, Licenciatura no ISCTE-IUL em 2011, trabalha na CML)

“Nós em Sociologia aprendemos muito a ter resiliência, a ter métodos de trabalho, de análises, de estudo, de ter a capacidade de analisar vários fatores, vários insights e conseguir chegar a uma conclusão” (...) Quem vem de sociologia tem a capacidade de conseguir criar processos, métodos de estudo, de análise, de chegar a uma conclusão” (E16-Eva, 28 anos, Licenciatura no ISCTE-IUL em 2012, trabalha em Marketing)

“Para elaborar textos ou resumir e condensar melhor informação, os sociólogos têm grande capacidade de adaptabilidade” (E5-David, 37 anos, Licenciatura na UAL em 2001, trabalha no IEFP)

“Os conhecimentos que eu tenho em Sociologia em metodologias e técnicas, recorro no sentido de poder ver se aquele projeto é um bom ou mau projeto” (E14-Sofia, 58 anos, Licenciatura no ISCTE-IUL em 1980, trabalha na Gebalis)

“Os trabalhos que aqui desenvolvemos é a tentativa de perceber o comportamento de grupos sociais, e eles (psicólogos) encaixam perfeitamente, como estudamos comportamentos ou intenções de comportamento, a abordagem até do ponto de vista teórico encaixa muito bem com a nossa e mesmo em matéria de representações sociais, ou análise de expectativas, complementamo-nos muito” (E4-Luís, 44 anos, Licenciatura na FCSH em 1997, trabalha no Ministério da Defesa Nacional)

“É essencial (trabalhar em equipa), (...) os trabalhos de grupo desenvolvidos na Licenciatura, em que cada um faz uma parte (...) acho que é importante, isso prepara-nos muito” (E15- José, 53 anos, Licenciatura no ISCTE-IUL em 2011, trabalha na CML)

“A área dos recursos humanos (...) é uma área muito próxima, temos uma relação extremamente agradável, muito próxima, muito de intercâmbio, muito acesa, muito aberta” (E8-Diogo, 54 anos, Licenciatura na FCSH em 2012, trabalha no Ministério da Educação)

“Tem a ver no sentido em que o ramo da Sociologia acaba por ser o mais versátil e que acaba por abranger, pela sua formação, muito mais áreas (...) enquanto o sociólogo consegue ter uma abertura muito maior, cada vez se veem muito mais sociólogos integrados no setor social do que assistentes sociais, porque a partir do momento em que tens a capacidade de estudar o ser humano em sociedade, nas várias vertentes, ou seja, no antes, no durante ou até calcular comportamentos, é mais fácil de encaixar porque aqui trabalha-se com pessoas” (E10-Telma, 47 anos, Licenciatura na Universidade Moderna do Porto em 2006, trabalha em IPSS)

“A diferença que eu vejo entre pessoas formadas em Sociologia e pessoas que não têm formação na nossa área é essencialmente: surge um problema, tal pessoa falta à entrevista, (...) automaticamente, das pessoas formadas em sociologia e da minha parte, há uma tentativa de ir ao porquê, de falar com a pessoa (...) tenho uma sensibilidade maior de ir saber o porquê” (E2-Rute, 29 anos, Licenciatura no ISCTE-IUL em 2013, trabalha em Empresa de Recursos Humanos)

As competências operatórias e analíticas que resultam da integração em ambientes tecnologicamente exigentes fazem parte do portfólio de capacidades destes sociólogos. Como ficou assinalado, todos os entrevistados desenvolvem a sua atividade profissional através da cooperação e interação com outros profissionais, no âmbito de equipas de trabalho diversificadas e pluridisciplinares, nas quais ocupam posições diferenciadas, seja como diretores ou gestores de equipas, seja como especialistas detentores de conhecimentos técnicos e científicos diferenciados.

“Gente que trabalha noutras áreas... em matemática, em gestão de sistemas de informação, portanto, que têm outras competências que eu não adquiri, aqui, no âmbito da sociologia e da investigação, mas que, no fundo, eu também trago outros conhecimentos que eles também não têm. Portanto, é uma espécie de troca

de conhecimentos” (E19-Fátima, 45 anos, Licenciatura na UAL em 1994, trabalha em Agência de fundos europeus)

Neste trabalho em equipa, para além do trabalho com outros sociólogos, estabelecem relações profissionais com indivíduos formados na área da Comunicação, da Gestão de Recursos Humanos, da Psicologia, da Engenharia, do Ambiente, das Ciências Educativas, do Serviço Social, do Marketing, da Antropologia, da Gestão e Contabilidade, da Economia, entre outros. Os testemunhos enfatizam que no contexto de trabalho em equipas multidisciplinares com quem interagem e estabelecem relações de intercâmbio e complementaridade de conhecimentos, os contributos dos sociólogos mobilizam conhecimentos e competências específicos que os distinguem e caracterizam perante os restantes profissionais. A formação de base em Sociologia concede-lhes um reportório de conhecimentos teórico-metodológicos, articulados com competências relacionais e operacionais, que lhes confere uma pericialidade técnica e científica capacitadora e diferenciadora. Entre essas perspetivas e ferramentas próprias destacam-se: o “olhar crítico face aos fenómenos”; “a propensão para olhar e analisar os problemas para além de preconceitos e ideias do senso comum”, assim como questionar e refletir os problemas sociais – implicando a desconstrução dos processos e conceitos subjacentes a esse problema e a sua construção segundo princípios propriamente sociológicos (Lenoir, 1996).

Nos testemunhos dos sociólogos entrevistados, o reconhecimento que conferem à Sociologia enquanto campo de formação capacitador concilia-se com a perceção de que numa sociedade como a atual, esse capital de conhecimento deve ser alvo de permanentes atualizações. Com efeito, depois de concluída a formação inicial em Sociologia, 16 em 19 entrevistados (cerca de 84%) tiveram práticas de atualização de conhecimentos diversas, complementando as valências adquiridas em Sociologia através da realização de formações variadas, incluindo o prosseguimento dos estudos pós-graduados. Nessas orientações procuram, frequentemente, ferramentas adicionais para intervir nos contextos específicos onde interatuam enquanto profissionais. Tal vem ao encontro do que nos diz Costa (2004), os sociólogos definem-se como profissionais que combinam, no desempenho da sua atividade, uma enorme diversidade de saberes e competências de base, contextuais e complementares. A prevalência destas práticas confere-lhes uma consistência que nos permite identificá-las como um dos traços estruturantes da sua cultura profissional. Tais orientações alinham os sociólogos em protagonismos de *life long learning* característicos da sociedade atual onde, precisamente, o conhecimento e a informação adquirem uma relevância crescente.

Nestas orientações, sete em 19 entrevistados optaram por *práticas de atualização divergentes*, complementando a sua formação em Sociologia com cursos (pós-graduação, mestrado, doutoramento) em áreas diversas, frequentemente ligadas ao campo específico em que exercem a sua atividade atual: Comunicação e Jornalismo; Marketing; Políticas de Desenvolvimento de Recursos Humanos; Serviço Social; Ciências da Comunicação, Cultura e Tecnologias da Informação; Economia e Gestão de Ciência e Inovação. Outros, quatro em 19 entrevistados, optaram por “práticas de atualização convergentes” e aprofundaram os seus conhecimentos em Sociologia ou em áreas de especialização teórica em sociologia (pós-graduação, mestrado e doutoramento): Sociologia da Educação, Família e Políticas Sociais; Família e Sociedade; Economia e Política Social; Socioeconómico das Organizações. Outros entrevistados, cinco em

19, ainda, têm realizado formações complementares mais “técnicas” ou operatórias e muito direcionadas para a prática profissional através de cursos como: Análise de Dados; Gestão de Conflitos, Gestão de Recursos Humanos, Contabilidade, Formação de Formadores, *Mentoring*, Pesquisa de Dados, Línguas, Programação; Análise Qualitativa (MAXQDA), Direito. Por último, quatro em 19 entrevistados, têm realizado formações complementares apenas no âmbito profissional: Comunicação, Gestão de Conflitos, Inglês, Proteção de Dados, Excel, Word, Liderança, Informática.

No desempenho da sua atividade profissional, os sociólogos são então capazes de articular as suas competências de base (resultantes da sua formação sociológica) com outras competências complementares adquiridas em formações/cursos adicionais, assim como com competências contextuais adquiridas no decorrer da experiência profissional, as quais integram a sua “caixa de ferramentas”, sendo convocadas de forma conjugada para resolver os diferentes desafios colocados nos seus desempenhos profissionais:

“A formação académica que eu tive (Sociologia), complementada com aquela que fui tirando ao longo da vida (...) foi-me dando ferramentas para poder desempenhar as funções que eu tenho aqui com qualidade” (E14-Sofia, 58 anos, Licenciatura no ISCTE-IUL em 2011, trabalha na Gebalis)

“Eu sou sociólogo de formação e na prática eu utilizo as coisas que eu aprendi, mas eu acho que também já tenho outros mecanismos” (E11-João, 55 anos, Licenciatura na UAL em 1998, trabalha na CML)

“Eu acho que houve algumas competências que adquiri no curso de sociologia que são bastante úteis para a minha profissão, há outras competências mais técnicas que não estão na parte curricular do curso, que eu procurei adquirir posteriormente” (E1-Rui, 47 anos, Licenciatura na UAL em 1996, trabalha em Jornal Regional)

4.2. CULTURA PROFISSIONAL DOS SOCIÓLOGOS

Na análise da cultura e identidade profissional dos sociólogos surge uma questão central: procurar entender como estes se autorrepresentam e como se identificam perante terceiros. A maioria dos sociólogos entrevistados (11 entrevistados em 19) não refere a Sociologia como a sua profissão, optando por dar primazia ao título profissional adotado no contrato de trabalho (técnico superior, gestor, entre outros). Quando questionados acerca da sua identificação profissional respondem:

“Costumo até frisar isto – não sociólogo – porque não exerço” (E1-Rui, 47 anos, Licenciatura na UAL em 1996, trabalha em Jornal Regional)

“Não costumo dizer (que sou socióloga), quando me perguntam eu digo que sou de Sociologia, mas não costumo dizer – sou socióloga! (...) sou mais de gestão de recursos humanos do que de Sociologia” (E3 – Maria, 31 anos, Licenciatura no ISCTE-IUL em 2013, trabalha em Empresa de Recursos Humanos)

“Identifico-me como uma pessoa licenciada em Sociologia. Neste momento, não considero fazer trabalho de Sociologia” (E5-David, 37 anos, Licenciatura na UAL em 2001, trabalha no IEFP)

“Não faz sentido apresentar-me como socióloga, ou descrever as minhas funções como socióloga, porque no fundo, na prática, não é isso que eu estou a fazer ao nível de funções no dia-a-dia” (E12-Ana, 35 anos, Licenciatura no ISCTE-IUL em 2006, trabalha em Empresa de Recursos Humanos)

“Apesar de a Sociologia ter sido a minha base, hoje em dia identifico-me como gestora de marketing ou *marketeer* (...) porque já estou há mais anos assim do que os que tive enquanto socióloga” (E16-Eva, 28 anos, Licenciatura no ISCTE-IUL em 2012, trabalha em Marketing)

Nos seus testemunhos subordinam a apresentação de si aos traços que nas suas perceções tendem a facilitar o seu reconhecimento enquanto peritos da área onde intervêm profissionalmente – no setor privado e em organismos de intervenção técnica. A Sociologia nas suas representações é “enclausurada” no mundo da academia e da ciência, e vinculada enquanto prática profissional, ao ensino e à investigação. Através destas orientações contribuem para a pouca familiarização com a Sociologia por parte de terceiros.

Outros entrevistados (oito em 19) fazem questão de se assumir como sociólogos, e, neste sentido, reconhecem a Sociologia na e como a sua prática profissional. Autorrepresentam-se como sociólogos no seu dia-a-dia profissional (e pessoal), partilhando a sua representação enquanto sociólogos com colegas de trabalho, amigos e familiares, perante os quais fazem questão de se anunciar como sociólogos. Como se pode observar nos testemunhos seguintes, contrariamente ao segmento anterior, o contexto profissional prevalente envolve organismos públicos:

“(apresento-me como) Socióloga especializada em recursos humanos” (E2-Rute, 29 anos, Licenciatura no ISCTE-UL em 2013, trabalha em Consultoria de Recursos Humanos)

“SIM! Sempre, como sociólogo. Um enorme sim. Mesmo a ver TV, na rua, na esplanada. São coisas inculcadas” (E4-Luís, 44 anos, Licenciatura na FCSH em 1997, trabalha no Ministério da Defesa Nacional)

“Não é técnico superior, é sociólogo. É assim que eu me apresento e toda a gente no meu serviço me reconhece assim” (E11-João, 55 anos, Licenciatura na UAL em 1998, trabalha na CML)

“Eu sou sociólogo. Eu sou sociólogo!” (E15-José, 53 anos, Licenciatura no ISCTE-IUL em 2011, trabalha na CML)

“A minha matriz é: eu sou socióloga na minha formação e nos atos de gestão que eu pratico” (E14-Sofia, 58 anos, Licenciatura no ISCTE-IUL em 2011, trabalha na Gebalis)

“Normalmente digo que sou socióloga nunca digo que sou técnica (...) aqui também na agência Erasmus, normalmente como estou associada à Sociologia e estudos e mapeamentos” (E18-Sónia, 45 anos, Licenciatura no ISCTE-IUL em 1997, trabalha na Agência Erasmus+)

Para além das questões da autorrepresentação profissional dos entrevistados, é também importante entender as suas perceções sobre a aceitação da Sociologia. Isto é, como percebem a forma como os outros (não sociólogos) veem a Sociologia, fator que poderá influenciar a forma como estes sociólogos se representam. A maioria dos entrevistados, incluindo os que se apresentam como sociólogos, considera que existe um preconceito relativamente à Sociologia e ao papel do sociólogo, resultante de um desconhecimento acerca da disciplina, partilhado pelos outros mais próximos (amigos ou familiares e mesmo colegas) e pela sociedade em geral. Quando questionada sobre aquilo que considera que é a opinião dos outros acerca da Sociologia, a Marta (E7) responde:

“Acho que as pessoas não sabem muito bem o que é. Por norma. É um bocadinho como a política, toda a gente acha que sabe, porque somos seres sociais e toda a gente acha que percebe de política, toda a gente acha também que percebe de Sociologia e tem aquela ideia (...) pronto, não veem bem como ciência, se calhar. Eu hoje já vou ouvindo aí sociólogos, a partilhar e a falar. Mas acho que ainda não têm aquela relevância que se calhar têm noutros países. Não são muito ouvidos. Ora, se não são muito ouvidos, significa que a sociedade ainda não lhes dá aquele lugar que poderiam ter” (E7-Marta, 61 anos, Licenciatura no ISCTE-IUL em 1981, trabalha numa Escola Secundária)

Como referimos atrás, a ideia de que a Sociologia não é reconhecida fora do âmbito académico é partilhada por alguns entrevistados. Esta questão dá conta da forma como os próprios sociólogos incorporam, por vezes, na sua autorrepresentação, preconceitos partilhados pelos outros. Este fator poderá contribuir para uma certa inibição, dificultando que se assumam enquanto sociólogos, desde logo nos quadros relacionais que envolvem os seus exercícios profissionais. Apesar disto, encontramos igualmente testemunhos que revelam a ideia de que a Sociologia é hoje mais reconhecida na sociedade e que a cultura do sociólogo está também mais enraizada. Atribuem este maior reconhecimento a fatores como a maior visibilidade dos sociólogos na comunicação social ou às valências que têm demonstrado deter em diferentes contextos profissionais:

“Refugiados, meio ambiente, demografia, cada vez mais esta análise tem que ser feita e os sociólogos têm ferramentas utilíssimas para as fazer e temos muito a ganhar em termos sociais (...) felizmente agora já se começa a perceber mais aquilo que é um sociólogo até muito por causa da televisão em que às vezes aparecem sociólogos. Isso veio dar uma força à nossa posição. Eu acho que cada vez mais um sociólogo faz uma análise cada vez mais importante em termos sociais e de como é que as coisas estão, e para onde é que devemos de ir. Hoje em dia tu já sabes mais o que é um sociólogo, eu quando dizia que estava a estudar sociologia, a malta ficava toda, “Sociologia? O que é isso?” (E8-Diogo, 54 anos, Licenciatura na FCSH em 2012, trabalha no Ministério da Educação)

Outra categoria que emerge nos testemunhos de perceção sobre o processo de familiarização e reconhecimento da Sociologia, que veiculam nas suas práticas, imputa como causa principal de enclausuramento académico da Sociologia, as práticas e atitudes dos próprios sociólogos, que ao comunicarem em circuito fechado (entre sociólogos) e não conferirem visibilidade à sua formação, contribuem para o não reconhecimento da Sociologia fora do circuito académico:

“É um problema da Sociologia, escrevermos para nós e para os nossos pares. A Sociologia tem alguma dificuldade em penetrar outros campos, pois lemos alguns trabalhos de sociólogos e só sociólogos é que entendem” (E4 – Luís, 44 anos, Licenciatura na FCSH em 1997, trabalha no Ministério da Defesa Nacional)

“Eu acho que temos de trabalhar mais para divulgar o trabalho do sociólogo e perceber o que é que é o trabalho do sociólogo” (E10 – Telma, 47 anos, Licenciatura na Universidade Moderna do Porto em 2006, trabalha em IPSS)

“Não costumo dizer – sou socióloga! (...)” (E3 – Maria, 31 anos, Licenciatura no ISCTE-IUL em 2013, trabalha em Empresa de Recursos Humanos)

Como observado nos testemunhos anteriores, quando nos debruçamos sobre o auto e hétero reconhecimento dos entrevistados enquanto “sociólogos”, observa-se o afastamento, partilhado por alguns, face à Sociologia. A Sociologia aparece como uma referência distante, e a ideia de que só será profissionalizável no contexto académico é também partilhada por vários entrevistados. Estas crenças dos sociólogos entrevistados contribuem para a inibição e para o menor reconhecimento da profissionalização da Sociologia para além do contexto académico, bem como para a proliferação de preconceitos que inibem a afirmação dos sociólogos como profissionais capazes de mobilizar competências e conhecimentos sociológicos para a multiplicidade de contextos profissionais em que se inserem.

4.2.1. ADESÃO AO CÓDIGO DEONTOLÓGICO

Quando estudamos a cultura profissional de uma coletividade, isto é, o conjunto de normas, valores e princípios que orientam a sua prática profissional, outra questão central prende-se com os princípios éticos e deontológicos que este grupo mobiliza para o desempenho de diferentes papéis profissionais.

Relativamente aos sociólogos entrevistados, consideramos que existe um distanciamento face ao seu código deontológico, sendo que a maioria afirma nunca ter sentido necessidade de o consultar. É de notar que a maioria afirma que nunca se viu confrontada com algum conflito ético/moral, já outros concluíram a sua formação em Sociologia antes da existência do Código; fatores que poderão explicar o seu desconhecimento ou distanciamento face ao mesmo.

Não obstante, são enunciados nos discursos de alguns entrevistados um conjunto de princípios éticos e deontológicos que orientam a sua prática profissional. Entre estes, destaca-se a imparcialidade, a objetividade e a isenção na produção de dados, na avaliação de situações ou na emissão de pareceres; o sigilo, a confidencialidade e a proteção de dados. Outros, fazem ainda referência a uma maior sensibilização para questões de responsabilidade social e movimentos de cidadania, tendo em conta o conhecimento adquirido na formação em Sociologia:

“Tendo sempre uma visão muito aberta e ampla, sendo uma característica do sociólogo, e quase que se deve abstrair das suas convicções pessoais, uma das coisas mais difíceis” (E5 – David, 37 anos, Licenciatura na UAL em 2001, trabalha no IEFP)

“Princípio de isenção completa” (E8 – Diogo, 54 anos, Licenciatura na FCSH em 2012, trabalha no Ministério da Educação)

“Eu acho que o sociólogo, pelo conhecimento que adquire, tem uma responsabilidade acrescida (...) Agora, todos nós devíamos ter, mas o sociólogo acho que pelos conhecimentos que adquire, pelo menos no curso em que estive, com as pessoas com quem contactei, acho que sim” (E6 – André, 31 anos, Licenciatura na FCSH em 2013, trabalha na Câmara Municipal da Amadora)

“O facto de estarmos exercitados para isso, obriga-nos, entre aspas, é quase que uma exigência, para termos essas obrigações, para termos pelo menos essa sensibilidade, sermos mais sensíveis às coisas, e por isso obriga-nos a sermos intervenientes, sem dúvida nenhuma” (E8-Diogo, 54 anos, Licenciatura na FCSH em 2012, trabalha no Ministério da Educação)

“Porque é que é assim e não é doutra forma? E eu acho que a Sociologia tem aí uma grande...responsabilidade e potencialidade para o fazer” (E7-Marta, 61 anos, Licenciatura no ISCTE-IUL em 1981, trabalha em Escola Secundária)

“A preocupação social devemos ter todos, um sociólogo (...) fica sensibilizado para isso, e se assim o entender pode ter um papel mais ativo (...) se tiver uma formação na área da sociologia fica mais desperto e aí de certeza vai sentir muito mais aquele apelo de ajudar, de ir à procura de” (E10 – Telma, 47 anos, Licenciatura na Universidade Moderna do Porto em 2006, trabalha em IPSS)

Apesar do aparente distanciamento demonstrado por alguns dos entrevistados face ao código deontológico dos sociólogos, constata-se que os mesmos são portadores de um conjunto de princípios científicos que orientam a sua conduta profissional e que, acima de tudo, os caracteriza e define enquanto grupo profissional. São destacados os princípios relacionados com o rigor científico na produção de dados ou as preocupações técnicas como o sigilo profissional, a proteção de dados, a transparência e igualdade no tratamento dos outros.

Notamos ainda que os sociólogos entrevistados são portadores de uma elevada autorreflexividade e pensamento crítico, quer acerca da própria Sociologia, quer acerca da realidade social. Isto é, equacionam-se enquanto profissionais que constroem mecanismos de distanciamento e problematização face às representações de senso comum. Esta autorreflexividade e pensamento crítico que incorpora a cultura profissional dos sociólogos resulta, por um lado, num traço distintivo que caracteriza estes profissionais, permitindo-lhes acrescentar diferentes contributos e perspetivas face a outros profissionais, mas resulta também, num conjunto de responsabilidades sociais de que são detentores. A “maior sensibilidade” para questões sociais de que nos fala o Diogo (E8) ilustra claramente esta situação, dando conta desta reflexividade constante que caracteriza os sociólogos, que os molda enquanto atores sociais e enquanto profissionais. Tal significa que os princípios científicos da sua formação de base, de análise e interpretação constante da realidade social, mas também de pensamento crítico, de questionamento, de objetividade, se mantêm enquanto referência destes profissionais.

O distanciamento dos sociólogos entrevistados perante o seu código deontológico ilustra a necessidade de alguns passos que ainda têm que ser dados (pelas associações profissionais, por exemplo) para que os sociólogos que exercem a sua atividade profissional fora da academia se revejam neste código e nos princípios éticos e deontológicos enunciados, assim será possível a consolidação da afirmação da Sociologia enquanto campo de profissionalização e o reforço de uma cultura profissional com a qual todos os sociólogos se identifiquem.

4.2.2. REPRESENTAÇÃO COLETIVA

Relativamente ao associativismo profissional destes sociólogos, e às suas práticas de envolvimento com a Sociologia (participação em eventos, congressos, seminários), variável que revela o grau de adesão e integração dos sociólogos no grupo profissional, ou seja, identificação com um coletivo organizado que partilha normas, valores morais e éticos comuns, conclui-se que, do total dos entrevistados, sete (em 19) já foram ou são membros de uma associação profissional de Sociologia, quer na APS, tendo, inclusivamente, ocupado cargos de coordenação em Secções Temáticas (E4-Luís), quer na APSIOT (Sónia-E18). O testemunho seguinte da Joana (E13) enfatiza algumas das vantagens de que os sociólogos podem beneficiar através do envolvimento associativo:

“Eu acho que isso é muito importante para um sociólogo, ser, tornar-se sócio, porque (...) têm acesso ao nível da informação dos seminários que vão havendo, os congressos, esses são muito importantes, é feito um ponto de situação, nós ficamos ali atualizados de como é que está, qual é o estado da arte, digamos assim, da sociologia” (...) “o Congresso é um ponto, é um ponto de paragem e de reflexão muito interessante e, nesse sentido, a associação é muito dinâmica (...) porque promove e depois envolve os sociólogos nesse momento de reflexão” (E13-Joana, 34 anos, Licenciatura no ISCTE-IUL em 2008, trabalha em IPSS)

Os restantes 12 entrevistados (André-E6, David-E5, Ana-E12, Eva-E16, Miguel-E17, Maria-E3, Diogo-E8, José-E15) não são membros de nenhuma associação profissional de Sociologia. O José (E15), que não é membro de nenhuma associação profissional, traz de volta o “antigo” debate acerca da organização dos sociólogos numa ordem ou numa associação:

“Eu estou à espera da ordem, eu e a maior parte dos sociólogos, é o sonho” (E15-José, 53 anos, Licenciatura no ISCTE-IUL em 2011, trabalha na CML)

Dos sociólogos que não se envolvem em nenhuma associação profissional da Sociologia, a maioria (com exceção do José-E15) também não tem por hábito a participação assídua em eventos ou congressos da Sociologia. Não obstante, alguns mantêm uma relação próxima com a Sociologia, e para além da sua afiliação em associações profissionais, fazem questão de participar assiduamente nos vários eventos/Congressos de Sociologia.

Também no que diz respeito à adesão dos sociólogos ao associativismo profissional, é observável um distanciamento dos sociólogos entrevistados face à sua organização enquanto coletivo. Estas orientações são mais um traço de cultura profissional que acaba por contribuir para o não reconhecimento da Sociologia enquanto profissão.

4.3. SENSIBILIDADE SOCIOLOGICA E MODELOS DE CULTURA PROFISSIONAL

A “sensibilidade sociológica” dos sociólogos acompanha o processo de construção da perspetiva sociológica de “imaginação”, análise e compreensão dos fenómenos sociais, identificando as lógicas sociais segundo as quais os mesmos ocorrem e que lhes dão forma social caracterizável. O exercício dessa sensibilidade tem subjacente a utilização de competências de reflexividade crítica teoricamente informada nos conceitos da Sociologia, possibilitando as operações de objetivação e distanciamento, referidas pelos entrevistados.

A sensibilidade sociológica é adquirida na formação inicial em Sociologia, sendo depois moldada e consolidada nas experiências profissionais de confronto com a prática que envolvem a mobilização de conceitos, metodologias e procedimentos de operacionalização da ciência sociológica. Neste sentido, ela resulta, também, das condições de exercício dessa prática profissional, sendo o culminar das diversas experiências e papéis que os sociólogos vivenciam ao longo do seu percurso académico e profissional. Nesta medida, falar de sensibilidade sociológica é o mesmo que falar de cultura profissional dos sociólogos.

Segundo Costa (1988), da articulação das diferentes dimensões apresentadas anteriormente neste trabalho resultam dois modelos de cultura profissional distintos: o modelo de dissociação entre ciência e profissão e o modelo de associação entre ciência e profissão. O primeiro modelo, caracteriza-se pela oposição entre estas duas componentes, a qual resulta numa impossibilidade de autorrepresentação profissional com a Sociologia – uma orientação que observámos, como veremos adiante, nos comportamentos da maioria dos entrevistados. O segundo modelo, pelo contrário, estabelece uma associação entre essas duas componentes da ciência e profissão sociológica, facilitando, pois, a identificação e o autorreconhecimento enquanto sociólogos dos que exercem a sua atividade fora do campo estrito da academia. Nestes protagonismos, também observados em alguns dos profissionais entrevistados, estes reconhecem a importância da sua formação de base para o desempenho profissional, não opondo, por isso, os conhecimentos adquiridos à prática profissional, mas sim integrando-os na mesma.

Por outro lado, a maioria dos entrevistados tende a atribuir uma maior ênfase à sua designação profissional “formal”, respeitante ao cargo específico que exerce na organização. Neste sentido, o contexto organizacional em que se insere é efetivamente condicionador da possibilidade de exercício efetivo da sensibilidade sociológica.

Para classificarmos os diferentes modelos de cultura profissional de cada um dos entrevistados, seguimos o modelo de Costa (1988). A partir deste, foram selecionados alguns pontos de análise: tipos de saberes convocados; preocupações deontológicas; atitude perante a profissionalização; a quem se atribui o principal encargo de construir/definir os papéis profissionais; preocupação com o associativismo profissional; grau de autonomia; papéis profissionais concebíveis. Com base nesta análise, identificámos oito entrevistados com um modelo de cultura profissional de associação entre ciência e profissão (Rute-E2, Luís-E4, João-E11, Joana-E13, Sofia-E14, José-E15, Sónia-E18, Fátima-E19). Veremos nas situações seguintes as oposições, claras, entre os sociólogos detentores de cada um dos modelos de cultura profissional.

Primeiramente, os sociólogos que desenvolvem este modelo de cultura profissional (associação entre ciência e profissão), distinguem-se pela sua capacidade de mobilização de saberes teóricos, metodológicos e relacionais, que se convertem em saberes operatórios na atividade profissional, isto é, num desempenho profissional, especializado, sustentado e informado com base nos saberes científicos adquiridos:

“A vertente do plano curricular que engloba os laboratórios, quer da observação, quer depois dos trabalhos de pesquisa são muito importantes (...) a questão do laboratório de observação, nós estarmos muito atentos ao que se passa à nossa volta, à linguagem verbal e não verbal, tudo isso é importante depois no contexto da intervenção social. (...) Se temos, por um lado, Teorias Sociológicas que nos ajudam a interpretar a realidade social, temos, por outro lado, instrumentos metodológicos que fazem parte da bagagem de um sociólogo. São ferramentas. Que nos permitem depois trabalhar” (E13-Joana, 34 anos, Licenciatura no ISCTE-IUL em 2008, trabalha em IPSS)

“É isso que distingue o conhecimento científico, a análise sociológica, é nós termos um conhecimento, um aprofundamento da realidade e um conhecimento que assenta em bases científicas, e que distingue o conhecimento sociológico, o conhecimento científico do senso comum” (E13-Joana, 34 anos, Licenciatura no ISCTE-IUL em 2008, trabalha em IPSS)

“É assim análise de dados é essencial e interpretação crítica desses mesmos dados a parte da metodologia de olhar para uma realidade e tentar perceber o método a aplicar para retirar informação (...) criar o nosso universo para depois criar a nossa base de amostra” (E18-Sónia, 45 anos, Licenciatura no ISCTE-IUL em 1997, trabalha na Agência Erasmus+)

“O questionar, não é? Aqueles dados e olhar para a história, não é? Para, para os indicadores, conhecendo a evolução desses indicadores, saber se aquilo que estamos a apurar ou não, isto agora para esta tarefa muito concreta, se faz sentido ou se não faz sentido, se alguma não está a correr bem hum... naquele apuramento e isso permite... as competências em sociologia da educação é uma... é mesmo uma enorme mais valia” (E19-Fátima, 45 anos, Licenciatura na UAL em 1994, trabalha em Agência de Fundos Europeus)

Um dos principais fatores de diferenciação das orientações para o modelo cultural de associação ou dissociação entre ciência e profissão é precisamente a forma como exercem, efetivamente, a sensibilidade sociológica. Enquanto alguns sociólogos referem claramente competências de utilização dos conceitos e perspetivas da Sociologia como base fundamental para o exercício de papéis

profissionais, outros, que posicionamos no segundo modelo cultural de dissociação, revelam não reconhecer as mais-valias de uma formação académica em Sociologia no contexto profissional em que se inserem, e apesar de, por vezes, fazerem referência a certas competências adquiridas (teóricas e metodológicas) assumem que não são capazes de as operacionalizar na sua atividade profissional, isto é, agir de forma informada, com base nos conhecimentos adquiridos.

Outra questão integrante do modelo cultural de associação entre ciência e profissão diz respeito ao conjunto de preocupações deontológicas que enquadram a prática destes profissionais (o princípio de rigor científico na produção de dados; a preocupação técnica e ética como o sigilo profissional, o dever de proteger a integridade das pessoas e informações com que têm que lidar; e, enfim, o princípio de responsabilidade social para com a Sociologia e a sociedade, implicando o reconhecimento da sua pericialidade e autonomia profissional). Os testemunhos seguintes dão conta de preocupações deontológicas das quais os sociólogos, que associam ciência e profissão, são portadores. A primeira categoria tem a ver com o princípio de responsabilidade social para com a Sociologia e a sociedade:

“Há uma ética organizacional e uma profissional e não são incompatíveis. No momento em que quem me chefia me condiciona a realização do meu trabalho e levar a que a ética do meu trabalho desague em coisas pré-feitas, aí sim havia um choque. Já senti desvalorização por parte de algumas entidades, quando as coisas não vão de encontro às expectativas. Mas nós não quebramos etapas, nem compromissos éticos” (E4-Luís, 44 anos, Licenciatura na FCSH em 1997, trabalha no Ministério da Defesa Nacional)

“Fui eu o garante da metodologia e é isso que um sociólogo deve ser, deve ser o garante das regras, mas sendo de alguma forma, das regras científicas, mas sendo de alguma forma flexível o suficiente para as ir adaptando” (E11-João, 55 anos, Licenciatura na UAL em 1998, trabalha na CML)

Esta categoria de autonomia e responsabilidade no exercício da Sociologia, adquire uma consistência quando articulada com o princípio de imparcialidade e de separação entre o senso comum e conhecimento sociológico:

“O voluntariado, no fundo, foi uma curiosidade também sociológica de conhecer um grupo de, conhecer uma, ONG (...) (...) [querer ir] para além daquilo que conhecemos ou da ideia pré-concebida de um determinado grupo de pessoas; curiosidade de conhecer exatamente e de poder ir ao terreno e de desconstruir, muitas vezes, as ideias pré-feitas” (E19- Fátima, 45 anos, Licenciatura na UAL em 1994, trabalha em Agência de fundos europeus)

“Sem objetividade caímos no naturalismo. Caímos na análise do senso comum” (E13-Joana, 34 anos, Licenciatura no ISCTE-IUL em 2008, trabalha em IPSS)

Quanto à categoria relacionada com o princípio deontológico do sigilo, da confidencialidade e da proteção de dos sujeitos empíricos, é assumido como uma “capacidade técnica” (Costa, 1988), para a qual devem dar a maior relevância, tendo em conta que as suas ações intervêm sobre as pessoas e as relações sociais:

“Acho que isso (confidencialidade e anonimato dos dados pessoais) é importante, nós temos sempre essa responsabilidade e esse cuidado e esse sentido ético” (E13-Joana, 34 anos, Licenciatura no ISCTE-IUL em 2008, trabalha em IPSS)

“Não se pode divulgar dados sensíveis, nós temos muitos dados sensíveis, temos muitas vezes que lidar com mulheres que são vítimas de violência doméstica (...) portanto são dados muito complicados” (E15-José, 53 anos, Licenciatura no ISCTE-IUL em 2011, trabalha na CML)

Relativamente aos sociólogos que dissociam a Sociologia-ciência e Sociologia-profissão, não é claro, pelo contrário, de que, também eles, não sejam portadores de preocupações deontológicas na sua prática profissional. O que distingue estes sociólogos é o facto de assumirem não articular diferentes preocupações deontológicas (qualidade científica, capacidade técnica, responsabilidade social), e, frequentemente, de centrarem as suas preocupações no que diz respeito à capacidade técnica, operada de forma rotineira, sem a necessária reflexividade crítica teoricamente informada.

Observamos que os sociólogos que assumem plenamente a sua “sensibilidade” especificamente sociológica na forma como interatuam no quotidiano de trabalho, têm uma atitude de autoconfiança perante a sua profissionalização e a profissionalização da Sociologia:

“Costumo dizer que os mais preparados para apresentar medidas que solucionam problemas somos nós (sociólogos). Portanto é o sair da zona de conforto. Arriscar uma solução para o problema (...) não consigo ver a Direção-Geral manter a dinâmica que tem em termos de características de suporte que dá sem os sociólogos” (E4-Luís, 44 anos, Licenciatura na FCSH em 1997, trabalha no Ministério da Defesa Nacional)

“As próprias empresas hoje em dia já começam a olhar para os sociólogos de outra maneira porque temos muitas valências, a gente pode trabalhar em várias áreas (...) Hoje começam a olhar para os sociólogos de outra maneira, sabem que têm capacidades, que têm ferramentas, que conseguem apreender” (E15-José, 53 anos, Licenciatura no ISCTE-IUL em 2011, trabalha na CML)

Pelo contrário, os diplomados que não assumem de forma plena a Sociologia nos seus papéis e funções profissionais, tendem a apresentar uma descrença acerca da profissionalização da ciência sociológica. Os testemunhos seguintes exemplificam este tipo de orientações:

“A Sociologia não está muito famosa. Ainda a encaram como especialistas em quase tudo, o que não deixa de ser verdade, EM PARTE (...) alguém (sociólogo) que sabe de tudo um pouco e pouco mais que nada” (E5-David, 37 anos, Licenciatura na UAL em 2001, trabalha no IEFP)

“Falando da população geral, eu acho que [a Sociologia] não é assim muito reconhecida, no meio académico talvez seja mais, mas se sairmos desse meio eu acho que não é muito reconhecida, pelo menos daquilo que eu vejo, pelo contacto com as pessoas mais próximas, porque é aí que eu posso ver, acho que não é muito reconhecida (...) Talvez por desconhecimento, talvez mais por desconhecimento do que por outra coisa. Há algumas profissões mais valorizadas do que a Sociologia, como engenharias, advogados, juizes, mas os cargos dirigentes são ocupados, normalmente, por sociólogos, o que não é à toa. Mas depois, na população em geral, não é muito valorizada, porque não sabem muito bem o que é um sociólogo” (E6-André, 31 anos, Licenciatura na FCSH em 2013, trabalha na Câmara Municipal da Amadora)

Nesta última citação do testemunho do André(E6) é interessante o facto de reconhecer a relativa aceitação de sociólogos no contexto profissional para o exercício de cargos de direção. Na perspetiva do próprio, esta aceitação não trespassa, porém, o contexto da organização. A falta de familiaridade com a Sociologia também referida por Costa (2001) é aqui apontada como uma das causas para a invisibilização pública.

Outro dos pontos de análise referente ao modelo de cultura profissional dos sociólogos, prende-se com a autorresponsabilização acerca da definição e construção dos seus papéis profissionais. Enquanto os sociólogos que desenvolvem um modelo cultural de associação entre ciência e profissão, se consideram como os principais responsáveis pela definição/construção dos seus papéis profissionais, os sociólogos que dissociam estas componentes da Sociologia tendem a atribuir esta responsabilidade aos outros (empregadores, por exemplo). Os testemunhos seguintes exemplificam, de forma clara, o

reconhecimento de três entrevistadas, detentoras de um modelo de cultura de associação ciência-profissão, acerca da necessidade e responsabilidade de serem elas próprias a construir e definir os seus papéis profissionais e, ainda, a necessidade de desconstruir, perante todos, os preconceitos e pré-noções existentes acerca da Sociologia na sociedade.

“Ainda há preconceito... Há. Eu faço de tudo para desconstruir a ideia do senso comum do que as pessoas acham da Sociologia. E eu não quero deixar morrer... porque as pessoas não têm noção do quanto faz falta Sociologia. Está no dia-a-dia, em tudo o que fazemos (...) Sociologia está em tudo e eu conseguir aplicar aquilo que aprendi em Sociologia na minha profissão, no meu dia-a-dia, é ser socióloga” (E2-Rute, 29 anos, Licenciatura no ISCTE-IUL em 2013, trabalha em Empresa de Recursos Humanos)

“Eu quando cheguei à Câmara Municipal de Lisboa, com outros colegas sociólogos, poucas pessoas sabiam o que é que um sociólogo fazia e na altura nós tivemos de criar, praticamente, o nosso posto de trabalho (...) maior parte das pessoas da DEAL são sociólogas, depende das pessoas. O conhecimento está lá, as ferramentas estão lá, agora cabe às pessoas serem criativos ou não. Quererem explorar esses conhecimentos, querer aplicar ou não” (E14-Sofia, 58 anos, Licenciatura no ISCTE-IUL em 1980, trabalha na Gebalis)

“Aliás, um dos episódios com o qual eu tive que lutar, foi contra um estigma que todos [partilhavam] ... quando eu entrei no planeamento estratégico, todos os arquitetos achavam que o sociólogo não serve para nada, não precisam (...) tive que lutar contra o estigma do sociólogo, diziam que éramos muito professorais ou muito intelectuais” (E11-João, 53 anos, Licenciatura na UAL em 1998, trabalha na CML)

Em clara oposição aos testemunhos anteriores, num discurso característico do modelo cultural de dissociação entre ciência e profissão, o Diogo (E8) considera que não tem a responsabilidade de construir/definir papéis profissionais, assim como também não lhe compete explicar, perante os outros, o que é a Sociologia e o que faz um sociólogo:

“O que é um sociólogo, o que é que faz um sociólogo, mas também não fiz questão de estar ali a dizer o que é que eu sou, o que é que eu não sou, o que é que eu faço, o que é que eu não faço” (E8-Diogo, 54 anos, Licenciatura na FCSH em 2012, trabalha no Ministério da Educação)

O grau de autonomia que detêm depende também do contexto profissional em que se inserem, sendo um fator que contribui, decisivamente, para moldar a forma como articulam a Sociologia na sua prática profissional. Um dos entrevistados, Rui (E1), menciona a impossibilidade de realmente fazer Sociologia no seu contexto profissional, o jornalismo. O entrevistado reconhece que um dos princípios fundamentais que define o trabalho de um sociólogo é a “conversão de problemas sociais em problemas sociológicos”, contudo, tal operação “não lhe é permitida no contexto em que se insere”, dessa forma limitando significativamente “a possibilidade de produção de conhecimento científico”. Esta situação dá relevo ao contexto de trabalho enquanto espaço de mediação das práticas no sentido de uma maior ou menor abertura para adesão aos princípios da Sociologia.

É certo que existe sempre alguma margem de manobra dos próprios diplomados para edificar um reconhecimento dos contributos específicos da Sociologia no exercício de funções e práticas profissionais. Mas, enquanto alguns conseguem reverter e desconstruir os preconceitos que se geram à volta da Sociologia e dos sociólogos, outros mantêm uma certa submissão, não se esforçando por questionar essas pré-noções, pelo que eventualmente, de alguma forma, por ausência, acabam por fomentar e incorporar tais preconceitos nas suas representações. Não caberá aos próprios sociólogos, exatamente enquanto sociólogos, a desconstrução de preconceitos e pré-ideias formadas na sociedade?

A consolidação da sensibilidade sociológica por parte destes profissionais, segundo as observações que fizemos, não é indiferente à forma como aderem, ou não, às estruturas associativas representativas da Sociologia.

Com efeito, os sociólogos que associam a Sociologia-ciência à Sociologia-profissão, envolvem-se nas diferentes associações profissionais da Sociologia (APS/PSIOT), por vezes como membros/sócios das mesmas, e estão a par das suas publicações e *newsletters*. Têm também uma participação regular em eventos e congressos de Sociologia. Neste sentido, a sua atitude perante o associativismo profissional com a Sociologia é integradora. O testemunho seguinte dá conta da importância que uma entrevistada, detentora de um modelo cultural de associação ciência-profissão, atribui ao associativismo profissional com a Sociologia, assim como à necessidade de se manter atualizada acerca do que se passa ao nível profissional, científico e formativo na Sociologia.

“Eu acho que isso é muito importante para um sociólogo, ser, tornar-se sócio, porque (...) têm acesso ao nível da informação dos seminários que vão havendo, os congressos, esses são muito importantes, é feito um ponto de situação, nós ficamos ali atualizados de como é que está, qual é o estado da arte, digamos assim, da sociologia” (...) “o Congresso é um ponto, é um ponto de paragem e de reflexão muito interessante e, nesse sentido, a associação é muito dinâmica (...) porque promove e depois envolve os sociólogos nesse momento de reflexão” (E13-Joana, 34 anos, Licenciatura no ISCTE-IUL em 2008, trabalha em IPSS)

O associativismo e a participação em eventos/congressos/seminários da Sociologia revelam-se como mecanismos de envolvimento com a disciplina, como possibilidades reais de reflexão e atualização de conhecimentos enriquecedores para a prática profissional.

Precisamente, os que não se envolvem nas associações profissionais (da Sociologia), não têm por hábito a participação em eventos/congressos de Sociologia na área, tendem a manter uma relação de distanciamento. Uma das únicas exceções, diz respeito a uma entrevistada (Telma-E10), que desenvolve um modelo de cultura de dissociação entre ciência e profissão e é sócia da APS, no entanto, admite manter uma relação muito distante com a mesma. Talvez fosse interessante a Associação repensar estratégias de aproximação a estes associados, envolvendo-os ativamente nas suas iniciativas.

A assunção de uma sensibilidade sociológica, associada aos que preconizam o modelo cultural de associação entre ciência e profissão, favorece ainda o reconhecimento pelos diplomados das capacidades de transversalidade, polivalência, multidisciplinariedade e adaptação que caracterizam os sociólogos:

“Penso que os sociólogos (...) têm a capacidade de utilizar ferramentas para o conhecimento geral. Têm uma visão global que lhes permite poder enquadrar-se em qualquer organização e uma capacidade de estar aberto à mudança” (E14-Sofia, 58 anos, Licenciatura no ISCTE-IUL em 1980, trabalha na Gebalis)

“(...) a sociologia está em tudo, e eu conseguir aplicar aquilo que aprendi em Sociologia na minha profissão, no meu dia-a-dia, é ser socióloga! (...) um dia, para o que é que eu vá trabalhar, seja o que for, eu sou socióloga (...) há uma polivalência dos sociólogos, nós conseguimos adaptarmo-nos muito bem e entender as coisas!” (E2-Rute, 29 anos, Licenciatura no ISCTE-IUL em 2013, trabalha em Empresa de Recursos Humanos)

“Não devemos esperar que a Sociologia nos formate para um lugar em concreto (...) a Sociologia dá-nos ferramentas para a vida. Nós tanto encaixamos numa autarquia a trabalhar no âmbito da ação social, da política educativa, como trabalhamos no Ministério do Ambiente e com a sustentabilidade. Facilmente nos encaixamos, e tanto estamos no domínio concreto de uma organização a trabalhar na área dos Recursos

Humanos, como trabalhamos na formulação e desenvolvimento de políticas com as mesmas ferramentas” (E4-Luís, 44 anos, Licenciatura na FCSH em 1997, trabalha no Ministério da Defesa Nacional)

De modo inverso, como é possível observar nos testemunhos seguintes, os sociólogos que dissociam Sociologia-ciência e Sociologia-profissão, caracterizam-se por realizarem um enclausuramento da Sociologia na investigação/ensino em meio universitário, não sendo, por isso, capazes de reconhecer a multiplicidade de papéis profissionais que um sociólogo poderá exercer:

“Eu identifico-me como professora de Sociologia muito mais do que como professora noutras áreas... agora socióloga? Não sei se sou, porque não faço investigação, propriamente na Sociologia” (E7-Marta, 61 anos, Licenciatura no ISCTE-IUL em 1981, trabalha em Escola Secundária)

“Ser sociólogo implica exercer essa atividade, fazer investigação nas ciências sociais ou de alguma forma trabalhar nessa área, não é coisa que eu faça (...) não produzo nada na área das ciências sociais. E, portanto, não sou sociólogo” (E1-Rui, 47 anos, Licenciatura na UAL em 1996, trabalha em Jornal Regional)

“Sociólogo mesmo, confesso que não sou, eu gostaria muito de fazer investigação, uma análise mais próxima a nível social (...) mas confesso que efetivamente, tenho as ferramentas indicadas para o meu cargo, para poder fazer bem as minhas tarefas” (E8-Diogo, 54 anos, Licenciatura na FCSH em 2012, trabalha no Ministério da Educação)

“Sinceramente acho que devia ter feito outro tipo de trabalho para virar uma socióloga, se calhar fiz na altura do meu relatório de estágio, fiz assim uma pequena investigação (...) nunca voltei a fazer mais tipo de investigação nenhuma, portanto, não me posso considerar socióloga só por ter uma licenciatura em Sociologia” (E9-Sara, 35 anos, Licenciatura no ISCSP em 2007, trabalha em Empresa de Recursos Humanos)

“Neste momento não considero fazer trabalho de Sociologia (...) estive a trabalhar mesmo como sociólogo (na sua primeira experiência profissional), pois fiz dois mestrados na área, portanto um período de 5 ou 6 anos posso afirmar-me como sociólogo. Agora, neste momento, aqui a minha função não é ser sociólogo, sou técnico e gestor de formação” (E5-David, 35 anos, Licenciatura na UAL em 2001, trabalha no IEFPP)

“Eu, neste momento, não acho que seja um sociólogo em termos profissionais (...) (um sociólogo é) um cientista social que observa a realidade dos grupos, dos indivíduos (...) a maior parte das pessoas com quem eu vou mantendo contacto, do meu curso, fazem muita coisa, e tudo menos algo que eu diga que possa ser uma prática profissional em Sociologia, portanto porque há pessoas a trabalhar em Câmaras, há pessoas que provavelmente estão a usar a Sociologia no seu dia-a-dia e na sua função, mas não são sociólogos” (E17-Miguel, 41 anos, Licenciatura no ISCTE-IUL em 2003, trabalha em unidade de investigação científica)

Claro que se estes sociólogos não capazes de reconhecer a Sociologia, enquanto profissão, fora do meio académico, e não exercendo funções no mesmo, será extremamente difícil que se venham a autorrepresentar profissionalmente como sociólogos.

Da conjugação dos vários processos atrás enunciados resulta então uma identidade profissional que poderá ser de maior ou menor afastamento com a Sociologia. Na análise dos testemunhos dos sociólogos conseguimos identificar alguns padrões que podem constituir-se como fatores explicativos da maior ou menor adesão à Sociologia.

Entre estes, destacamos a instituição onde obtiveram o diploma de estudos em Sociologia. É notável uma relação positiva entre essa adesão e a frequência de universidades públicas, especialmente, quando entre a conclusão dos estudos e o ingresso no mercado de trabalho mantêm uma relação muito próxima com a produção de trabalhos científicos sociólogos. É, por exemplo, o caso da Fátima (E22) e da Sónia

(E18), ambas assistentes de investigação em projetos de pesquisa, antes de ingressarem em contextos de trabalho fora da academia. De facto, as diferentes Instituições de Ensino Superior que oferecem a formação em Sociologia, não seguem exatamente os mesmos planos curriculares. O facto, por exemplo, de no ISCTE, o plano curricular do curso de Sociologia, para além das unidades teórico-práticas e metodológicas, conceber unidades laboratoriais, incluindo nesta oferta Unidades Curriculares que visam orientar os alunos para a prática profissional em diferentes contextos fora da academia, e promovendo o contexto direto com diferentes profissionais da Sociologia¹². Nestas experiências de contacto direto com sociólogos fora da academia, que são promovidas, no caso do ISCTE, quer em LEPS quer na UC de Estágio, contribuem para que, de forma antecipada, possam perspetivar aplicações da Sociologia em múltiplas áreas de atividade, permitindo que tais perceções possam fazer parte dos conhecimentos que transportam consigo uma vez concluído o curso.

Outro fator facilitador da adesão à Sociologia por parte dos diplomados é o contexto organizacional onde desempenham a atividade. Neste aspeto, demonstra-se muito facilitador da adesão o contexto de trabalho na administração pública, particularmente em Câmaras Municipais e em IPSS de intervenção social. Alegadamente, a maior autonomia profissional no que diz respeito à definição de planos e métodos de trabalho favorece a integração dos princípios científicos e deontológicos da Sociologia na conduta e prática profissional. Neste sentido, podemos concluir que o contexto profissional onde os sociólogos exercem a sua atividade profissional, contribui, também ele, para a sua maior ou menor sensibilidade sociológica, sendo por isso um elemento estruturante e mediador da cultura profissional. Quanto maior a autonomia, para reformular problemas sociais em problemas sociológicos, para aferir dados fazendo uso dos métodos e técnicas científicas da Sociologia, mais fácil será para estes sociólogos que não abandonem os princípios sociológicos que moldam a sua cultura profissional.

Uma das entrevistadas (Joana-E13), que se identifica e representa vigorosamente como socióloga, trabalha numa IPSS na área da intervenção social, em contacto direto com outros indivíduos, além deste fator, a entrevistada é ainda detentora do Mestrado em Sociologia (para além da licenciatura), pelo que consideramos que o último grau académico em Sociologia poderá também ser um fator preponderante, isto é, a continuidade dos estudos em Sociologia para níveis superiores (Pós-graduação, mestrado, doutoramento) poderá revelar-se como um fator que favorece a adesão a orientações culturais de associação entre ciência e profissão. Estes sociólogos, para além de se manterem durante mais tempo em contacto com a disciplina, incorporam em si os princípios científicos da sua formação. Este é também o caso da Sónia (E18) que se assume como socióloga e que é doutorada em Sociologia.

¹² O Portfólio Profissional dos Sociólogos criado por estudantes e alimentado através dos contactos que ano a ano os mesmos vão realizando no âmbito do Laboratório de Ética e Profissão em Sociologia (LEPS) materializa esta orientação, ao mesmo tempo que permite uma visão alargada de testemunho, para dentro e fora do campo da Sociologia, sobre a variedade de papéis e contextos onde é possível localizar sociólogos. Ver <https://portfolioprofissionaldesociologos.wordpress.com/>

A análise desenvolvida confirma assim que a sensibilidade sociológica é pautada por contributos diversos que resultam de laços complexos entre as aprendizagens adquiridas durante a formação e as experiências variadas acumuladas no contexto das práticas profissionais.

CONCLUSÃO

Na Sociologia o campo de estudos das profissões tem uma história ampla. Na presente pesquisa assinalámos uma multiplicidade de correntes teóricas que definem e caracterizam este conceito através da identificação de um conjunto de traços que distinguem as profissões das demais ocupações. Segundo Santos (2011), as profissões podem definir-se, de forma sucinta, numa perspetiva funcionalista, por características como: a existência de um período longo de formação académica que dota os profissionais de conhecimentos teóricos e competências técnicas especializadas; a existência de autorregulação, através de estruturas de representação coletiva do campo profissional, com competências de regulação das práticas profissionais; a existência de uma comunidade unida em torno de princípios de altruísmo e da “ética de serviço”; e, por último, a emergência da profissão como resposta a uma necessidade social (materializada na procura de pessoas com conhecimentos e competências específicas da área). Rodrigues (2012) acrescenta ainda a existência de autonomia de decisão na forma de realizar o trabalho e de resolução de problemas.

Na análise desenvolvida sobre a profissão “sociólogo” e o campo de profissionalização dos sociólogos procurámos, precisamente, caracterizar de forma aprofundada todos estes traços que, de acordo com os autores, configuram uma profissão.

Consideramos que o campo de profissionalização dos sociólogos se estrutura em torno de duas dimensões centrais. Por um lado, *os papéis, práticas e contextos de profissionalização*: instituições e organizações de trabalho onde se inserem os sociólogos, funções e tarefas desempenhadas, modo como interpretam e utilizam as ferramentas sociológicas na atividade profissional, e o modo como se relacionam com outras áreas académicas e profissionais. Por outro, a *cultura profissional dos sociólogos*, que integra questões relacionadas com o seu auto e hétero reconhecimento enquanto “sociólogos”, bem como questões relacionadas com atitudes e orientações de adesão aos princípios da Sociologia, quer no que concerne ao uso das teorias, conceitos, metodologias e instrumentos de observação e análise da realidade social, quer em relação ao enquadramento da sua prática nos princípios deontológicos inscritos no código.

A análise desenvolvida permitiu concluir que a formação diz respeito quer à aquisição de conhecimentos e competências especificamente sociológicas, quer às práticas de atualização de ferramentas cognitivas. Tais referenciais habilitam os sociólogos para o exercício de uma multiplicidade de funções profissionais, numa ampla gama de organizações e setores de atividade.

A *formação*, a *procura social* dos sociólogos, a adesão ao associativismo profissional ou à *representação coletiva* e a adesão com autonomia, competência e responsabilidade ao *código deontológico* emergem enquanto variáveis que medeiam as condições materiais de exercício de papéis e práticas profissionais numa diversidade de contextos organizacionais e que explicam a cultura profissional dos sociólogos.

A análise das estatísticas acerca da evolução do número de diplomados em Sociologia em Portugal, permitiu contabilizar um universo de cerca de 16.000 diplomados (incluindo todos os níveis de formação), constituído maioritariamente por indivíduos do sexo feminino (representando mais de 50%

do total de diplomados em Sociologia em 2017/18). Verificámos ainda que a maioria dos diplomados possui o 1º ciclo de formação em Sociologia (licenciatura), apesar de nos últimos anos se vir a registar um aumento do número de mestres e doutorados na área. Esta análise confirma o aumento consistente do número de diplomados ao longo dos anos, potenciado pela presença de oferta formativa de alto nível e reconhecimento em todo o território nacional.

O estudo realizado teve como principal referência substantiva a análise de entrevistas realizadas junto de 19 sociólogos, com idades entre os 28 e os 60 anos, residentes na Área Metropolitana de Lisboa e Vale do Tejo. Todos os entrevistados possuem uma licenciatura em Sociologia, a maioria no ensino público (com particular incidência para o ISCTE-IUL) e no período pré-Bolonha. Também na nossa amostra se regista uma predominância de mulheres, que representam mais de metade dos entrevistados.

Em relação aos contextos de profissionalização dos sociólogos entrevistados, estes ocupam os mais variados papéis profissionais: “técnico superior”, “consultor/técnico de recursos humanos”, “diretor técnico”, “professor do ensino secundário”, “vogal executivo”, “coordenador”, “*marketeer*”, “gestor de ciência”, “técnico de gestão ambiental”, “diretor geral”, “jornalista” e, “sociólogo”. Inserem-se também em diferentes contextos laborais: na administração pública (câmaras municipais, ministérios, serviços especializados); em IPSS (prestadoras de serviços a pessoas idosas ou em situação de exclusão social); em empresas privadas (em diferentes áreas, desde o marketing, à gestão/consultoria de recursos humanos, ao jornalismo); em agências europeias ou em gabinetes de investigação em faculdades (enquanto gestores de ciência). No desempenho destas atividades profissionais, são dotados de autonomia na tomada de decisão e na resolução de problemas. Estão muitas vezes encarregues pela gestão de equipas de trabalho, pela definição de diretrizes e orientações de planos de trabalho, gestão de orçamentos, orientação e condução de estudos sociodemográficos, levantamento de necessidades junto da população, recolha, tratamento e análise de dados estatísticos, exercem funções de planeamento estratégico, atividades de intervenção social (definição de planos de reinserção social, diagnóstico social), desempenham tarefas de programação, entre outras. No geral, os papéis profissionais assumidos pelos entrevistados são de orientação para a resolução de problemas, isto é, para a construção de contributos de resposta a necessidades sociais. No desempenho destas funções inserem-se, com frequência, em equipas de trabalho multidisciplinares (compostas por psicólogos, gestores, economistas, juristas, entre outros), onde realizam uma troca constante de conhecimentos, acrescentando contributos específicos informados na formação académica em Sociologia.

Confirmamos assim que os sociólogos desenvolvem a sua atividade numa multiplicidade de contextos profissionais, tornando-se evidente, e mais uma vez indo de encontro às assunções de Costa (2004), que a Sociologia se insere no ramo das profissões múltívocas, à qual não corresponde uma única atividade ou papel profissional. Observa-se também que os papéis profissionais dos sociólogos em muito extravasam as típicas ocupações de “investigador científico” ou “professor universitário”.

A formação académica em Sociologia confere-lhes ferramentas específicas de análise da realidade e dos fenómenos sociais capacitando-os para o desempenho de múltiplos papéis profissionais, assente numa pericialidade técnica e científica. O portfólio de conhecimentos desenvolvidos na formação inclui

desde os quadros teóricos e conceptuais a partir dos quais constroem uma perspetiva especificamente sociológica sobre a realidade social, às técnicas de recolha, sistematização e análise de dados substantivos. Adicionalmente, são também dotados de competências relacionais e operacionais, através das quais agem e interagem, perante diferentes situações, no seio de equipas pluridisciplinares, de forma estratégica e sociologicamente informada.

Entre os princípios científicos adquiridos na formação em Sociologia que permanecem enquanto referência orientadora da atividade profissional, os sociólogos entrevistados destacam o olhar objetivo e imparcial perante as diversas situações, que rejeita qualquer afirmação do senso comum; a observação crítica face aos problemas; o questionamento constante que permite formular e reformular problemas ou levantar questões que até ao momento não se colocaram por outros profissionais. Destacam ainda as suas capacidades de transversalidade, polivalência e criatividade na resolução das relações sociais. Outra das questões observadas prende-se com as práticas de atualização. Boa parte dos entrevistados optou por aprofundar e especializar os seus conhecimentos académicos em Sociologia (pós-graduação, mestrado, doutoramento); outros orientaram-se por práticas de atualização divergentes, isto é, especializações académicas em áreas afins, de reforço do percurso profissional que preconizam (como gestão de recursos humanos, marketing, análise de dados, etc.). A procura constante de conhecimento, de diferentes competências e ferramentas aparece, assim, enquanto um elemento estrutural da identidade profissional destes sociólogos.

Na análise dos perfis de cultura profissional dos sociólogos entrevistados, uma das principais observações efetuadas neste projeto prende-se com a sua auto e hétero representação enquanto “sociólogos”. Aqui podemos observar que, apesar de reconhecerem em si e nas práticas que preconizam enquanto profissionais uma específica “sensibilidade sociológica”, materializada nos princípios enunciados atrás, a maioria não se representa como sociólogo quer na sua atividade profissional (nas relações em contexto de trabalho), quer na sua vida pessoal (perante amigos e familiares). Optam assim por adotar a designação profissional respeitante ao cargo ou função que exercem para se definir e representar (deixando para trás a designação de “sociólogo”). Nestes protagonismos, contribuem para a invisibilização ou não reconhecimento da Sociologia enquanto campo de profissionalização. Parte destes diplomados, concebem a profissão do sociólogo apenas no meio académico e, conseqüentemente, consideram não poder designar-se como tal, pois não são produtores do conhecimento científico, ocupação que nas suas representações deverá, de forma exclusiva, corresponder à ocupação de um sociólogo. A par destes protagonismos, outros profissionais assumem-se orgulhosamente como sociólogos, e fazem questão de se apresentar no seu dia-a-dia profissional, e mesmo pessoal, como tal. Este último segmento exerce atividade, de forma prevaiente, em organismos do setor público e terceiro setor, como câmaras municipais, agências governamentais e IPSS.

Relativamente às práticas de adesão ao associativismo profissional, vimos que os sociólogos contam com a existência de duas associações profissionais, a APS e a APSIOT, as quais regulam e orientam a atividade profissional dos seus membros. As duas associações pautam a sua ação por valores de abertura e inclusão procurando envolver sociólogos de dentro e de fora da academia. Apesar disto, grande parte

dos entrevistados assume não ser membro de associação profissional, mantendo, neste vetor, uma relação distante com a disciplina. Outros mostram-se bastante envolvidos nos movimentos associativos da sua profissão e são membros filiados quer na APS quer na APSIOT, além disso, envolvem-se assiduamente em eventos ou congressos de Sociologia. Concluimos também que o movimento associativo destes sociólogos se articula com questões relacionadas com a sua identidade profissional com a Sociologia, isto é, com questões como o reconhecimento ou não da Sociologia como a sua profissão: os que se assumem como sociólogos são também os que têm filiação e estão efetivamente mobilizados na ação associativa.

Os sociólogos contam ainda com um Código Deontológico o qual identifica os valores e princípios éticos e morais pelos quais se deve guiar a sua conduta profissional. Nos seus testemunhos, os entrevistados, apesar de demonstrarem um relativo distanciamento face ao código, evidenciam valores éticos e deontológicos que adotam no desempenho da sua atividade profissional, nomeadamente: o sigilo, a confidencialidade, a proteção de dados, a imparcialidade e a objetividade na gestão de problemas e na produção de resultados. Adicionalmente, apontam também para as responsabilidades cívicas e sociais acrescidas que admitem sentir dado o conhecimento adquirido ao longo da sua formação académica. Muitos são os que se envolvem em atividades de voluntariado e cidadania, assim como em movimentos coletivos como a filiação política ou a participação em manifestações.

A análise destes testemunhos permite concluir que na nossa amostra estão presentes os dois modelos de cultura profissional identificados por Costa (1988): o modelo de dissociação entre ciência e profissão (materializado em orientações de desistência e renegação da Sociologia enquanto a sua profissão, bem como no enclausuramento da disciplina na academia) e o modelo de associação entre ciência e profissão (profissionais que, para além de reconhecerem a componente formativa e científica da Sociologia, reconhecem-na enquanto a sua profissão e no exercício de atividades profissionais variadas). Nestas orientações, o contexto profissional em que se inserem aparece como uma variável que estrutura a sua cultura profissional, no sentido em que possibilita ou inviabiliza a adesão aos princípios da Sociologia (princípios científicos, princípios éticos e deontológicos). Como notámos antes, os sociólogos que desempenham a sua atividade profissional em contexto de intervenção pública, devido à sua maior autonomia no local de trabalho, são também os que tendem a associar a Sociologia-ciência e a Sociologia-profissão. Os princípios científicos da Sociologia mantêm-se nestas práticas enquanto referência forte, orientando a sua conduta. Estão aqui os protagonismos que António Firmino da Costa (1988) posiciona no “modelo cultural de associação entre ciência e profissão”.

Conclui-se que é possível fazer Sociologia, e acrescentar os contributos sociológicos de uma formação académica assente num conhecimento científico especializado nos mais diversos contextos profissionais, bem como no desempenho de papéis profissionais múltiplos e diversificados. Os sociólogos diferenciam-se pelo tipo de olhar e raciocínio particulares que detêm sobre a realidade e sobre os problemas com que se deparam; pelas suas técnicas de recolha bibliográfica e teórica; pela mobilização de ferramentas metodológicas; pela sua capacidade de articulação entre competências de base a saberes técnicos e a outras formações complementares; e pela sua capacidade de

operacionalizar e articular, em diferentes contextos, competências teóricas, metodológicas, relacionais e operatórias específicas da sua formação académica em Sociologia.

As ferramentas e competências que detêm estão então à altura de um mercado de trabalho flexível e em constante mutação, o qual exige polivalência, transversalidade, criatividade e autonomia na resolução de problemas. Segundo Costa (1988), uma das mais-valias dos sociólogos reside na sua capacidade de diagnóstico aprofundado, de intervenção sociologicamente informada e de articulação entre saberes teóricos e saberes operatórios. De acordo com Mineiro (2012), os sociólogos são detentores de um raciocínio e olhar científicos que permitem a rejeição de preconceitos, respostas imediatas e a aparência da realidade social. Para o autor, a profissionalização da Sociologia reside justamente na sua componente científica, porque “contamina todos os setores em que participa com as regras e os pressupostos da cientificidade” (Mineiro, 2012: 12).

Relativamente às hesitações que ainda se colocam acerca da profissionalização da Sociologia em contextos fora da academia, mesmo quando se tem em conta os milhares de diplomados que concluíram a sua formação na área e que integram, atualmente, o mercado de trabalho, surgem duas razões explicativas. Por um lado, se a própria génese da Sociologia, configurada por uma componente científica muito acentuada, que se incrusta na cultura dos diplomados na área, contribui para as hesitações relativamente à profissionalização da ciência sociológica para além do mundo académico, isto é, para as representações de oposição entre ciência e profissão que tendem a ser levadas a cabo por alguns destes diplomados. Por outro, também a formação em banda larga que caracteriza estes diplomados e que os habilita para o desempenho de múltiplos papéis profissionais em diferentes contextos, explica, de alguma forma, o distanciamento que alguns vão tendo relativamente à Sociologia, os quais vão incorporando em si as representações respeitantes ao contexto organizacional onde se inserem ao mesmo tempo que se distanciam das normas e valores éticos e deontológicos da ciência sociológica.

Face aos resultados apresentados neste estudo acerca da Sociologia enquanto campo de profissionalização, e indo de encontro às assunções de Costa (2018), conclui-se o seguinte:

O processo de profissionalização dos sociólogos, tal como ele tem decorrido nas últimas décadas, permite verificar que, mais do que uma “profissão de sociólogo”, o que existe são de facto as “profissões dos sociólogos”, no plural. Esta pluralidade constitui, em si mesma, um valor real. (Costa, 2018:85)

As conclusões do presente projeto não poderiam ir mais ao encontro do que foi afirmado pelo autor. Tendo em conta a multiplicidade de cargos e ocupações profissionais dos sociólogos, concluímos que não podemos falar na existência de um único e exclusivo campo de profissionalização da Sociologia, mas sim em campos de profissionalização que têm como objeto a sociedade e as relações sociais.

BIBLIOGRAFIA

- Almeida, João Ferreira de, Luís Capucha, António Firmino da Costa, Fernando Luís Machado e Anália Torres (2007), “A sociedade”, em António Reis (org.), *Retrato de Portugal Factos e Acontecimentos*, Rio de Mouro, Instituto de Camões, Círculo de Leitores e Temas & Debates, pp. 43-79
- Bardin, Laurence (2013), *Análise de conteúdo*, Lisboa: Edições
- Berger, Peter Ludwig and Thomas Luckmann (1966), *A construção social da realidade*, Petrópolis, Editora Vozes, citados por Clara Santos (2001), *Profissões e Identidades Profissionais*, Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, pp. 51
- Blin, Jean-François (1997), *Représentations, pratiques et identités professionnelles*, Paris, L’Harmattan, citado por Clara Santos (2001), *Profissões e Identidades Profissionais*, Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, pp. 64
- Carreiras, Helena, Fátima Freitas e Isabel Valente (1999), *Profissão Sociólogo*, Oeiras, Celta Editora
- Costa, António Firmino da Costa (1988), “Cultura Profissional dos Sociólogos”, *Sociologia, Problemas e Práticas*, 5, pp.107-124
- Costa, António Firmino da (1993), “Prática sociológica e deontologia profissional dos sociólogos”, em Estruturas Sociais e Desenvolvimento, Atas do 2º Congresso Português de Sociologia, vol. II, Lisboa, Editorial Fragmentos
- Costa, António Firmino da (2001), *Sociologia*, Lisboa, Difusão Cultural (3ª ed.)
- Costa, António Firmino da (2003), “Competências para a sociedade educativa: questões teóricas e resultados de investigação”, em Alexandre Quintalhana *et.al* (org.), *Cruzamento de Saberes, Aprendizagens Sustentáveis*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, pp. 169-174
- Costa, António Firmino da (2004), “Será a sociologia profissionalizável?”, em Carlos Manuel Gonçalves, Eduardo Rodrigues e Natália Azevedo (orgs.), *Sociologia no Ensino Superior*, Porto, FLUP
- Costa, António Firmino da Costa (2018), “Sociólogos: Associativismo inclusivo versus fechamento corporativo”, *SOCIOLOGIA ON LINE*, nº18, pp.81-87
- Lenoir, Remi (1996), “Objeto sociológico e problema social”, in Patrick Champagne *et.al*, *Iniciação à Prática Sociológica*, Petrópolis, Vozes, pp. 59-106
- Machado, Luís Fernando (1996), “Profissionalização dos sociólogos em Portugal – contextos, recomposições e implicações”, *Sociologia – Problemas e Práticas*, Nº20, pp.43-103
- Mauritti, Rosário e António Firmino da Costa (2014), “Formação e empregabilidade dos sociólogos em Portugal: uma perspetiva comparada nas ciências sociais”, comunicação apresentada no *VII Congresso Português de Sociologia: 40 anos de democracias: progressos, contradições e prospetivas*, Porto.
- Mauritti, Rosário e Nuno Nunes (2013), “Processos de recomposição social: continuidades e mudanças”, em Renato Miguel do Carmo (org.), *Portugal uma Sociedade de Classes: Polarização Social e Vulnerabilidade*, Lisboa, Edições 70/Monde Diplomatique, pp.29-48
- Mineiro, João (2012), “Será possível profissionalizar uma ciência? Cientificidade, profissionalização e questões deontológicas na sociologia”, CIES e-Working Paper nº135
- Ramos, Madalena, Luís Capucha e Inês Tavares (2018), *Quem são e o que fazem os sociólogos em Portugal?*, Lisboa, Mundos Sociais
- Raymond, Quivy and Luc Van Campenhoudt (2005), *Manual de Investigação em Ciências Sociais*, Lisboa, Gradiva – Publicações

Rodrigues, Maria de Lurdes (2012), *Profissões – Lições e Ensaios*, Coimbra, Edições Almedina S.A.

Santos, Clara Cruz (2001), *Profissões e Identidades Profissionais*, Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra

WEBGRAFIA

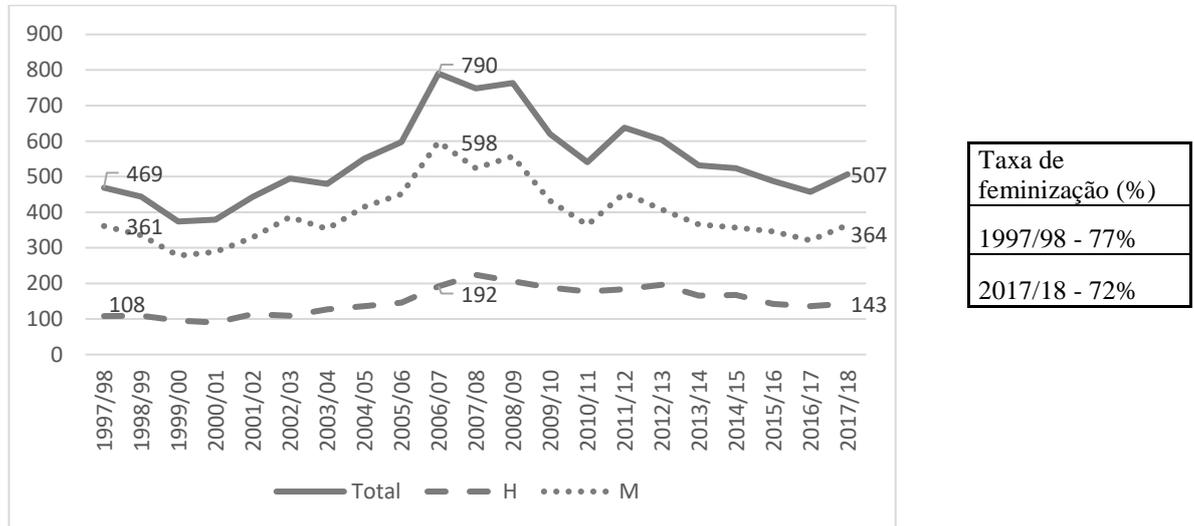
Direção-Geral de Estatísticas da Educação e Ciência (DGEEC/MEC): Inquérito ao Registo de Alunos Inscritos e Diplomados do Ensino Superior, <http://www.dgeec.mec.pt/np4/EstatDiplomados/>, consultado em 14-04-2019;
Desemprego Diplomados, http://w3.dgeec.mec.pt/dsee/Desemprego/D201812/DGEEC_DSEE_DEES_2018_Desemprego_dez2018.htm, consultado em 16-04-2019

Associação Profissional de Sociólogos: Código Deontológico dos Sociólogos, <https://aps.pt/pt/codigo-deontologico/>, consultado em 25-03-2019

ANEXOS

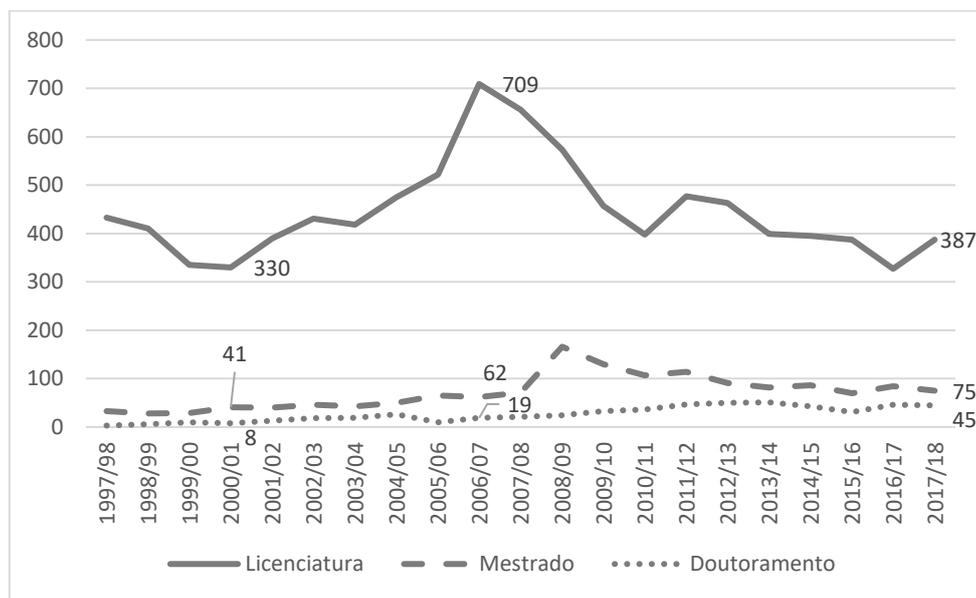
ANEXO A – DADOS ESTATÍSTICOS: DIPLOMADOS EM SOCIOLOGIA EM PORTUGAL

Figura A.1 – N.º de Diplomados em Sociologia (todos os níveis de formação, 1997/98 a 2017/18)



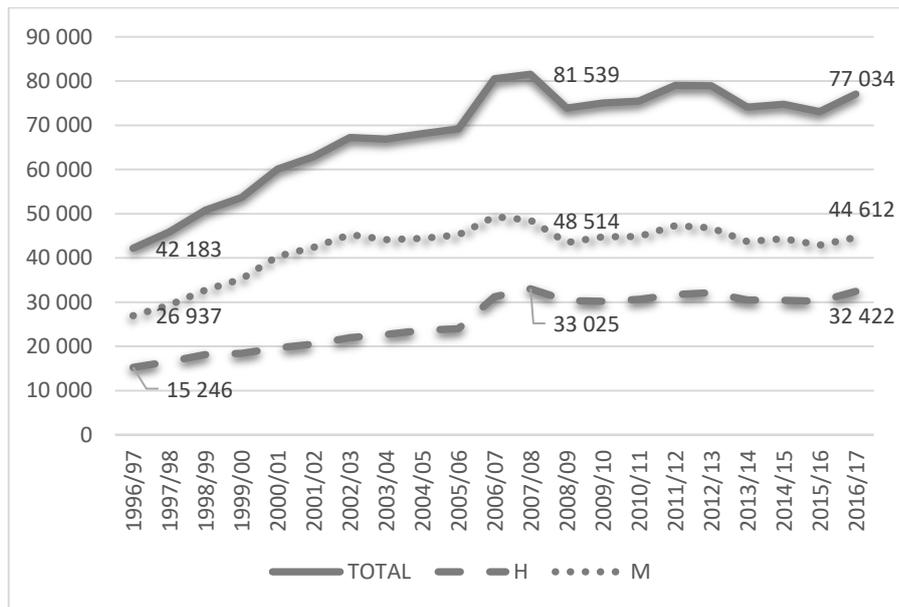
Fonte: Direção-Geral de Estatísticas da Educação e Ciência (DGEEC/MEC) – Diplomados em Estabelecimentos de Ensino Superior

Figura A.2 – Nº de Diplomados em Sociologia por Ciclo de Estudos (1997/98 a 2017/18)



Fonte: Direção-Geral de Estatísticas da Educação e Ciência (DGEEC/MEC) – Diplomados em Estabelecimentos de Ensino Superior

Figura A.3 – Evolução do N° de Diplomados no Ensino Superior por Sexo (1996/97 a 2016/17)



Fonte: Direção-Geral de Estatísticas da Educação e Ciência (DGEEC/MEC) – Diplomados em Estabelecimentos de Ensino Superior

ANEXO B – GUIÃO MODELO DAS ENTREVISTAS

a) Trajetória Formativa

Qual o grau de ensino superior mais elevado que concluiu em Sociologia?

Qual a instituição de ensino na qual completou esse grau? (Licenciatura, Mestrado, Doutoramento)

A Sociologia foi a sua primeira opção de acesso a um curso no ensino superior?

- Qual a razão que o levou a ingressar na Licenciatura em Sociologia? / Porque decidiu permanecer e concluir o curso?

Em que ano concluiu a sua licenciatura em Sociologia?

O seu curso era de quantos anos?

Para além da sua licenciatura, realizou outras formações?

- Quais?

b) Trajetória Profissional

Qual foi a sua primeira atividade profissional enquanto diplomado em Sociologia?

Recorda-se de como teve acesso a esta primeira profissão?

Ainda permanece na mesma empresa ou organização?

Relativamente à atividade profissional exercida cinco anos depois da conclusão da licenciatura, seria possível que nos falasse em detalha sobre a mesma, isto é, qual a sua designação profissional e quais as tarefas e funções desempenhadas?

c) Atividade e Prática Profissional

Relativamente à sua atividade profissional atual:

- Qual a sua designação profissional?
- Quais as funções e tarefas que desempenha?
- Qual o contexto profissional em que se insere? (setor de atividade e tipo de organização - Empresa/IPSS/Administração Pública)
- Desde que trabalha neste contexto, as funções/tarefas que desempenha têm sido alteradas de alguma forma?
- Tem autonomia para definir o seu dia-a-dia e tomar decisões?
- Se uma pessoa se candidatasse à sua posição, quais as características pessoais, competências e formação que deveria possuir?
- Podia falar-nos acerca do seu dia-a-dia profissional? Trabalha sobretudo sozinho ou em equipa?
- Com que profissionais se relaciona no seu quotidiano profissional? (Outros sociólogos ou pessoas de áreas formativas diversas)

d) Relações Formação-Profissão

Ser formado em Sociologia faz a diferença no seu dia-a-dia profissional?

Sente que a posse de um diploma em Sociologia teve vantagens no acesso ao mercado de trabalho?

No seu contexto de trabalho a Sociologia intervém de alguma forma? Como?

Quais as aprendizagens da Sociologia que se revelam mais úteis no exercício da sua atividade profissional?

Sente as mais-valias da Sociologia no desempenho das suas atividades profissionais?

Como descrever as funções “específicas” de um sociólogo no contexto de trabalho em que se insere?

Quais as competências que detêm que o diferenciam de profissionais com outras formações superiores?

No seu percurso profissional, sentiu necessidade de procurar formações complementares para o desempenho das suas funções?

- Se sim, em que áreas e porquê?

e) Cultura e Deontologia Profissional

Alguma vez se viu confrontado/a com conflitos éticos ou morais no desempenho da sua atividade profissional?

Quais os princípios e valores éticos que o/a guiam na sua prática profissional?

Sente que tem alguma responsabilidade cívica ou social acrescida devido ao conhecimento adquirido numa formação em Sociologia?

- Quais?

f) Identidade Profissional com a Sociologia

No seu dia-a-dia profissional, designa-se como sociólogo/a?

- Se sim, porquê?
- Se não, como designa o trabalho de um sociólogo?

Os seus colegas/amigos/familiares sabem que é sociólogo?

Quais as considerações que sente que a sociedade em geral ou os seus amigos/colegas/familiares têm acerca da Sociologia?

g) Associativismo Profissional

É membro de alguma associação profissional?

- Se sim, qual ou quais?
- O porquê de se ter associado?
- Tem uma participação ativa nas atividades dessas associações? Como?

Alguma vez participou, ou tem por hábito participar, em encontros ou congressos de Sociologia?

ANEXO C – MODELOS DE CULTURA PROFISSIONAL (COSTA, 1988)

Quadro C.1 – Modelos de Cultura Profissional (Costa, 1988)

DOIS MODELOS DE CULTURA PROFISSIONAL DOS SOCIÓLOGOS

	CULTURA DA DISSOCIAÇÃO (ENTRE CIÊNCIA E PROFISSÃO)	CULTURA DA ASSOCIAÇÃO (ENTRE CIÊNCIA E PROFISSÃO)
MODO COMO CONCEBE AS RELAÇÕES ENTRE CIÊNCIA (INVESTIGAÇÃO / ENSINO UNIVERSITÁRIOS) E PROFISSÃO	DISSOCIAÇÃO / OPOSIÇÃO («JOGO DE SOMA-NULA»)	ASSOCIAÇÃO / COOPERAÇÃO («JOGO COOPERATIVO»)
TIPO DE CONCEPÇÃO DO QUE É A ACTIVIDADE DE ENSINO / INVESTIGAÇÃO	ESSENCIALISTA	PROFISSIONAL
PAPÉIS PROFISSIONAIS CONCEBÍVEIS	INVESTIGAÇÃO / ENSINO	PLURALIDADE DE PAPÉIS PROFISSIONAIS
RELAÇÃO ENTRE UNIVERSITÁRIOS E NÃO-UNIVERSITÁRIOS	RUPTURA E DESVALORIZAÇÃO RECÍPROCA; COM 2 VERSÕES: a) ACADEMICISMO ou b) PRATICISMO	REDE DE RELACIONAMENTOS COOPERANTES
MODO COMO CONCEBE AS RELAÇÕES ENTRE PROBLEMAS SOCIAIS E PROBLEMAS SOCIO-LÓGICOS	CONTRAPOSIÇÃO RÍGIDA	REFORMULAÇÃO + TECNICIDADE OPERATÓRIA
CONCEPÇÃO DO GRAU DE AUTONOMIA PROFISSIONAL	2 VERSÕES: a) GRANDES, NOS LUGARES UNIVERSITÁRIOS ou b) PEQUENA, NOS LUGARES NÃO UNIVERSITÁRIOS	AUTONOMIA ACENTUADA, CONDIÇÃO E RESULTADO DO EXERCÍCIO DAS COMPETÊNCIAS ESPECÍFICAS

	CULTURA DA DISSOCIAÇÃO (ENTRE CIÊNCIA E PROFISSÃO)	CULTURA DA ASSOCIAÇÃO (ENTRE CIÊNCIA E PROFISSÃO)
TIPO DE SABERES	SABERES TEÓRICOS e/ou SABERES METODOLÓGICOS	SABERES TEÓRICO-METODOLÓGICOS + SABERES OPERATÓRIOS
RELAÇÃO COM OS PARADIGMAS	2 VERSÕES: a) EXCLUSIVISMO PARADIGMÁTICO ou b) DISPERSÃO ECLÉTICA	ABERTURA PLURI-PARADIGMÁTICA REFLECTIDA E EXPLORATÓRIA
RELAÇÃO COM AS TEORIAS	2 VERSÕES: a) TEORICISMO ou b) EMPIRISMO	INSTRUMENTALIDADE PRODUTIVA DAS TEORIAS (NA PRODUÇÃO DE CONHECIMENTOS EMPÍRICOS E DE SABERES OPERATÓRIOS)
PREOCUPAÇÕES DEONTOLÓGICAS	DUALIDADE CIENTÍFICA	QUALIDADE CIENTÍFICA + CAPACIDADE TÉCNICA + RESPONSABILIDADE SOCIAL
ATITUDE COM QUE SE PROCURA A LICENCIATURA	FUGA À PROFISSIONALIZAÇÃO	PROCURA DA PROFISSIONALIZAÇÃO (UNIVERSITÁRIA OU EXTRA-UNIVERSITÁRIA)
ATITUDE PERANTE A PROFISSIONALIZAÇÃO	DESCRENÇA	AUTO-CONFIANÇA
A QUEM SE ATRIBUI O PRINCIPAL ENCARGO DE CONSTRUIR / DEFINIR OS PAPÉIS PROFISSIONAIS	AOS «EMPREGADORES», AOS «OUTROS»	AOS PRÓPRIOS SOCIÓLOGOS
PREOCUPAÇÃO COM O ASSOCIATIVISMO PROFISSIONAL	DISTANCIAMENTO	INTERESSE / EMPENHAMENTO
CONCEPÇÃO DO ENSINO	2 VERSÕES: a) TEORICISTA ou b) PRATICISTA	COMBINAÇÃO DO ENSINO-APRENDIZAGEM DE SABERES TEÓRICOS, METODOLÓGICOS E OPERATÓRIOS
PRESENÇA DO MODELO CULTURAL ENTRE OS SOCIÓLOGOS PORTUGUESES	DECLINANTE	EMERGENTE

Fonte: Costa, António Firmino da Costa (1988), “Cultura Profissional dos Sociólogos”, CIES-ISCTE/ CELTA

ANEXO D – GRELHAS DE LEITURA

GRELHA DE LEITURA 1 – FORMAÇÃO EM SOCIOLOGIA

Quadro D.1 – Formação em Sociologia

Formação em Sociologia					
Categories	Formação Inicial em Sociologia • (Instituição: pública/privada) • Ano de conclusão	Último grau académico concluído em Sociologia	Expectativas em relação à formação em Sociologia	Outras Formações - Práticas de Atualização (Convergentes/Divergentes)	“Ferramentas” da Sociologia na Prática Profissional
Entrevistados					
1-Rui	<ul style="list-style-type: none"> Privada (UAL) 1996 	Licenciatura	Sociologia não foi a sua 1ª opção de acesso Escolheu Sociologia devido ao contacto com a disciplina no Ensino Secundário	Divergentes: Mestrado em Comunicação e Jornalismo (Universidade de Coimbra) Parte letiva da pós-graduação em Marketing (ESECS, Leiria)	Método de investigação das ciências sociais: Conseguir romper com o preconceito, ter uma leitura da realidade longe dos preconceitos do senso comum, imparcial e objetiva Saberes metodológicos
2-Rute	<ul style="list-style-type: none"> Pública (ISCTE-IUL) 2011 	Licenciatura	Sociologia foi a única e 1ª opção de acesso Desde pequena que se questionava por assuntos como a gentrificação; no ensino secundário frequentou a disciplina e foi um fator decisivo	Divergentes: Mestrado em Políticas de Desenvolvimento de Recursos Humanos (ISCTE-IUL, 2017)	Sente que é capaz de se colocar no lugar dos outros e de entender todo um contexto em redor do indivíduo Polivalência e de adaptação a diferentes contextos A Sociologia intervém na interação com os outros, na avaliação que faz dos outros, de entender o contexto social de um indivíduo e encaminhá-lo Saberes teórico-metodológicos + Saberes operatórios
3-Maria	<ul style="list-style-type: none"> Pública (ISCTE-IUL) 2012 	Licenciatura	Sociologia não foi a sua 1ª opção de acesso Tinha um enorme desconhecimento acerca da disciplina	--	Modo abrangente de observar a realidade social Não sente, em termos práticos, uma relação entre a sua formação e a atividade profissional Capacidade trabalho em equipa Saberes metodológicos
4-Luís	<ul style="list-style-type: none"> Pública (FCSH) 1997 	Licenciatura	Sociologia foi a sua 1ª opção de acesso	Divergentes: Pós-graduação em Análise de Dados (ISCTE-IUL)	Faz “sociologia pura” na sua atividade: investigação e análise de dados estatísticos Adaptação e multidisciplinariedade a diferentes funções e contextos profissionais Saberes teórico-metodológicos + Saberes operatórios
5.David	<ul style="list-style-type: none"> Privada (UAL) 2001 	Licenciatura	Sociologia não foi a sua 1ª opção de acesso	--	Capacidade de realizar pesquisas, interpretar resultados e recolher conclusões Adaptação e interação com novas metodologias e procedimentos

					Saberes teórico-metodológicos
6. André	<ul style="list-style-type: none"> • Pública (FCSH) • 2013 	Licenciatura	Sociologia foi a sua 1ª opção de acesso Escolheu a Sociologia devido ao interesse que já detinha acerca da mesma	Divergentes: Curso de Técnico de Gestão Ambiental Outras formações profissionais: Excel, Word	Análise, tratamento e interpretação de dados qualitativos e quantitativos Interação com os outros tendo em conta o contexto e a história de cada um, isto é adaptação das suas formas de abordagem às pessoas Saberes teórico-metodológicos
7. Marta	<ul style="list-style-type: none"> • Pública (ISCTE-IUL) • 1981 	Licenciatura	Iniciou o curso de Ciências Sociais e Políticas que foi encerrado, tendo sido encaminhada para o curso de Sociologia (1976)	Divergentes: Curso de Formação de Formadores Curso de Profissionalização de Professores	Perspetiva abrangente acerca da sociedade e dos fenómenos sociais Curiosidade, questionar, refletir acerca dos fenómenos Saberes metodológicos
8. Diogo	<ul style="list-style-type: none"> • Pública (FCSH) • 2012 	Licenciatura	Sociologia foi a sua 1ª opção de acesso ao ensino superior O interesse pelos fenómenos sociais foi o fator que o mobilizou na escolha do curso	Divergentes: Espírito de Liderança; Gestão de Conflitos, Gestão de Património, Informática, Primeiros Socorros	Instrumentos metodológicos: construção e implementação de questionários e inquéritos; análise dos dados recolhidos, regendo-se sempre por princípios de objetividade e imparcialidade Capacidade de observação objetiva e isenta Saberes metodológicos
9. Sara	<ul style="list-style-type: none"> • Pública (ISCSP) • 2007 	Licenciatura	Sociologia não foi a sua 1ª opção de acesso ao ensino superior Escolheu Sociologia na expectativa de analisar os fenómenos sociais segundo uma perspetiva mais global	Divergentes: Formações profissionais: Proteção de Dados, Recursos Humanos	Ferramentas ao nível da capacidade de pesquisa, recolha e seleção de informação Competências ao nível do trabalho em equipa Saberes metodológicos
10. Telma	<ul style="list-style-type: none"> • Privada (Universidade Moderna do Porto) • 2006 	Licenciatura	Sociologia não foi a sua 1ª opção de acesso ao ensino superior Decidiu candidatar-se a um curso que considerava transversal e versátil	Divergentes: Gestão de Conflitos, Gestão de Equipas, Contabilidade, Formação de Formadores, Formação de Planeamento de Projetos, Avaliação de Projetos, Formação de Mentores	Ferramentas ao nível da análise da sociedade, de enquadramento de um contexto Versatilidade e multidisciplinariedade Conhecimentos teóricos acerca da Sociologia da Família Saberes teóricos
11. João	<ul style="list-style-type: none"> • Privada (Universidade Autónoma de Lisboa) • 1998 	Licenciatura	Sociologia foi a sua 1ª opção de acesso Não tinha um conhecimento detalhado acerca da disciplina, mas interessou-se pelas matérias abordadas depois de uma pesquisa acerca do curso	--	Capacidade de versatilidade e multidisciplinariedade que permite o olhar diferenciado em diversas situações e novas soluções Enquadramento de um contexto histórico, que permita depois justificar e argumentar os seus resultados e um certo tipo de intervenção Saberes teórico-metodológicos + Saberes operatórios
12. Ana	<ul style="list-style-type: none"> • Pública (ISCTE-IUL) 	Pós-graduação, 2008	Sociologia foi a sua 1ª opção de acesso no ensino superior	Convergentes: Pós-graduação em Sociologia (ISCTE-IUL, 2008)	Visão ampla da sociedade e da génese dos fenómenos sociais

	<ul style="list-style-type: none"> • 2006 		O seu propósito seria vir a trabalhar na área do planeamento autárquico ou na vertente do planeamento empresarial (recursos humanos)	Outras formações: Inglês, Espanhol, Processamento Salarial, Legislação Laboral	Olhar objetivo e imparcial que implica a desconstrução de preconceitos sociais Adaptação do discurso na interação com diferentes pessoas Capacidade de análise social fundamental na hora de lidar com pessoas, causas, questões Saberes teórico-metodológicos
13. Joana	<ul style="list-style-type: none"> • Pública (ISCTE-IUL) • 2008 	Mestrado, 2013	Sociologia foi a sua 1ª opção de acesso ao ensino superior Teve Sociologia no Ensino Secundário e decidiu candidatar-se devido à experiência positiva que teve e pelo enorme interesse suscitado	Convergentes: Pós-graduação em Família e Sociedade (ISCTE-IUL); Mestrado em Sociologia (ISCTE-IUL)	Visão ampla na análise das relações sociais, dos agregados familiares Capacidade de observação, da linguagem verbal, da linguagem não verbal Instrumentos teóricos que permitem a interpretação da realidade social, dos fenómenos Instrumentos operacionais que permitem agir com base em conhecimentos adquiridos Instrumentos metodológicos: Capacidade objetiva e imparcial de análise de dados Saberes teórico-metodológicos + saberes operatórios
14. Sofia	<ul style="list-style-type: none"> • Pública (ISCTE-IUL) • 1980 	Licenciatura	Sociologia foi a sua 1ª opção de acesso ao ensino superior	Convergentes/Divergentes: Pós-graduação em Economia e Política Social (ISCTE-IUL) Cursos complementares: Curso de formação de formadores, cursos de gestão, gestão do tempo	Técnicas e metodologias da Sociologia na análise e implementação de projetos Capacidade de transversalidade e adaptação a diferentes contextos profissionais Saberes teórico-metodológicos + Saberes operatórios
15. José	<ul style="list-style-type: none"> • Pública (ISCTE-IUL) • 2011 	Licenciatura	Sociologia foi a sua 1ª opção de acesso ao ensino superior	Divergentes: Mestrado em Serviço Social (ISCTE-IUL); Parte curricular do doutoramento em Serviço Social (ISCTE-IUL)	Capacidades de interação com os outros com base em conhecimentos adquiridos e nos diferentes contextos em que se inserem SPSS – elaboração de relatórios Saberes teórico-metodológicos + Saberes operatórios
16. Eva	<ul style="list-style-type: none"> • Pública (ISCTE-IUL) • 2012 	Licenciatura	Sociologia foi a sua 1ª opção de acesso ao ensino superior Teve Sociologia no Ensino Secundário e ficou bastante interessada pela disciplina, motivo pelo qual se candidatou ao curso	Divergentes: Mestrado em Marketing (ISCTE-IUL)	Resiliência, métodos de trabalho, métodos de estudo Capacidades ao nível da análise de dados e de fatores, que permitem retirar conclusões fiáveis Observação e interpretação dos fenómenos Saberes metodológicos
17. Miguel	<ul style="list-style-type: none"> • Pública (ISCTE-IUL) • 2003 	Licenciatura	Sociologia foi a sua 1ª opção de acesso ao ensino superior Sociologia no Ensino Secundário	Divergentes: Pós-graduação em Comunicação, Cultura e Tecnologias da Informação (ISCTE-IUL);	Capacidades de trabalho em equipa e de interação com os outros Não estabelece uma relação direta entre a sua formação e a sua atividade profissional

				Mestrado em Economia e Gestão de Ciência e Inovação (ISEG)	Reconhece as competências da Sociologia na análise de dados, na construção de relatórios científicos Saberes metodológicos
18. Sónia	<ul style="list-style-type: none"> • Pública (ISCTE-IUL) • 1997 	Doutoramento, a concluir	<p>Sociologia foi a sua 1ª opção de acesso ao ensino superior</p> <p>Tinha um interesse prévio em relação a questões acerca da sociedade, dos indivíduos e da sua interação</p>	<p>Convergentes e Divergentes: Mestrado e Doutoramento em Sociologia; Formação sobre Identidade de Género</p>	<p>Análise de dados e interpretação crítica desses dados “análise de dados é essencial e interpretação crítica desses mesmos dados”</p> <p>Aplicação de inquéritos</p> <p>Técnicas metodológicas que permitem olhar para uma realidade, perceber o método a aplicar para retirar informação (definição da amostra) (ou seja, construção de instrumentos de recolha, para tipificar as pessoas com determinadas características; criação de tipologias) “a parte da metodologia de olhar para uma realidade e tentar perceber o método a aplicar para retirar informação... um exemplo: nós temos que fazer uma estratégia de inclusão (...) sou eu porque querem logo sociólogos nestas coisas... e eles querem lançar um inquérito ao total das organizações e depois temos que discutir porque não só aquelas... temos que balizar para criar o nosso universo para depois criar a nossa base de amostra”</p> <p>Trabalho em equipa</p> <p>Saberes teóricos e metodológicos + saberes operatórios</p>
19. Fátima	<ul style="list-style-type: none"> • Privada (Universidade Autónoma de Lisboa) • 1994 	Mestrado, 2002	<p>Sociologia foi a 1ª opção de acesso ao ensino superior</p> <p><i>“foi sempre a minha primeira opção e... não entrei no ISCTE porque não tinha altura média ah (...) mas, foi a minha primeira opção em várias universidades ah...”</i></p> <p>Conhecimento acerca da disciplina em conversas com amigos/familiares que frequentavam o curso</p>	<p>Convergentes/Divergentes: Mestrado em Sociologia; Programação; Análise qualitativa de dados em MAXqda; Pesquisa de Dados (INE e EUROSTAT); Cursos de Línguas (Inglês)</p>	<p>Olhar crítico, capacidade de interrogação e questionamento</p> <p>Contextualização histórica de dados, sistematização de dados e indicadores</p> <p>Conhecimentos teóricos ao nível da Sociologia da Educação</p> <p>Saberes teórico-metodológicos + Saberes operatórios</p>

GRELHA DE LEITURA 2 – TRAJETÓRIAS E PRÁTICAS PROFISSIONAIS

Quadro D.2 – Trajetórias e Práticas Profissionais

Trajetórias e Práticas Profissionais dos Entrevistados						
Categories	Transição para o Mercado de Trabalho (1ª Atividade Profissional)	Profissão 5 anos depois da conclusão da Licenciatura em Sociologia	Atividade Profissional Atual	Outras experiências profissionais	Designação profissional e Descritivo das Funções	Contexto Profissional Atual (administração pública, empresa, IPSS)
Entrevistados						
1. Rui; 46; Licenciatura; Universidade Autónoma de Lisboa; 1996; Jornalista; Empresa	Part-time em rádio local (antes da conclusão da Licenciatura em Sociologia)	Jornalista	Jornalista integrado na redação	Diretor de Jornal Chefe de Redação Breve passagem pela docência	Jornalista – edição e redação de notícias	Empresa (Jornal) Pertence aos quadros
2. Rute; 29; Licenciatura; ISCTE-IUL; 2011; Consultora de Recursos Humanos; Empresa	Estágio remunerado – Consultoria na área social	Consultora de Recursos Humanos	Consultora de Recursos Humanos (IT)	Programa de empreendedorismo internacional	Consultora de Recursos Humanos (IT) – angariação do cliente; realização da proposta comercial; estudo das necessidades de contratação; abertura do processo de recrutamento; entrevistas aos candidatos; celebração dos contratos de trabalho	Empresa
3. Maria; 31; Licenciatura; ISCTE-IUL; 2012; Técnica de Recursos Humanos; Empresa	Estágio profissional na área de recursos humanos (formação)	Técnica de Recursos Humanos	Técnica de Recursos Humanos	--	Técnica de Recursos Humanos – acompanhamento/gestão das carreiras dos colaboradores da empresa; triagem curricular; sessões de integração dos colaboradores na empresa; organização de feiras de emprego	Empresa
4. Luís; 42; Licenciatura; FCSH; 1997; Técnico Superior; administração pública	Exército – Sociologia aplicada num órgão de investigação (análise de funções)	Técnico Superior de Sociologia - Ministério da Defesa (análise de formação profissional)	Técnico Superior de Sociologia - Ministério da Defesa	Centro de Psicologia – Investigação	Sociólogo/Técnico Superior de Sociologia – monitorização e análise da informação acerca dos efetivos militares e do recrutamento militar (análise das saídas que se preveem, motivações de ingresso nas Forças Armadas, satisfação com dimensões da profissão, potencial de jovens interessados em ingressar nas Forças Armadas); Análise de dados dos inquéritos do Dia da Defesa Nacional; Gere os estudos relativos aos jovens, Forças Armadas, GNR, Proteção Civil, Comportamentos Aditivos	Ministério da Defesa – Administração Pública
5. David; 37; Licenciatura; Universidade Autónoma de Lisboa; 2001; Coordenador e	Chefe de direção na área da restauração	IEFP (primeiros 6 meses à experiência) - Inserido no Departamento de	Coordenador e Gestor do Centro Nacional de		Técnico Superior - Coordenador e Gestor do Centro Nacional de Qualificação de Formadores – gestão do portal Netforce; gestão	IEFP (Instituto de Emprego e

Gestor do Centro Nacional de Qualificação de Formadores; Administração Pública	(ainda durante a Licenciatura) Sociólogo no exercício (durante 6 anos)	Certificação do IIEFP (Coordenador das comissões técnicas de especialização)	Qualificação de Formadores		de recursos humanos; suporte e gestão financeira; definição de diretrizes para o trabalho do IIEFP; apoio aos gabinetes ministeriais; promoção de ações de formação, seminários; promoção de ações de formação técnica e pedagógica pelo país	Formação Profissional)
6. André; 34; Licenciatura; FSCH; 2013; Técnico de Gestão Ambiental; Administração Pública	Marinha (2005-2008) (antes de iniciar a sua formação em Sociologia)	Técnico de Gestão Ambiental	Técnico de Gestão Ambiental	Pequenos trabalhos de verão Vigilante da Prosegur e vigilante aeroportuário	Técnico de Gestão Ambiental – Planeamento e organização de atividades de educação ambiental para alunos das escolas do concelho	Câmara Municipal da Amadora (Administração Pública)
7. Marta; 60; Licenciatura; ISCTE-IUL; 1981; Professora do Ensino Secundário; Administração Pública (Escola Secundária)	Professora de Geografia a alunos do ensino secundário	Professora de Sociologia e outras disciplinas (ensino secundário)	Professora no Ensino Secundário	Formadora no Centro de Emprego; Diretora de turma; Conselho Diretivo/Conselho Geral	Professora do Ensino Secundário – Leciona a disciplina de Sociologia e outras (Economia, Direito, Geografia)	Escola Secundária (Administração Pública)
8. Diogo; 53; Licenciatura; FSCH; 2012; Técnico Superior; Administração Pública (Ministério da Educação)	Antes de iniciar a sua formação em Sociologia: Auditorias e trabalho administrativo	Técnico Superior na Editorial do Ministério da Educação	Técnico Superior na Editorial do Ministério da Educação	Auditorias	Técnico Superior – Responsável pelo processo de controlo de qualidade do Ministério e pela manutenção do património; responsável pela gestão do serviço de higiene e segurança no trabalho; administração de relatórios através de um conjunto de informações/dados que recolhe junto dos trabalhadores; emissão dos relatórios sobre o controlo de qualidade	Editorial do Ministério da Educação (Administração Pública)
9. Sara; 35; Licenciatura; ISCSP; 2007; Técnica de Recursos Humanos; Empresa	Técnica Administrativa	Técnica de Recursos Humanos (na mesma empresa onde está hoje) – passou por diferentes cargos tendo sido promovida até à posição que ocupa atualmente)	Técnica de Recursos Humanos	Pequenos trabalhos de Verão	Técnica de Recursos Humanos – Responsável pelo processamento salarial e tudo o que envolve a contratação ou formalização de acordos de entrada ou saída de colaboradores; análise dos dados de inquéritos aplicados aos trabalhadores; revisões de programas que a empresa deseja implementar	Multinacional (Empresa Privada)
10. Telma; 48; Licenciatura; Universidade Moderna do Porto; 2006; Diretora Técnica; IPSS	Auxiliar direta na IPSS	Coordenadora Técnica na IPSS	Diretora Técnica em IPSS prestadora de serviços a pessoas idosas e deficientes	--	Diretora Técnica em IPSS – Gestão das equipas e da área financeira; realização de entrevistas aos familiares; acompanhamento dos utentes; planeamento das atividades para os utentes; elaboração das ementas; gestão de assuntos administrativos relacionados com a segurança social; formadora	AAIDO – IPSS
11. João; 55; Licenciatura; UAL; 1998; Técnico Superior	Gestor de escritório de duas editoras (antes da	Técnico Superior de Sociologia (CML) na área da cultura	Técnico Superior de Sociologia –	Serviço militar obrigatório	Técnico Superior de Sociologia (Sociólogo) – Estudos urbanos e demográficos, em áreas diversas, ao nível da segurança urbana –	Câmara Municipal de Lisboa

de Sociologia; Administração Pública (CML)	Licenciatura em Sociologia) Técnico Assistente (CML)		Planeamento Urbano		necessidades de equipamentos que fazem rede em escolas, centros de saúde, hospitais, equipamentos de desporto	(Administração Pública)
12. Ana; 35; Pós-Graduação; ISCTE-IUL; 2006; Consultora de Recrutamento e Seleção; Empresa	Estágio curricular para a área do recrutamento (na empresa onde está hoje)	Consultora de Recrutamento e Seleção (na mesma empresa)	Consultora de Recrutamento e Seleção (Recursos Humanos)	--	Consultora de Recrutamento e Seleção – Triagem curricular de acordo com o perfil requisitado pelo cliente; realização de entrevistas de pré-seleção; agendamento de entrevistas no cliente; alocação do candidato no cliente)	Multinacional (Empresa Privada) (efetiva)
13. Joana; 34; Mestrado; ISCTE-IUL; 2008; Socióloga; IPSS	Acompanhamento de famílias beneficiárias do rendimento social de reinserção na IPSS	Técnica Gestora de Processos na IPSS (mantém-se na equipa de protocolo do rendimento social de reinserção)	Técnica Gestora de Processos em IPSS	--	Técnica Gestora de Processos (Socióloga) – Intervenção social que visa a reinserção social e autonomização dos indivíduos; entrevistas com famílias e diagnóstico social; identificação das problemáticas que levam os indivíduos a uma situação de exclusão social; definição do plano de reinserção social; acompanhamento do processo e avaliação da motivação da família; articulação com outros parceiros sociais; visitas domiciliárias	Associação NOS (Barreiro) – IPSS
14. Sofia; 58; Licenciatura; ISCTE-IUL; 1980; Vogal Executivo; Empresa Municipal - Administração Pública (Gebalis)	Investigação científica na área da Sociologia do Desenvolvimento Urbano (ISCTE-IUL)	Técnica Superior na Câmara Municipal de Lisboa (entrou em regime de estágio) - planeamento de realojamentos, caracterização sociodemográfica das populações; acompanhamento das famílias, relatórios de evolução de recenseamentos	Vogal Executivo do Conselho de Administração da Gebalis	Dirigente no Instituto do Ambiente (atualmente Agência Portuguesa do Ambiente) Investigadora numa publicação acerca das mulheres em África	Vogal Executivo do Conselho de Administração da Gebalis – Gestão social e patrimonial dos bairros municipais e de todas as frações da CML; definição de planeamentos estratégicos, projetos e decisões; avaliação das especificidades de cada território; acompanhamento dos realojamentos; gestão jurídica; acompanhamento da equipa informática; alterações no manual de procedimentos	Gebalis – Empresa Municipal (Administração Pública)
15. José; 53; Licenciatura; ISCTE-IUL; 2011; Técnico Superior de Sociologia; Administração Pública (CML)	Técnico Administrativo na CML (tarefas administrativas, contabilidade)	Técnico Superior na CML - Coordenador do núcleo de apoio à direção, coordenador da formação dos trabalhadores do seu departamento)	Técnico Superior de Sociologia (CML)	--	Técnico Superior (Sociólogo) – Coordena a formação dos funcionários do departamento; coordena o núcleo que presta apoio à direção; responsável pela gestão do orçamento participativo; coordenação do expediente dos recursos humanos; relatórios de	CML – Administração Pública

					caracterização sociodemográfica de quem habita as casas da Câmara	
16. Eva; 28; Licenciatura; ISCTE-IUL; 2012; Brand Manager; Empresa	Estágio profissional enquanto assistente de marketing	Brand Manager	Brand Manager (Marketeer)	Estágio de Verão em empresa de estudos de mercado Consultora em empresa – estudo internacional do consumidor Gestora de marca na área do retalho	Brand Manager (Marketeer) – responsável pela gestão de produtos da marca; análise financeira dos produtos e da marca; realização da gestão de stocks; análise de dados (tendências de mercado; necessidades do consumidor)	Empresa Privada
17. Miguel; 41; Licenciatura; ISCTE-IUL; 2003; Gestor de Ciência; Centro de Investigação Científico	Assistente em Projetos de Investigação	Bolseiro em projeto de investigação no ISEG na área da Sociologia (aplicação de questionários, construção de bases de dados)	Gestor de Ciência em departamento científico	Estágio curricular em associação ambientalista Bolseiro em projetos de investigação	Gestor de Ciência – Gestão corrente do centro; submissão de projetos, preparação de candidaturas, acompanhamento dos projetos em curso, submissão dos relatórios financeiros, apoio à submissão dos relatórios científicos; assessoria à direção	Unidade de Investigação (ISEG)
18. Sónia; 45; Doutoramento; ISCTE-IUL; 1997; Socióloga; Organismo Público	Bolseira de Investigação	Diretora pedagógica em empresa do setor privado (criação de instrumentos de verificação da qualidade)	Técnica superior na Agência Erasmus +	--	Técnica Superior (Socióloga) – Equipa de monitorização e avaliação da programação: verificação de dados, criação e verificação de padrões de qualidade, gestão do orçamento	Agência Erasmus +
19. Fátima; 45; Mestrado; UAL; 1994; Socióloga; Organismo Público (POCH)	Bolseira em Projetos de Investigação Científica - CIES	Investigadora na área da educação (Monitorização de dados)	Socióloga no Programa Operacional do Capital Humano		Socióloga – Apuramento do financiamento dos Fundos Europeus e do impacto do POCH (melhorias, taxas); Monitorização de dados estatísticos, apuramento de indicadores	Programa Operacional do Capital Humano (POCH)

GRELHA DE LEITURA 3 – CULTURA PROFISSIONAL IDENTITÁRIA COM A SOCIOLOGIA

Quadro D.3 – Cultura Profissional Identitária com a Sociologia

Cultura Profissional Identitária com a Sociologia					
Categorias	Identificação Profissional com a Sociologia (Autorrepresentação profissional)	Responsabilidades cívicas e sociais: perspetivas sobre o contributo da sociologia para a sociedade	Princípios éticos e deontológicos	Perceções sobre a aceitação da sociologia: como os outros veem a Sociologia	Associativismo Profissional - Pertence a alguma associação profissional (da sociologia ou não)
Entrevistados					
1.Rui; 46; Licenciatura; Universidade Autónoma de Lisboa; 1996; Jornalista; Empresa	<ul style="list-style-type: none"> Não se identifica como sociólogo, mas sim como “jornalista” <p><i>“ser sociólogo implica exercer essa atividade, fazer investigação nas Ciências Sociais ou de alguma forma a trabalhar nessa área, não é coisa que eu faça”</i></p> <p><i>“Não há aquele método, acho que procuro não fazer aquela confusão, há trabalho que se parece que se aproxima mais daquilo que aprendi a fazer, e acho que nesses casos as ferramentas e os conhecimentos que obtive ajudam, mas não produzo nada na área das ciências sociais. E, portanto, não sou sociólogo. Trabalho numa outra área da comunicação social, então sou jornalista”</i></p>	Sem responsabilidades cívicas/sociais enunciadas	<p>Confronto entre “problemas sociais” e “problemas sociais”</p> <p>“uma das questões mais importantes nesta profissão é a questão do método, conseguir ser objetivo (...) acho que isso só se consegue, com o método de investigação das ciências sociais. Acho que sim, conto muito com essa questão de conseguir romper com o preconceito. Ter uma leitura da realidade o quanto possível longe dos preconceitos que se tem ou do senso comum”</p> <p>Qualidade científica</p>	Descrença na profissionalização da Sociologia	<p>Não pertence a nenhuma associação profissional</p> <p>Distanciamento</p>
2.Rute; 29; Licenciatura; ISCTE-IUL; 2011; Consultora de Recursos Humanos; Empresa	<ul style="list-style-type: none"> “Socióloga especializada em recursos humanos” <p><i>“socióloga especializada em recursos humanos”</i></p> <p><i>“Sociologia está em tudo e eu consigo aplicar aquilo que aprendi em Sociologia na minha profissão, no meu dia a dia, é ser socióloga”</i></p>	Sem responsabilidades cívicas/sociais enunciadas	<p>Rigor na produção de dados</p> <p>Respeito e seriedade no local de trabalho</p> <p>Qualidade científica + Capacidade técnica</p>	<p>Considera que existe um preconceito acerca da Sociologia na sociedade. Faz de tudo para desconstruir a ideia preformada do senso comum</p> <p><i>“Ainda há preconceito... Há. Eu faço de tudo para desconstruir a ideia do senso comum do que as pessoas acham sociologia. E eu</i></p>	<p>Não pertence a nenhuma associação profissional</p> <p>Distanciamento</p>

				<p><i>não quero deixar morrer... Porque as pessoas não têm noção do quanto faz falta sociologia. Está no dia a dia, em tudo o que fazemos”</i></p> <p>Autoconfiança na profissionalização da Sociologia</p>	
3. Maria; 31; Licenciatura; ISCTE-IUL; 2012; Técnica de Recursos Humanos; Empresa	<ul style="list-style-type: none"> Não se identifica como socióloga, mas como “técnica de recursos humanos” 	Sem responsabilidades cívicas/sociais enunciadas	Sem preocupações éticas e deontológicas enunciadas	<p>Sente que os outros têm uma opinião preformada acerca da Sociologia e um grande desconhecimento. Já se viu confrontada com comentários desagradáveis de amigos/familiares</p> <p><i>“Eu lembro-me que quando eu escolhi o curso só me diziam, “mas o que é que é isso?”, até mesmo na minha família diziam, “mas sociologia o que é que é isso? isso tem emprego? isso dá para quê?”. Pronto, as pessoas perguntavam sempre e às vezes gozam e perguntam para que é que serve o curso, o que é que vocês fazem e não sei quê”</i></p> <p>Descrença na profissionalização da Sociologia</p>	<p>Não pertence a nenhuma associação profissional</p> <p>Distanciamento</p>
4. Luís; 42; Licenciatura; FCSH; 1997; Técnico Superior; Administração Pública (Ministério da Defesa)	<ul style="list-style-type: none"> Identifica-se como sociólogo <p><i>“SIM! Um enorme sim. Mesmo a ver TV, na rua, numa esplanada. São coisas inculcadas (...) Fascina-me tudo isto, nós que estudamos o comportamento humano e a relação do mesmo com as instituições/estruturas e vice-versa,</i></p>	Sem responsabilidades cívicas/sociais enunciadas	Nunca se viu confrontado com conflitos éticos ou deontológicos na sua prática profissional. Ver-se-ia confrontado com essa situação no momento em que fosse condicionado a realizar o seu trabalho de forma a que este resultasse em coisas pré-feitas (princípio da objetividade e imparcialidade)	<p>Considera que a Sociologia é mais reconhecida atualmente do que quando entrou no MT, em que se viu confrontado com um grande desconhecimento acerca da Sociologia por parte dos colegas. Hoje considera comum o recrutamento de sociólogos para que estes deem a sua visão acerca de como desenhar uma pesquisa, montar um estudo</p>	<p>Já foi vinculado à APS, enquanto Presidente da Secção “Sociologia, Forças Armadas e Sociedade”</p> <p>Já participou/participa em Congressos da Sociologia</p> <p>Interesse/Empenhamento</p>

	<i>torna-se difícil separar-me de tudo isto</i>		<p>“Há uma ética organizacional e uma profissional e não são incompatíveis. Só seriam incompatíveis se uma desrespeitasse a outra. Nunca essa situação me afrontou. No momento em que quem me chefia me condicionar a realização do meu trabalho e levar a que a ética do meu trabalho desague em coisas pré-feitas, aí sim havia um choque. Já senti desvalorização por parte de algumas entidades, quando as coisas não vão ao encontro das suas expetativas. Mas nós não quebramos etapas, nem compromissos éticos”</p> <p>Qualidade científica + qualidade técnica</p>	<p><i>“é um problema da Sociologia, escrevermos para nós e para os nossos pares. A Sociologia tem alguma dificuldade em penetrar outros campos, pois lemos alguns trabalhos de sociólogos e só sociólogos é que entendem”</i></p> <p><i>“(…) neste momento, acho que não consigo ver a Direção-Geral manter a dinâmica que tem, em termos de características do suporte que dá, sem sociólogos”</i></p> <p>Autoconfiança na Profissionalização dos sociólogos</p>	
5. David; 37; Licenciatura; Universidade Autónoma de Lisboa; 2001; Coordenador e Gestor do Centro Nacional de Qualificação de Formadores; Administração Pública (IEFP)	<ul style="list-style-type: none"> Identifica-se como “licenciado em Sociologia” e “técnico e gestor de formação” <p><i>“identifico-me como uma pessoa licenciada em Sociologia. Neste momento não considero fazer trabalho de Sociologia apesar de ser muito importante a formação que tive”</i></p>	<p>Nunca sentiu responsabilidades acrescidas e sempre respeitou todas as profissões por igual</p> <p>“Lá está, não me considero como sociólogo neste momento, mas já me considere. Em tempos, fiz trabalho de sociólogo, mas nunca senti ter responsabilidades acrescidas, sempre respeitei todas as profissões por igual e a Sociologia não é exceção”</p>	<p>Uma prática de ética na profissão dos sociólogos envolve a abstração das convicções pessoais de forma a ser imparcial</p> <p>“tendo sempre uma visão muito aberta e ampla, sendo uma característica do sociólogo, e quase que se deve abstrair das suas convicções pessoais, uma das coisas mais difíceis”</p> <p>Capacidade técnica</p>	<p><i>“Ainda não existe estatuto, ou seja, o sociólogo é visto como um especialista em quase tudo. Alguém que sabe de tudo um pouco e pouco mais que tudo”</i></p> <p><i>“a Sociologia não está muito famosa. Ainda a encaram como especialistas em quase tudo, o que não deixa de ser verdade, em parte”</i></p> <p>Descrença na profissionalização da Sociologia</p>	<p>Não é membro de nenhuma associação profissional da Sociologia</p> <p>Distanciamento</p>
6. André; 34; Licenciatura; FSCH; 2013; Técnico de Gestão Ambiental; Administração Pública	<ul style="list-style-type: none"> Não se identifica como sociólogo, mas sim como “técnico de gestão ambiental” 	<p>Considera que o sociólogo, pelo conhecimento que adquire, tem uma responsabilidade cívica acrescida</p> <p>Responsabilidade Social</p>	<p>Sem preocupações deontológicas evidenciadas</p>	<p>Considera que a Sociologia não é muito reconhecida fora do meio académico. É o que sente, por exemplo, em relação às pessoas mais próximas através de comentários. Atribui este fator em parte devido ao desconhecimento que existe</p>	<p>Não pertence a nenhuma associação profissional</p> <p>Distanciamento</p>

				<p>acerca da Sociologia. “<i>Há algumas profissões mais valorizadas do que a Sociologia, como engenharias, advogados, juízes, mas os cargos dirigentes são ocupados, normalmente, por sociólogos, o que não é à toa. Mas depois, na população em geral, não é muito valorizada, porque não sabem muito bem o que é um sociólogo</i>”</p> <p>“<i>Eu acho que um sociólogo pode ser muitas coisas, tem essa vantagem. Pode-se inserir em qualquer departamento, pelo menos numa Câmara, acho que se pode inserir em qualquer departamento. Eu estou ali no departamento do ambiente e acho que até posso dar um bom contributo enquanto sociólogo, mas em qualquer departamento um sociólogo pode dar o seu contributo</i>”</p> <p>Autoconfiança na profissionalização da Sociologia</p>	
<p>7. Marta; 60; Licenciatura; ISCTE-IUL; 1981; Professora do Ensino Secundário; Administração Pública (Escola Secundária)</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Não se identifica como socióloga, mas sim como “professora de Sociologia” 	<p>Aproveita a sua formação em Sociologia para fazer uma certa consciencialização e sensibilização dos alunos relativamente a várias áreas da política social, para desafiar os alunos a refletir sobre as coisas e a pô-las em causa</p> <p>Responsabilidade social</p>	<p>Sem preocupações deontológicas evidenciadas</p>	<p>Apesar de achar que os sociólogos são atualmente mais chamados a falar, a dar o seu contributo, ainda não têm a relevância que têm noutros países, sente que existe um grande desconhecimento, por parte da sociedade, em relação à Sociologia, e, por vezes, a sua desvalorização enquanto ciência</p> <p>Descrença na profissionalização da Sociologia</p>	<p>Não pertence a nenhuma associação profissional</p> <p>Distanciamento</p>

<p>8. Diogo; 53; Licenciatura; FSCH; 2012; Técnico Superior; Administração Pública (Ministério da Educação)</p>	<ul style="list-style-type: none"> Não se identifica como sociólogo (associa a Sociologia à investigação científica) <p><i>“Sociólogo, sociólogo mesmo, confesso que não sou, eu gostaria muito de fazer investigação, uma análise mais próxima a nível social, mas que não seja só ali confinada aquele espaço. Mas confesso que efetivamente, tenho as ferramentas indicadas para no meu cargo poder fazer bem as minhas tarefas, é engraçado que ao principio se alguém me perguntava, se era uma mais valia para a empresa eu tirar aquele curso, hoje em dia, são os primeiros a vir perguntar”</i></p>	<p>Considera que os sociólogos têm quase que uma exigência para tais obrigações, para serem mais sensíveis a questões cívicas e éticas e como tal, uma maior responsabilidade de intervenção</p> <p>Participa em associações de cariz social</p> <p>“O facto de estarmos exercitados para isso, obrigamos, entre outras, é quase que uma exigência, para termos essas obrigações, para termos pelo menos essa sensibilidade, sermos mais sensíveis às coisas, e por isso obriga-nos a sermos interventivos, sem dúvida nenhuma”</p>	<p>Destaca o princípio da isenção e da imparcialidade, para encontrar resultados objetivos e fiáveis. O sigilo e a confiança são também princípios que defende</p> <p>“o princípio da isenção completa, e depois também, saber guardar o segredo, sigilo, é muito importante quando alguém ou uma equipa fala de determinadas coisas que eu sei que aquilo tem que ficar ali, tem que ficar ali, porque senão perdes logo toda a confiança das pessoas”</p> <p>“mas também seres rigoroso, e utilizares o teu rigor e a veracidade das coisas, se aquilo tem que ser feito assim, é porque tem de ser feito assim, não vamos fazer ao contrário”</p> <p>Capacidade técnica + Responsabilidade social</p>	<p>Sente que a cultura do sociólogo já está, atualmente, mais enraizada na sociedade portuguesa, existe hoje maior conhecimento e informação acerca do que faz um sociólogo, em parte devido à área da política, e da análise social que é feita pelos sociólogos nos meios de comunicação social, considera que este fator veio dar força à posição dos sociólogos na sociedade. Quando decidiu estudar Sociologia sente que havia um maior desconhecimento em relação à mesma</p> <p>Quando iniciou a sua atividade profissional, no Ministério, os colegas estranhavam o seu método de observação presencial, junto dos outros trabalhadores, sentiam uma certa desconfiança. Atualmente percebem e entendem melhor as suas funções e o seu método</p> <p>Autoconfiança na profissionalização da Sociologia</p>	<p>Não pertence a nenhuma associação profissional</p> <p>Distanciamento</p>
<p>9. Sara; 35 anos; Licenciatura; ISCSP; 2007; Técnica de Recursos Humanos; Empresa</p>	<ul style="list-style-type: none"> Não se identifica como socióloga, privilegia a designação profissional (associa a Sociologia à investigação científica) <p><i>“Não, não. Não, mas não é por nada, mas sinceramente acho que devia ter feito outro tipo de trabalho para virar uma socióloga, se calhar fiz na altura do meu relatório de estágio, fiz assim uma pequena investigação e ok, nada de outro mundo, e acabou. Nunca</i></p>	<p>Sente que é dotada de uma responsabilidade cívica acrescida devido aos seus conhecimentos, mas refere que a Sociologia não é uma área de apoio nem de ação social</p>	<p>Sem preocupações deontológicas evidenciadas</p>	<p>Considera que a Sociologia e os sociólogos não são muito valorizados na sociedade. Considera que existem outros cursos, como gestão ou engenharia acabam por ser mais valorizados, fator que atribui à relação entre oferta e procura no mercado</p> <p>Descrença na Profissionalização da Sociologia</p>	<p>Não pertence a nenhuma associação profissional</p> <p>Distanciamento</p>

	<i>voltei a fazer mais tipo de investigação nenhuma, portanto, não me posso considerar socióloga só por ter uma licenciatura em sociologia”</i>				
10. Telma; 48 anos; Licenciatura; Universidade Moderna do Porto; 2006; Diretora Técnica; IPSS	<ul style="list-style-type: none"> Não se identifica como socióloga, mas como “diretora técnica” 	<p>Sente que os sociólogos estão mais sensibilizados para as questões sociais devido à sua formação, apesar de não deterem uma responsabilidade social acrescida particular</p> <p>“acho que a formação não, a preocupação social devemos ter todos, um sociólogo não” (...) “Por formação não, fica é sensibilizado para isso, e se assim o entender pode ter um papel mais ativo, não obrigatoriamente porque tem essa formação (...) se tiver uma formação na área da sociologia fica mais desperto e aí de certeza vai sentir muito mais aquele apelo de ajudar e de ir à procura de, mas dizer que há uma relação direta, não a compreendo assim,</p>	Sem preocupações deontológicas evidenciadas	<p>Considera que a Sociologia e os sociólogos ainda não são reconhecidos pela sociedade, particularmente quando se compara as Ciências Sociais às Ciências Exatas, e sente que ainda há muito trabalho de divulgação a fazer relativamente ao contributo e à utilidade da Sociologia e dos sociólogos para a sociedade</p> <p>“«Sociólogos» Não são aqueles apanhados da cabeça? As ciências sociais são tidas para as ciências exatas como sendo as ciências ocultas, portanto, ainda não há, eu acho que temos de trabalhar mais para divulgar o trabalho do sociólogo e perceber o que é que é o trabalho do sociólogo, ainda não há muito, não está, há muito a fazer na perspetiva daquilo que faz o sociólogo”</p> <p>Descrença na Profissionalização da Sociologia</p>	<p>Já foi sócia da APS, apesar de manter um distanciamento atualmente Pertence ao CDS-PP</p> <p>Distanciamento</p>
11. João; 55; Licenciatura; Universidade Autónoma de Lisboa; 1998; Técnico Superior de Sociologia; Administração Pública (CML)	<ul style="list-style-type: none"> Identifica-se como sociólogo e faz questão de assim ser reconhecido pelos outros <p><i>“Não é técnico superior, é sociólogo. É assim que eu me apresento e toda a gente lá no meu serviço, e toda a gente reconhece e é assim que eu me identifico”</i></p>	Sente que a responsabilidade acrescida que a Sociologia lhe trouxe foi a necessidade de fundamentar, sempre com base na pesquisa, na teoria, em acontecimentos históricos, qualquer intervenção ou conclusão que encontra	<p><i>“Fui eu o garante da metodologia e é isso que um sociólogo deve ser, deve ser o garante das regras, mas sendo de alguma forma, das regras científicas, mas sendo de alguma forma flexível o suficiente para as ir adaptando”</i></p> <p>Qualidade científica + Capacidade Técnica + Responsabilidade Social</p>	<p>Quando entrou na sua atividade de Planeamento Estratégico sentiu um certo estigma por parte dos seus colegas, devido à sua formação em Sociologia, a qual tendia a ser desvalorizada naquele contexto, particularmente por arquitetos</p>	<p>Pertence à APS (há vários anos), seguindo frequentemente as newsletters Tem tido uma participação assídua nos Congressos de Sociologia</p> <p>Interesse/Empenhamento</p>

				Autoconfiança na Profissionalização da Sociologia	
12. Ana; 35; Pós-Graduação; ISCTE-IUL; 2006; Consultora de Recrutamento e Seleção; Empresa	<ul style="list-style-type: none"> Não se identifica como socióloga, mas como “consultora de recursos humanos” <p><i>“Não faz muito sentido apresentar-me como socióloga, ou descrever as minhas funções como socióloga, porque no fundo, na prática, não é isso que eu estou a fazer a nível de funções no dia-a-dia. Indiretamente está presente, não é? Mas no dia-a-dia, as minhas funções são mais funções de recrutamento e seleção”</i></p>	<p>Sente uma responsabilidade acrescida por ser formada em Sociologia, a de demonstrar aos outros a importância da Sociologia</p> <p><i>“Eu acho que é sempre importante sermos bons embaixadores do nosso curso (...) acho que sim um bocadinho essa responsabilidade, e sinto que às vezes em conversa, quando perguntam «ah mas o que é que é isso da sociologia?» (...) «ou que ferramentas é que ganhaste?» Eu acho importante nós sabermos responder. O facto de sermos, as pessoas que... a nível da sociedade tem essa capacidade de análise, se calhar mais apurada do que outra pessoa com outra formação! Portanto nós ganhamos muito e acho que ser embaixadores da marca sociologia”</i></p> <p>Responsabilidade social</p>	Nunca se viu confrontada com conflitos éticos/morais	Descrença na Profissionalização da Sociologia	<p>Não pertence a nenhuma associação profissional Já participou no Congresso de Sociologia (2006)</p> <p>Distanciamento</p>
13. Joana; 34; Mestrado; ISCTE-IUL; 2013; Socióloga; IPSS	<ul style="list-style-type: none"> Identifica-se como socióloga 	Sem responsabilidades sociais acrescidas	<p>Proteção de dados: <i>“Mas acho que isso é importante nós termos sempre essa responsabilidade e esse cuidado e esse sentido ético, profissionalmente, e em outras prestações da nossa vida”</i></p> <p>Objetividade e a imparcialidade na análise da realidade social é fundamental: <i>“Sem objetividade, caímos no naturalismo, não é? Caímos na análise do senso comum. E é isso que distingue o conhecimento científico, a análise</i></p>	<p>Sociólogos enquanto profissionais especializados adaptáveis a vários contextos de atividade</p> <p>Autoconfiança na profissionalização dos sociólogos</p>	<p>Sócia da APS Participou já em vários Congressos de Sociologia (chegando já a ter feito comunicações)</p> <p>Interesse/Empenhamento</p>

			<p>sociológica, é nós termos um conhecimento, um aprofundamento de, da realidade e um conhecimento que assenta em bases científicas, e que distingue o conhecimento sociológico, o conhecimento científico do senso comum. Isso é, é fundamental.”</p> <p>Qualidade Científica + Capacidade Técnica</p>		
<p>14. Sofia; 58; Licenciatura; ISCTE-IUL; 1980; Vogal Executivo; Empresa Municipal - Administração Pública (Gebalis)</p>	<ul style="list-style-type: none"> Identifica-se como socióloga <p><i>“A minha matriz é, eu sou socióloga na minha formação e nos meus atos de gestão que eu pratico. A parte da minha matriz dos conhecimentos que eu adquiri fazem parte sempre das minhas decisões, obviamente. (...) o facto de eu ter esta formação de alguma forma também define aquilo que eu acho que também é o modelo de intervenção no local, nos bairros municipais. Se for outra pessoa, com outra formação, provavelmente terá outro entendimento do que seria o trabalho a desenvolver nos bairros”</i></p>	<p>Sem responsabilidades cívicas acrescidas</p>	<p>“E as questões de éticas são fundamentais, os valores são fundamentais”</p> <p>Qualidade Científica + Capacidade Técnica</p>	<p><i>“eu quando cheguei à camara municipal de Lisboa, com outros colegas sociólogos, poucas pessoas sabiam o que é que um sociólogo fazia e na altura nós tivemos de criar, praticamente, o nosso posto de trabalho”</i></p> <p><i>“Sociologia teria que ter uma ... primeiro porque as pessoas não sabem o quê que os sociólogos faziam; e em segundo lugar, tinha que abrir terreno para mim e para todos os que vieram atrás de mim. Porque este curso, é uma área que existe muito nos serviços públicos, na área central e local, existem muitas pessoas com licenciatura em sociologia”</i></p> <p>Autoconfiança na Profissionalização da Sociologia</p>	<p>Já foi associada na APS Já participou em Congressos de Sociologia</p> <p>Interesse/empenhamento</p>
<p>15. José; 53; Licenciatura; ISCTE-IUL; 2011; Técnico Superior de Sociologia; Administração Pública (CML)</p>	<ul style="list-style-type: none"> Identifica-se como sociólogo <p><i>“Eu sou sociólogo, eu sou sociólogo. No Estado a categoria é técnico superior de Direito, de Sociologia, de Antropologia, de qualquer outra área. Eu sou sociólogo, não sou técnico</i></p>	<p>Sem responsabilidades sociais acrescidas</p>	<p><i>“a gente sabe que não se pode divulgar dados sensíveis, nós temos muitos dados sensíveis, temos muitas vezes que lidar com mulheres que são vítimas e hoje em dia cada vez mais na comunicação social de violência doméstica,</i></p>	<p><i>“Quando eu entrei na Câmara, sociólogos não me lembro de nenhum, não havia, não era uma profissão que na Câmara, pelo menos aqui, e mesmo lá fora, não se ouvia falar em Sociologia, não era uma área muito falada. Hoje já somos se</i></p>	<p>Não é associado em nenhuma associação profissional Já participou em conferências de Sociologia</p> <p>Interesse/empenhamento</p>

	<i>superior de nada (...) hoje assino como técnico superior ou sociólogo, escolho, mas eu sou sociólogo”</i>		<i>portanto são dados muito complicados”</i> Qualidade científica + Capacidade Técnica	<i>calhar 70,80,90 profissionais de Sociologia na Câmara”</i> <i>“A Sociologia, e mesmo hoje, ainda vive muito do Estado, portanto dos empregadores do Estado, não só da Câmara, do Estado em geral e do ensino. Mas as próprias empresas hoje em dia já começam a olhar para os sociólogos de outra maneira porque temos muitas valências, a gente pode trabalhar em várias áreas”</i> <i>“Hoje começam a olhar para os sociólogos de outra maneira, sabem que têm capacidades, que têm ferramentas, que conseguem apreender”</i> Autoconfiança na profissionalização da Sociologia	
16. Eva; 28; Licenciatura; ISCTE-IUL; 2012; Brand Manager; Empresa	<ul style="list-style-type: none"> Não se identifica como socióloga, mas sim como “gestora de marketing”, associa a Sociologia à sua formação <p><i>“Apesar de a Sociologia ter sido a minha base, hoje em dia identifico-me como gestora de marketing ou marketer (...) porque já estou há mais anos assim do que como tive enquanto socióloga”</i></p>	Sem responsabilidades sociais acrescidas	<i>“empresas onde eu trabalhei são empresas que primam pela ética e a moral no trabalho, portanto empresas sempre muito focadas em respeitar o outro, respeitar os seus colaboradores, os seus fornecedores e os consumidores e, portanto, nunca fiz nada fora da minha ética ou fora da ética da empresa. O que acontece é existem decisões de negócios que tu podes não estar tão de acordo, mas fazes o teu ponto e acabas por ir pelo caminho que equipa quer, mas nunca fora de ética ou da moral”</i> Capacidade Técnica	Autoconfiança na profissionalização da Sociologia	Não é associada em nenhuma associação profissional Distanciamento

<p>17. Miguel; 41; Licenciatura; ISCTE-IUL; 2003; Gestor de Ciência; Centro de Investigação Científico</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Não se identifica como sociólogo na sua profissão • Concebe a prática da Sociologia no ensino e investigação universitária <p><i>“Eu, neste momento, não acho que seja um sociólogo em termos profissionais.”</i></p> <p><i>“o que eu acho é que um sociólogo é um cientista social que observa a realidade dos grupos, dos indivíduos em grupo (...) Neste momento, começa a haver mais pessoas em investigação a 100%, ou seja, a tempo inteiro, mas ainda assim não é a maioria e a maior parte das pessoas com quem eu vou mantendo contacto, do meu curso, fazem muita coisa, e tudo menos algo que eu diga que possa ser uma prática profissional em sociologia, portanto...porque há pessoas a trabalhar em câmaras, há pessoas que provavelmente estão a usar a sociologia no seu dia-a-dia e na sua função, mas não são sociólogos”</i></p>	<p>Sem responsabilidades sociais acrescidas</p>	<p>Nunca se confrontou com nenhum problema ético ou deontológico. Valoriza a confidencialidade dos dados (aplicação de questionários)</p> <p>Capacidade Técnica</p>	<p><i>“Eu não recomendaria a um filho meu ou a um primo, ou a um irmão que fosse para Sociologia, não por não achar que o curso não tem valências, continuo a achar que qualquer pessoa deveria ter formação em Sociologia, mas porque acho que cada vez mais as saídas profissionais estão dificultadas. E acho que a maioria das pessoas que vai para Sociologia quer fazer investigação, e depois quando percebe o que é a investigação é complicado”</i> (...) <i>“a maior parte das pessoas que eu conheço não está a exercer profissionalmente sociologia, porque é de facto muito difícil”</i></p> <p>Descrença na Profissionalização da Sociologia</p>	<p>Não é membro de nenhuma associação profissional</p> <p>Distanciamento</p>
<p>18. Sónia; 45; Doutoramento; ISCTE-IUL; 1997; Técnica Superior/Socióloga; Organismo Público (Agência Erasmus +)</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Identifica-se como socióloga <p><i>“Normalmente digo que sou socióloga nunca digo que sou técnica (...) e aqui também na agência Erasmus, normalmente como estou associada à sociologia e estudos e mapeamentos e essa coisa toda...”</i></p>	<p>Voluntariado</p>	<p><i>“Eu fui despedida por isso, portanto não aceitaria nunca que me obrigassem a fazer uma coisa que fosse contra os meus valores deontológicos.”</i></p> <p><i>“Para já ser uma pessoa frontal e ética. Ah, quer dizer pelo menos ética. (...) dedicada, seguir os ensinamentos, e no fundo aprofundar ainda mais essas valências e seguir as nossas aprendizagens.”</i></p>	<p>Autoconfiança na profissionalização da Sociologia</p>	<p>Diretora executiva da APSIOT Já participou em vários Congressos de Sociologia (quer da APS quer da APSIOT) Membro da APS</p> <p>Interesse/Empenhamento</p>

			Qualidade Científica + Capacidade Técnica + Responsabilidade Social		
19. Fátima; 45; Licenciatura; Universidade Autónoma de Lisboa; 1994; Organismo Público (POCH)	<ul style="list-style-type: none"> Identifica-se como socióloga 	<p><i>“O voluntariado, no fundo, foi uma curiosidade também sociológica de conhecer um grupo de, de conhecer uma (...) uma ONG religiosa, mas que tem uma abertura muito grande ah... face ao contexto das mulheres ah, que exercem trabalho sexual nas ruas. E ah, a curiosidade sociológica levou-me a participar, portanto, desse voluntariado que exerci durante 1 ano e meio hum... e que tem um pouco a ver com esta questão que é ah, querer como socióloga (...) perceber (...) a curiosidade de conhecer exatamente e de poder ir ao terreno e de desconstruir, muitas vezes, as ideias pré-feitas”</i></p>	<p>Atribui extrema importância ao princípio da confidencialidade e sigilo dos dados</p> <p>Princípio da objetividade e imparcialidade na produção de conclusões</p> <p><i>“eu acho que por exemplo aqui no ISCTE prepara muito bem os alunos ah... ao longo do seu percurso formativo e também, depois ao nível da, dos centros de investigação para... para estarem preparados, justamente, para essa objetividade máxima.”</i></p> <p style="text-align: center;">Qualidade Científica + Capacidade Técnica + Responsabilidade Social</p>	Autoconfiança perante profissionalização dos sociólogos	<p>Sócia da APS e participa sempre nos congressos de Sociologia</p> <p style="text-align: center;">Interesse/empenhamento</p>

ANEXO E – GRELHA DE ANÁLISE (MODELOS DE CULTURA PROFISSIONAL)

Quadro E.1 – Grelha de Análise: Modelos de Cultura Profissional

Modelos de Cultura Profissional									
	Tipo de saberes	Preocupações deontológicas	Atitude perante a profissionalização	A quem se atribui o principal encargo de construir/definir os papéis profissionais	Preocupação com o associativismo profissional	Conceção do Grau de autonomia	Autorrepresentação profissional	Papéis profissionais concebíveis	Modelo de cultura profissional
Entrevistados	Saberes teóricos e/ou metodológicos // saberes teórico-metodológicos + saberes operatórios	Qualidade científica // Qualidade científica + capacidade técnica + Responsabilidade de social	Descrença // Autoconfiança	Aos “empregadores” aos “outros” // aos próprios sociólogos	Distanciamento // Interesse ou empenhamento			Investigação/Ensino // Pluralidade de papéis profissionais	Dissociação entre ciência e profissão // Associação entre ciência e profissão
1.Rui; 46; Licenciatura; Universidade Autónoma de Lisboa; 1996; Jornalista; Empresa	Saberes metodológicos	Qualidade científica	Descrença	Empregadores	Distanciamento	Pequena, nos lugares não universitários (impossibilidade de reformulação de problemas sociais em problemas sociológicos)	“Jornalista”	Investigação/Ensino	Dissociação entre ciência e profissão
2.Rute; 29; Licenciatura; ISCTE-IUL; 2011; Consultora de Recursos Humanos; Empresa	Saberes teórico-metodológicos + Saberes operatórios	Qualidade científica + Capacidade técnica	Autoconfiança	Aos próprios sociólogos	Distanciamento	Autonomia acentuada	“Socióloga especializada em recursos humanos”	Pluralidade de papéis profissionais	Associação entre ciência e profissão

3. Maria; 31; Licenciatura; ISCTE-IUL; 2012; Técnica de Recursos Humanos; Empresa	Saberes metodológicos	Sem preocupações deontológicas	Descrença	Empregadores	Distanciamento	Pequena, nos lugares não universitários	“Técnica de recursos humanos”	Investigação/Ensino	Dissociação entre ciência e profissão
4. Luís; 42; Licenciatura; FCSH; 1997; Técnico Superior; Administração Pública (Ministério da Defesa)	Saberes teórico-metodológicos + Saberes operatórios	Qualidade científica + capacidade científica	Autoconfiança	Próprios sociólogos	Empenhamento	Acentuada	“sociólogo”	Pluralidade de papéis profissionais	Associação entre ciência e profissão
5. David; 37; Licenciatura; Universidade Autónoma de Lisboa; 2001; Coordenador e Gestor do Centro Nacional de Qualificação de Formadores; Administração Pública (IEFP)	Saberes teórico-metodológicos	Capacidade técnica	Descrença	Empregadores	Distanciamento	Acentuada	“técnico e gestor de formação”	Investigação/Ensino	Dissociação entre ciência e profissão
6. André; 34; Licenciatura; FSCH; 2013; Técnico de Gestão Ambiental; Administração Pública	Saberes teórico-metodológicos	Responsabilidade de social	Autoconfiança	Próprios sociólogos	Distanciamento	Pequena, nos lugares não universitários	“técnico de gestão ambiental”	Pluralidade de papéis profissionais	Dissociação entre ciência e profissão

7. Marta; 60; Licenciatura; ISCTE-IUL; 1981; Professora do Ensino Secundário; Administração Pública (Escola Secundária)	Saberes metodológicos	Responsabilidade de social	Descrença	Empregadores	Distanciamento	Pequena, nos lugares não universitários	“professora de sociologia no ensino secundário”	Investigação/Ensi no	Dissociação entre ciência e profissão
8. Diogo; 53; Licenciatura; FSCH; 2012; Técnico Superior; Administração Pública (Ministério da Educação)	Saberes metodológicos	Capacidade técnica + responsabilidade de social	Descrença	Empregadores	Distanciamento	Grande, nos lugares universitários	“técnico superior”	Investigação/Ensi no	Dissociação entre ciência e profissão
9. Sara; 35 anos; Licenciatura; ISCSP; 2007; Técnica de Recursos Humanos; Empresa	Saberes metodológicos	Responsabilidade de social	Descrença	Empregadores	Distanciamento	Pequena, nos lugares não universitários	“consultora de recursos humanos”	Investigação/Ensi no	Dissociação entre ciência e profissão
10. Telma; 48 anos; Licenciatura; Universidade Moderna do Porto; 2006; Diretora Técnica; IPSS	Saberes teóricos	Responsabilidade de social	Descrença	Próprios sociólogos	Distanciamento	Grande, nos lugares universitários	“Diretora técnica”	Investigação/Ensi no	Dissociação entre ciência e profissão
11. João; 55; Licenciatura; Universidade Autónoma de Lisboa; 1998; Técnico Superior de Sociologia;	Saberes teórico- metodológicos + Saberes operatórios	Qualidade científica + capacidade técnica + responsabilidade de social	Autoconfiança	Próprios sociólogos	Empenhamento	Autonomia acentuada	“Sociólogo”	Pluralidade de papéis profissionais	Associação entre ciência e profissão

Administração Pública (CML)									
12. Ana; 35; Pós-Graduação; ISCTE-IUL; 2006; Consultora de Recrutamento e Seleção; Empresa	Saberes teórico-metodológicos	Sem preocupações deontológicas evidenciadas	Descrença	Próprios sociólogos	Distanciamento	Pequena, nos lugares não universitários	“Consultora de recursos humanos”	Ensino/Investigação	Dissociação entre ciência e profissão
13. Joana; 34; Mestrado; ISCTE-IUL; 2013; Socióloga; IPSS	Saberes teórico-metodológicos + saberes operatórios	Capacidade técnica + qualidade científica	Autoconfiança	Próprios sociólogos	Interesse / empenhamento	Autonomia acentuada	“Socióloga”	Pluralidade de papéis profissionais	Associação entre ciência e profissão
14. Sofia; 58; Licenciatura; ISCTE-IUL; 1980; Vogal Executivo; Empresa Municipal - Administração Pública (Gebalis)	Saberes teórico-metodológicos + saberes operatórios	Capacidade técnica	Autoconfiança	Próprios sociólogos	Interesse / empenhamento	Autonomia acentuada	“Socióloga”	Pluralidade de papéis profissionais	Associação entre ciência e profissão
15. José; 53; Licenciatura; ISCTE-IUL; 2011; Técnico Superior de Sociologia; Administração Pública (CML)	Saberes teórico-metodológicos + Saberes operatórios	Qualidade científica + capacidade técnica	Autoconfiança	Próprios sociólogos	Interesse/empenhamento	Autonomia acentuada	“Sociólogo”	Pluralidade de papéis profissionais	Associação entre ciência e profissão
16. Eva; 28; Licenciatura; ISCTE-IUL; 2012; Brand Manager; Empresa	Saberes metodológicos	Capacidade técnica	Descrença	Próprios sociólogos	Distanciamento	Grande, nos lugares universitários	“gestora de marketing”	Pluralidade de papéis profissionais	Dissociação entre ciência e profissão

17. Miguel; 41; Licenciatura; ISCTE-IUL; 2003; Gestor de Ciência; Centro de Investigação Científico	Saberes metodológicos	Capacidade técnica	Descrença	Empregadores	Distanciamento	Pequena nos lugares não universitários	“Técnico gestor de ciência”	Investigação/Ensino	Dissociação entre ciência e profissão
18. Sónia; 45; Doutoramento; ISCTE-IUL; 1997; Técnica Superior/Socióloga; Organismo Público (Agência Erasmus +)	Saberes teórico-metodológicos + Saberes operatórios	Capacidade técnica + qualidade científica + Responsabilidade de Social	Autoconfiança	Próprios sociólogos	Interesse / empenhamento	Autonomia acentuada	“Socióloga”	Pluralidade de papéis profissionais	Associação entre ciência e profissão
19. Fátima; 45; Licenciatura; Universidade Autónoma de Lisboa; 1994; Organismo Público (POCH)	Saberes teórico-metodológicos + Saberes operacionais	Qualidade científica + capacidade técnica + responsabilidade de social	Autoconfiança	Próprios sociólogos	Interesse/empenhamento	Autonomia acentuada	“Socióloga”	Pluralidade de papéis profissionais	Associação entre ciência e profissão